



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA- UFPB

CENTRO DE EDUCAÇÃO-CE

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES-
PPGCR**

FOGUEIRA SANTA DE ISRAEL E O CONSUMISMO RELIGIOSO

HARRY CARVALHO DA SILVEIRA NETO

JOÃO PESSOA-PB

AGOSTO/2014

HARRY CARVALHO DA SILVEIRA NETO

FOGUEIRA SANTA DE ISRAEL E O CONSUMISMO RELIGIOSO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões, sob a orientação da Professora Dr^a. Maria Otília Telles Storni.

JOÃO PESSOA-PB

AGOSTO/2014

S587f Silveira Neto, Harry Carvalho da.
Fogueira Santa de Israel e o consumismo religioso / Harry Carvalho da
Silveira Neto.-- João Pessoa, 2014.
125f.
Orientadora: Maria Otília Telles Storni
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE
1. Ciências das religiões. 2. Consumismo religioso. 3.Fogueira
Santa - Israel. 4. Esperança. 5. Frustração. 6.Decepção.

UFPB/BC

CDU: 279.224(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

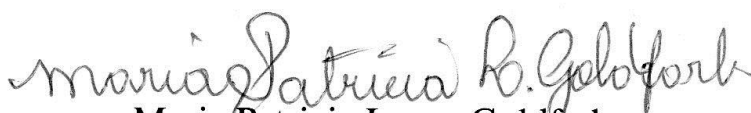
“FOGUEIRA SANTA DE ISRAEL E O CONSUMISMO RELIGIOSO”

Harry Carvalho da Silveira Neto

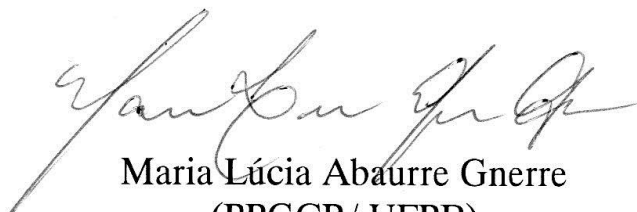
Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Maria Otília Telles Storni
(Orientadora/PPGCR/UFPB)



Maria Patrícia Lopes Goldfarb
(PPGA/UFPB)



Maria Lúcia Abaurre Gnerre
(PPGCR/ UFPB)

AGRADECIMENTOS

A todos os envolvidos que cooperaram, direta ou indiretamente, para a realização desse trabalho que era um sonho e se tornou realidade.

Aos meus familiares nas pessoas de Harry Carvalho da Silveira, Maria de Lourdes Lima da Silveira (avós maternos) e Julita Lima da Silveira (Mãe), pessoas essas que se dedicaram até últimos instantes para investir em todo meu arcabouço educacional, onde tive o privilégio de aprender sempre com qualidade.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões e aos funcionários do Departamento. Em especial aos Professores: Dr^a. Maria Lucia Abaurre Gnerre (membro da banca), Dr^a. Dilaine Soares Sampaio de França e a Dr. Thiago Antônio Avellar de Aquino, professores das disciplinas ofertadas, além da Professora Dr^a. Silvana de Souza Nascimento (membro da banca de qualificação) como também a Prof^a. Dr^a. Patrícia Lopes Goldfarb (membro da banca), que foram extremamente fundamentais e contribuíram para o meu aprendizado, desenvolvimento e vias finais desta dissertação.

À professora, orientadora e amiga Dr^a. Maria Otília Telles Storni, agradeço a dedicação na orientação acadêmica e pelo exemplo de luta pela vida no período em que esteve doente. Agradeço as críticas e sugestões, e principalmente pela confiança que depositou em um projeto ousado que idealizamos juntos, desde os primeiros passos. Agradeço pelas horas aproveitadas na construção dessa conquista, agradeço pelo carinho, atenção e estima que foi me passado durante esse tempo que nos relacionamos e também pela herança cultural na qual irei guardar durante toda minha vida.

Agradecer aos colegas de Mestrado e demais: Germano Costa, Anaize Anália, Silvana Chaves, Ângela Albuquerque, Gildo Xavier, Ana Cândida, Danielly Costa, Davidson Belo, Dávila Maria, Déborah Bezerra, Edileide Bezerra, Egivanildo Tavares, Elton Roney, Fabiano Cesar, Fábio Ferreira, Felix Antonio, João Arnaldo, Joselma Bianca, Karla Samara, Luana da Silva, Luize Anny, Manoel Pedro, Maria Dalva, Monique Suelen, Narjara Lins, Ramon Silva, Roberto Silva, Sílvia Regina, Virgínia Macêdo, Yarana Serrano, pelos laços de afeto, atenção e amizade que tiveram comigo, antes, durante e após essa odisseia.

Em especial às pessoas que disponibilizaram de seu tempo e cooperaram na construção dos discursos, contando suas trajetórias de vida aqui nesse trabalho, aos adeptos e ex-adeptos da Igreja Universal do Reino de Deus, pela confiança e pela iniciativa ao relatar os seus sofrimentos por meio dos testemunhos contados: Walter Ivan, Bruno Rocha, Danny Montaigne, Eli Silva, Andrea da Rocha e Cheik Wanawana.

RESUMO

A proposta desta dissertação foi a de fazer uma reflexão sobre o consumismo religioso que é um processo histórico e que se faz ainda mais presente nos dias de hoje dentro de uma das mais chamativas igrejas do cenário neopentecostal brasileiro, a IURD. Analisamos o processo de trocas simbólicas dentro de um evento que a mesma tem como carro-chefe de suas campanhas de doação de ofertas em troca de bênçãos, a Fogueira Santa de Israel. Além disso, buscamos compreender o conteúdo e funcionamento dos seus discursos da Teologia da Prosperidade, os quais pautados no direito a conquista da riqueza e bens materiais através dos sacrifícios – doações financeiras – feitos em nome da fé. Nosso objetivo geral foi: Analisar os testemunhos dos fieis participantes das Campanhas da Fogueira Santa de Israel da IURD, com as falas sobre as expressões da esperança e sucesso no atendimento dos mesmos, bem como, os simbolismos expressos nos relatos mais recorrentes das frustrações e decepções dos participantes que não obtiveram respostas aos sacrifícios feitos por eles. Para isso colhemos, através de dados secundários e na Internet, os discursos de esperança enquanto expectativas do atendimento dos pedidos feitos pelos fiéis, bem como os de frustração e decepção que os fiéis sentem quando não são atendidos dentro nessas campanhas. Os principais teóricos que inspiraram esta pesquisa foram: Lipovetsky (2007 e 2007), Bauman (2008), Baudrillard (1995 e 2000), Eliade (1992), Debord (1997), Kehl (1995).

Palavras-chave: Consumismo religioso; Fogueira Santa de Israel; Esperança; frustração e decepção.

ABSTRACT

The proposal of this dissertation was to make a reflection on religious consumerism is a historical process and is even more present nowadays in one of the most showy scenario Brazilian neo-churches, the UCKG. We analyze the process of symbolic exchanges inside of an event that has the same as flagship of their deals donation campaigns in Exchange for blessings, the Holy Fire of Israel. Furthermore we seek to understand the content and operation of your speeches of prosperity theology, which lined the right the conquest of wealth and material possessions through the sacrifices – financial donations – made in the name of faith. Our overall objective was: analyzing the testimonies of the faithful participants of campaigns the fire Santa of Israel of the IURD, with lines about the expressions of hope and success in attendance, as well as, the symbolisms expressed in most recurrent reports of the frustrations and disappointments of the participants who have not obtained answers to the sacrifices made by them. For this harvest, through secondary data and the Internet, the speeches of hope while expectations of care of the requests made by the faithful, as well as the frustration and disappointment that the faithful feel when they are not met within in these campaigns. The main theorists that inspired this research were: Lipovetsky (2007 and 2007), Bauman (2008), Baudrillard (1995 and 2000), Eliade (1992), Debord (1997), Kehl (1995).

Keywords: Religious Consumerism; Fogueira Santa de Israel; Hope; frustration and disappointment.

LISTA DE QUADROS

1. **QUADRO 1** - Questionário Aplicado Em Pesquisa De Campo _____ 18
2. **QUADRO 2** - Principais Reformas Ocorridas Na Idade Média _____ 50
3. **QUADRO 3** - Denominações Dos Protestantes No Brasil _____ 53
4. **QUADRO 4** - Calendário De Eventos Promovidos Pela IURD Durante O Ano _____ 80

LISTA DE FIGURAS

1. FIGURA 1 - Envelope Fogueira Santa de Israel	78
2. FIGURA 2 - Folder Fogueira Santa de Israel	79
3. FIGURA 3 - Site da IURD (www.universal.org)	79
4. FIGURA 4 - Site da Fogueira Santa de Israel - (www.fogueirasanta.com.br)	80

Sumário

APRESENTAÇÃO	11
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONSUMO E CONSUMISMO RELIGIOSO	23
2. O UNIVERSO DA PESQUISA: PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS	45
2.1. PINCELADAS HISTÓRICAS DO PENTECOSTALISMO E NEOPENTECOSTALISMO	46
2.2. CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DO PENTECOSTALISMO E NEOPENTECOSTALISMO	52
2.3 DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE	59
3. DADOS EMPÍRICOS	76
3.1. A CAMPANHA DA FOGUEIRA SANTA DE ISRAEL	76
3.2. DISCURSOS DE ESPERANÇA E SUCESSO	85
3.2.1 Familiar	86
3.2.2 Prosperidade	88
3.2.3 Cura e libertação	91
4. ANÁLISE GERAL E REFLEXÃO SOBRE OS DISCURSOS DE ESPERANÇA E SUCESSO	94
4.1 DISCURSOS DE FRUSTRAÇÃO E DECEPÇÃO	98
4.1.1 RELATOS DOS FRUSTRADOS E DECEPCIONADOS COM AS CAMPANHAS DA FSI	99
4.1.2 RELATOS DOS EX-OBREIROS E AUXILIARES DE PASTORES	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS	118

[...] a circulação torna-se a grande retorta social a que se lança tudo, para ser devolvido sob a forma de dinheiro. Não escapam a essa alquimia os ossos dos santos e, menos ainda, itens mais refinados, como coisas sacrossantas.

Karl Marx

APRESENTAÇÃO

A proposta desta dissertação é o estudo das trocas que se faz entre os fiéis e os pastores da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD. Essas trocas só existem porque são permeadas pelo sagrado propagado por esta denominação religiosa. Oliveira (2005) lembra que é notório o crescimento do movimento neopentecostal. Entende-se como neopentecostal o seguidor do movimento evangélico, que adota as práticas doutrinárias da Teologia da Prosperidade, da Batalha Espiritual e da Cura Interior, e esta é uma das novas formatações do evangelicalismo brasileiro. Este recente desenvolvimento é pautado por crenças massificadas, o que se comprova pela existência de grandes multidões em seus templos. Há também outras denominações neopentecostais que adotam o mesmo modelo teológico e respectivas práticas de trocas nas relações espirituais em que se oferecem bens materiais e dízimos em troca de bênçãos supostamente alcançadas através das intercessões dos pastores.

Esses frequentadores são geralmente identificados por sua adesão à já referida Teologia da Prosperidade e à confissão positiva centrada nos autointitulados bispos e apóstolos que são especializados em pregações convincentes para atrair fiéis a fazerem sacrifícios de doações financeiras para esta denominação. Vale enfatizar que os pastores que atuam nos templos da IURD não fazem formação teológica formal, embora desenvolvam habilidades oratórias. É surpreendente pelo fato de continuarem a crescer no Brasil, apesar de todos os escândalos, denúncias e processos judiciais por diversos motivos envolvendo seus líderes, que são noticiados pela mídia e deflagrados pelos órgãos federais, como se pode ver pelos títulos sugestivos encontrados nas fontes listadas abaixo:

- OINEGUE, E. “Só levei 100.000”. São Paulo, **Revista Veja** de 20/08/97, acessado pelo site http://www2.uol.com.br/veja/200897//p_009.html.
- SECCO, E. “O milagre do caixa da Universal”. São Paulo, **Revista Veja** de 03/11/99, edição No. 1622, acessado no site http://www2.uol.com.br/veja/031199/p_038.html.
- CARDOSO, Ro. “Bafafá da fé”. São Paulo, **Revista Veja** de 16/12/98, acessado no site http://www2.uol.com.br/veja/161298/p_149.html.
- PAIXÃO, R. “Maracanã da fé”. São Paulo, **Revista Veja** de 02/06/99, acessado no site http://www2.uol.com.br/veja/020699/p_132.html.
- PAIXÃO, R. “Ex-pastores querem indenização trabalhista”. São Paulo, **Revista Veja** de 03/11/99, edição No. 1622, acessado no site <http://www2.uol.com.br/veja/031199/pastores.html>.
- PAIXÃO, R. “As igrejas na mira do fisco”. São Paulo, **Revista Veja** de 03/11/99, edição No. 1622, acessado no site <http://www2.uol.com.br/veja/031199/pastores.html>.

As matérias acima citadas foram descobertas por Estima (2004, p.26-27), o que evidencia a existência de outras, mas, não continuamos esta busca por fugir do alcance desta pesquisa. Sobre o aumento destas denominações ocorrido no século XX Oliveira (2005) explica:

O aumento do número de evangélicos no Brasil tem despertado bastante interesse, se refletindo na atenção que a academia tem dado a este fenômeno, multiplicando o número de publicações, que buscam dar conta desse crescimento. Em pouco mais de meio século, a parcela de crentes passou de 3% para 15% da população brasileira o que representa um total de 25 milhões de pessoas (OLIVEIRA, 2005, p. 7).

De acordo com este mesmo autor, esse ambiente religioso neopentecostal se caracteriza pelo clima de insatisfação e desconfiança com relação às propostas religiosas tradicionais. Acrescente-se ainda, a crise de valores que está cada dia mais presente em todos os níveis da sociedade, principalmente no âmbito religioso. Nesse contexto os fiéis encontram supostas respostas, que seriam recebidas através de invocações configuradas como sagradas e que são apontadas por eles como bênçãos recebidas nas igrejas neopentecostais.

Para isso são utilizadas táticas simbólicas imediatistas que têm um formato padronizado: trocam-se valores materiais dos fiéis por bênçãos supostamente alcançadas através das invocações dos pastores. Para tanto, se dá prioridade às necessidades e problemas expressos pelos fiéis nas citadas confissões positivas, que pedem a Deus a solução dos mesmos, ou seja, por cada pedido se oferece uma quantia em dinheiro a qual deverá “reforçar” a fé que eles têm em alcançar as graças

pedidas. É num ambiente assim que as propostas religiosas “salvadoras” fazem sucesso, e esse tem sido o caminho trilhado por várias Igrejas neopentecostais, quando propõem soluções para os problemas enfrentados pelas pessoas que para lá se dirigem. Mas, o que ocorre com os frequentadores “cujos pedidos a Deus” não são atendidos?

A proposta desta pesquisa é analisar essas duas faces: 1) AS FALAS SOBRE A ESPERANÇA DE CONSEGUIR AS GRAÇAS E RESPECTIVOS SUCESSOS EM SEU ALCANCE; e, 2) OS RELATOS DA FRUSTRAÇÃO E DECEPÇÃO QUE SENTEM QUANDO NÃO AS RECEBEM, PRINCIPALMENTE, NAS CAMPANHAS DA FOGUEIRA SANTA DE ISRAEL. Esses dois aspectos compõem partes importantes da estrutura funcional desta igreja, portanto pretende-se analisar os respectivos discursos no contexto da IURD. Enfim, nosso objeto de pesquisa é a **comparação dos discursos de esperança e sucesso, por um lado, e de outro, de frustração-decepção dos frequentadores consumidores das trocas de oferendas de dinheiro por graças que foram pedidas e não foram recebidas por eles neste contexto de trocas de pedidos de bênçãos pelo dinheiro ofertado à IURD.**

A referida Campanha da Fogueira Santa de Israel – FSI - consiste de um período de intensa propagação da convocação para escreverem seus pedidos de bênçãos em papéis envelopados que depois são supostamente levados para Israel por alguns pastores que, em locais sagrados fazem uma grande e simbólica fogueira com todos os envelopes desses pedidos. Essa queima dos papéis com os pedidos significa que eles foram enviados para Deus. Essas campanhas são feitas nos templos da IURD por duas vezes ao ano. A base da referida campanha é a troca simbólica de bens materiais por bênçãos, que é feita com recursos que são acumulados com sacrifícios pelos doadores que participam destas relações de troca, que, vale ressaltar, são sempre acompanhadas de intensa emocionalidade e ansiedade por parte dos participantes. Por tudo isso esse esforço financeiro dos sacrifícios ocupa um lugar de destaque como meio de realização pessoal e social desses frequentadores, como pudemos observar nos relatos dos testemunhos.

A fé entra como sentimento impulsionador da esperança destes que fizeram suas doações de sacrifício, o que pode ser considerado como um autêntico “investimento” dos fiéis no Reino de Deus. As falas referentes aos discursos que acompanham os investimentos na esperança e respectivos sentimentos serão então focalizados em nossa pesquisa. As técnicas, falas e promessas feitas pelos pastores para convencerem os devotos a fazerem tal “investimento” também serão focadas através dos relatos dos fiéis porque são baseadas nelas que os templos conseguem arrecadar dinheiro, o que é considerado por eles como indispensável para o sucesso dessa campanha.

Com base nessa estrutura funcional da IURD perguntamos: **E se os devotos não são atendidos, como se sentem com a perda da ilusão apregoada pelos pastores e absorvida por eles? Quais são as diferenças entre os testemunhos da esperança e sucesso no alcance das graças e os desabafos de frustração e decepção quando não as conquistam?** Estas e outras indagações foram dirigidas para a pesquisa feita com os frequentadores da IURD, onde se pretendeu focalizar principalmente as falas sobre as suas participações nas campanhas anuais denominadas de Fogueira Santa de Israel. Também foi analisada a estrutura funcional da IURD, que está por trás delas e que foi expressa nos relatos dos fiéis.

Esta dissertação foi composta por quatro capítulos além das considerações finais, referências e anexos. No primeiro apresentamos o recorte do nosso objeto de pesquisa, justificativa, objetivos e as questões metodológicas desta dissertação. No segundo demos espaço às reflexões teóricas que inspiraram este trabalho. No terceiro estão os dados sobre o universo religioso onde se assenta esta pesquisa, além da apresentação dos principais componentes do discurso da Teologia da Prosperidade. O quarto capítulo apresenta os dados empíricos e respectivas análises.

OBJETO DE PESQUISA

A Fogueira Santa de Israel e seus efeitos de propaganda pelos discursos da esperança e sucesso, bem como os relatos das frustrações e decepções, compõem o foco principal do nosso objeto de pesquisa. É importante esclarecer que se trata de uma campanha que acontece duas vezes ao ano na IURD, em que os pedidos dos fiéis são supostamente levados por alguns personagens pastores para locais historicamente conhecidos como sagrados pela Bíblia, como o topo do Monte Sinai, no Egito. Com base nesse simbolismo, a fé e esperança dos participantes são estimuladas de forma massiva e insistente nos frequentadores-consumidores pelos pastores e é no decorrer desta campanha que os devotos se mobilizam para oferecer quantias em dinheiro com a expectativa ilusória de terem seus pedidos atendidos. Como já indicamos antes, a análise e comparação dos dados que respondem a essas perguntas dos dois aspectos do processo religioso da campanha da FSI configuram o objeto desta pesquisa.

Vale ressaltar que, durante a campanha, os fiéis são incentivados a dar “tudo o que têm” com promessas dos pastores de que serão amplamente “recompensados por Deus”, o que torna o clima comocional das igrejas bastante intenso, como já observamos preliminarmente nas falas. Como o

“sacrifício” é simbolicamente citado e estimulado pela própria Bíblia Sagrada (1995), nossa proposta é a de analisar as formas de como as pessoas incorporam essas expressões discursivas para, por exemplo, lançar mão de todo seu salário e/ou patrimônios e dinheiro de pagamento de coisas essenciais e o entregarem no altar atendendo aos apelos insistentes dos pastores. Nossa ênfase será dada principalmente aos elementos dos discursos recorrentes que surgem nesses dois momentos do processo de troca e consumo espiritual.

Entre esses testemunhos há, como já assistimos informalmente, os de fiéis que tiveram seus pedidos atendidos, o que é também uma estratégia de convencimento dos devotos necessitados que são incentivados a doarem seus sacrifícios principalmente em quantias de dinheiro. Afinal, as campanhas da Fogueira Santa de Israel, segundo as falas dos pastores citadas nos testemunhos, são consumidas pelos fiéis porque eles são convencidos de que podem ter concretamente “uma vida abundante” em todos os sentidos. Essas expectativas intensificadas, porém, podem ser frustradas e decepcionantes, então pretendemos captar também os discursos dos testemunhos dos que não tiveram suas respostas atendidas ou ainda se frustraram e se decepcionaram com as diferenças estruturais contraditórias entre o que se diz e se faz nesses templos. Aqui questionamos: Como os não atendidos reagem? Quais são os efeitos da frustração e decepção? Será que os fiéis voltam a reinvestir nas campanhas? Se voltam, até quando?

No fenômeno acima sintetizado, a formatação do procedimento religioso será captada, sistematizada e interpretada para que possamos analisar os elementos componentes destes discursos onde o sagrado se estrutura em forma das narrativas mais recorrentes. Pretende-se então desconstruir e reconstruir as concepções simbólicas e categorias que se estruturam nos referidos discursos.

Enfim, **pretende-se verificar como os discursos de esperança-sucesso e frustração-decepção se estruturam, se alternam e geram outros discursos relacionados com o consumo desta teologia de fé e sacralidade.**

JUSTIFICATIVA

A escolha deste foco se justifica pelo fato de haver poucos trabalhos acadêmicos de pesquisa que focalizam testemunhos com relatos que contêm, ao mesmo tempo, exaltações e críticas feitas às práticas de coleta de dinheiro feitas, no decorrer das Campanhas da Fogueira Santa de Israel. Recorde-se que estes focalizam mais as suas conquistas positivas como se fossem resultados da

“ação e intercessão dos pastores com Deus” e que são exaustivamente difundidos. Ou seja, as falas das graças alcançadas são predominantes, mas, não há muitas análises de relatos difundidos sobre as frustrações e decepções gerados pelos pedidos não concedidos e que têm sido escamoteados. Essa é a maior justificativa desta pesquisa.

O interesse que nos motiva é principalmente a análise das falas da frustração crescente comparadas com as da esperança neste contexto em que nem sempre são atendidos. Em outras palavras, há uma expectativa do atendimento dos pedidos dos fiéis, ou seja, a frustração deles, que é inversamente proporcional às expectativas dos devotos, é sempre omitida nos referidos templos. Aqui nos perguntamos: qual é o conteúdo simbólico que compõe os discursos de estímulo às expectativas caracterizadas pela “esperança” alardeada nos templos? Explicando melhor, como essas expectativas são manipuladas nos discursos da pregação nos templos? Para completar o questionamento perguntamos ainda: Quais são os efeitos dos discursos das frustrações e decepções dos que não são atendidos?

Esse encadeamento de questões e suas respostas empíricas é também uma importante contribuição desta pesquisa porque os discursos do binômio esperança-sucesso X frustração-decepção são construídos simbólica e massivamente nesses templos. Sua análise pode então clarear as relações de mercantilização religiosa entre os fiéis e os pregadores, já que suas doações materiais aparentemente enriquecem e permitem a expansão dos templos através desse consumo simbólico no contexto da IURD, embora nem sempre beneficiem os frequentadores.

OBJETIVOS DE PESQUISA

Objetivo Geral

- Analisar os testemunhos dos fieis participantes das Campanhas da Fogueira Santa de Israel da IURD, com as falas sobre as expressões da esperança e sucesso no atendimento dos mesmos tendo ampla divulgação desses resultados, bem como, os simbolismos expressos nos relatos mais recorrentes das frustrações e decepções dos participantes que não obtiveram respostas aos sacrifícios feitos por eles, dando voz aos que se envolveram com a IURD e foram silenciados não obtendo a mesma oportunidade de divulgação.

Objetivos Específicos

- Colher as falas sobre as promessas, esperanças e sucesso no alcance de benefícios dos fiéis que foram propagadas nas publicações da Igreja Universal do Reino de Deus durante as Campanhas da Fogueira Santa de Israel;
- Captar as expressões virtuais divulgadas na Internet sobre as frustrações e decepções destes frequentadores no caso de não terem seus pedidos atendidos;
- Analisar comparativamente a dinâmica do processo discursivo de esperanças e sucesso X frustrações e decepções dos fiéis participantes destas campanhas.

METODOLOGIA

De acordo com os objetivos acima delineados, pretende-se fazer a pesquisa com dados empíricos resultantes de relatos discursivos publicados sobre as esperanças e sucesso dos devotos no alcance de graças e sonhos de bem estar material e de saúde, bem como, captar as falas dos mesmos sobre a frustração e decepção quando não são atendidos. Esses últimos foram buscados através de redes ¹virtuais da Internet porque é onde os devotos desabafaram e expuseram seus relatos de frustração e decepção com maior facilidade fora do contexto dos templos, por não terem sido atendidos nas campanhas da Fogueira Santa de Israel. A escolha dessa fonte se deu pelo fato de se pretender evitar constrangimentos de exposição dos devotos que podem existir nos relatos feitos ao vivo.

O número de discursos publicados em livros, tanto quanto os coletados via Internet foi determinado pelo seguinte critério: quando eles se apresentaram de modo repetitivo, consideramos que estava na hora de interromper a coleta dos dados. Depois dessa primeira coleta das duas faces deste processo, selecionamos 6 (seis) testemunhos publicados em livro sobre a esperança e sucesso na conquista de graças, bem como, de 7 (sete) relatos de frustração e decepção encontrados na Internet. Para coletar as informações sobre os discursos de frustração na Internet, lançamos um questionário em uma rede social e determinamos aos colaboradores que eles teriam 10 dias para responder o questionário para que se pudesse escolher os mais significativos e então fazer as análises dos discursos. Tivemos vários testemunhos, mas o critério de escolha foi selecionar os que

¹ Via Facebook – Grupo fechado: Igreja Universal e suas doutrinas, acessado em: <https://www.facebook.com/groups/igrejauniversalesuasdoutrinas/>

apresentassem maior clareza e coerência com o tema da dissertação. Segue abaixo o modelo de questionário aplicado na pesquisa:

QUADRO 1

Questionário aplicado em pesquisa de campo	
Modelo de pesquisa - Métodos de Evangelização	
Pesquisa sobre os discursos de frustrações resultantes da FSI	
Nome Completo ou inicial: _____	
Endereço: _____	Bairro: _____
Cidade: _____	Complemento: _____
Data do preenchimento do questionário: ____/____/____	Horário: _____
Sexo: Masc. () Fem. () Idade: _____ Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o()	
Profissão: _____ Função ou Cargo Atual que exerce: _____	
Igreja: _____	Distrito: _____
Idade em que teve primeiro contato com a IURD: _____	
1. Nível socioeconômico	
() Classe Alta () Classe Média Alta () Classe Média () Classe Média Baixa () Baixa	
2. Nível Acadêmico:	
() Não Alfabetizado () Ensino Médio Completo () Mestrado () Fundamental Incompleto () Ensino Superior () Doutorado () Fundamental Completo () Ensino Médio incompleto	
3. Nasceu em Evangélico:	
() Sim () Não	
4. Em algum momento deixou a igreja:	
() Sim, estou fora () Não () Sim, fui Rebatizado	

5. Qual religião professava anteriormente: _____, ou () Nenhuma.

6. Se tinha religião, como era sua atuação: _____

() Ministro () Aspirante a ministro () Oficial Membro praticante () Membro esporádico () Apenas nominalmente.

7. Abordagem que me atraiu à IURD:

- () Prosperidade
- () Cura
- () Filhos de Deus
- () Terapia do Amor
- () Libertação
- () Jejum das causas impossíveis
- () Encontro com Deus

9. Mencione que coisas ou atitudes o ajudaram na sua participação na FSI:

() Angústia Existencial () Testemunho coerente dos iurdianos () Amizade com membros e familiares da IURD.

Outros: _____

10. Mencione que coisas ou atitudes foram dificuldades à participação na FSI:

() Oposição da família () Situação de desemprego () Religião anterior () Preconceito dos amigos contra a IURD

Outros: _____

11. Como conheceu a IURD?

12. Como tomou conhecimento da Fogueira Santa de Israel?

13. O que te fez participar do evento?

14. Qual foi sua oferta de sacrifício?

15. Qual sua necessidade de atendimento?

16. Você foi agraciado com o que esperava? Descreva os fatos.

17. Você não foi agraciado com o que esperava? Descreva os fatos.

18. O que aconteceu após o resultado da FSI? Você continuou na IURD? Descreva os fatos.

A metodologia desta pesquisa foi qualitativa. Bogdan e Biklen (1994) enfatizam que a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Os principais sujeitos desta pesquisa foram diretamente os devotos frequentadores e indiretamente os pastores e da IURD citados nos testemunhos sobre suas *esperanças* nas campanhas da Fogueira Santa de Israel, tanto nos livros publicados quanto em

entrevistas semiestruturadas dos frustrados e críticos que se dispuseram a fornecer dados ao pesquisador pela Internet.

Sobre essa técnica os autores acima citados lembram que “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 134). Esses mesmos autores esclarecem:

Nas entrevistas semiestruturadas fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos, embora se perca a oportunidade de compreender como é que os próprios sujeitos estruturam o tópico em questão. Se bem que esse tipo de debate possa animar a comunidade de investigação, a nossa perspectiva é a de que não é preciso optar por um dos partidos. A escolha recai num tipo particular de entrevista, baseada no objetivo da investigação. Para além disso, podem-se utilizar diferentes tipos de entrevista, em diferentes fases do mesmo estudo. Por exemplo, no início do projeto pode parecer importante utilizar a entrevista mais livre e exploratória, pois nesse momento o objetivo é a compreensão geral das perspectivas sobre o tópico. Após o trabalho de investigação, pode surgir a necessidade de estruturar mais as entrevistas de modo a obter dados comparáveis num tipo de amostragem mais alargada (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.135-136).

Esses dados foram sistematizados e foi feita uma análise de conteúdo das falas dos informantes. Segundo Bardin (1997), o verdadeiro fim da análise de conteúdo é a inferência, na medida em que permite a passagem da descrição à interpretação, enquanto atribuição de sentido às características do material que serão levantados e organizados. O material sujeito à análise de conteúdo é concebido como resultado de uma rede complexa de condições de produção, cabendo ao analista construir um modelo capaz de permitir inferências sobre uma ou várias dessas condições de produção.

Trata-se da desmontagem de discursos e da produção de novos discursos sistematizados através de um processo de localização-atribuição de traços de significação que deve manter uma estreita vinculação com a teoria escolhida pelo investigador a fim de cumprir com os objetivos propostos em sua pesquisa (VALA, 1986). Segundo Machado Pais (2003), a análise de conteúdo não se limita à superfície textual das entrevistas transcritas. As realidades semânticas (as ideias e seus significados) e pragmáticas (as dos usos) em relação às quais essa superfície textual adquire sentido constitui, justamente, o conteúdo de um texto.

Esse mesmo autor sugere que se destaque pequenos pedaços de texto que se estabelecem como unidades básicas de relevância - unidades de registro, às quais também ele denomina de unidades de sentido -, a um nível elementar, partindo de palavras que condensam conteúdos semânticos. Essas unidades, por sua vez podem ser concentradas em conteúdos-chave do processo

de análise – técnica em que, aliás, se utiliza sob o nome genérico de palavras-chave ou *key-word in context* como indica Machado Pais (2003, p. 116, *itálicos do autor*). Nesta pesquisa, vale acrescentar, foi feito um destaque nas palavras e expressões-chave através do comando do negrito e em alguns momentos, do *itálico*.

O objetivo foi o de sistematizar os dados articulando as constelações de palavras-chave ou unidades de registro com os respectivos enquadramentos contextuais para detectar os elementos discursivos simbólicos mais recorrentes. Estes se revelaram como marcos interpretativos que expressaram os sentidos secretos que estão nas entrelinhas das entrevistas.

Também foi utilizada a técnica de análise dos dados baseada na fenomenologia. Triviños (1987, p.41-48, *itálicos nossos*) define a fenomenologia como *o estudo das essências onde se descreve o mundo vivido dos sujeitos* – os sujeitos pesquisados descrevem suas experiências com base na expressão do que consideram importante para eles, dentro da temática intencionalmente proposta pelo pesquisador. Essa expressão do essencial depende da consciência do sujeito pesquisador e do sujeito investigado. Desta maneira, a *intencionalidade determina o resultado do que ficou da experiência na consciência do sujeito que a viveu*. É também o *apurado da história*, como indica Geertz (1989).

Segundo Piaget (*apud* TRIVIÑOS, 1987), a intencionalidade faz parte das peculiaridades íntimas dos sujeitos, e neste sentido foram focalizadas por existencialistas como Sartre, Camus, Marcel, Merleau-Ponty, Ricoeur, Heidegger e Scheler e outros, que tentaram interpretar sentimentos como angústia, temor, desesperança etc.

Triviños (1987), apoiado nesses autores, destacou o perigo dos conhecimentos resultantes da consciência de um só sujeito (reducionismo), mostrando que os fenomenologistas têm desejado transformar as formulações subjetivistas redutivas em enunciados verdadeiros para muitos sujeitos: é o que se denomina de *intersubjetividade*. Neste caso, trata-se das *interpretações do mundo* ou *cosmovisões*, que surgem intencionalmente na consciência dos sujeitos coletivos enquanto *atores*, com suas percepções dos fenômenos. O contexto cultural dos atores permite que, através de uma linguagem comum entre eles, se estabeleçam questionamentos, debates e busca de significados comuns para explicar a sua realidade. Em outras palavras, a *realidade é construída socialmente*.

Como a cultura é construída e portata pelo homem em toda a sua inteireza, abriga igualmente as ideias, sentimentos e valores. Estes compõem suas representações sociais coletivas, que são não só conceitos de entendimento racional, mas também categorias ou conceitos ligados às *afetividades*, como bem lembrou Lucien Lévi-Brühl (*apud* OLIVEIRA, 1984). Para ser

interpretada, a cultura pode ser tratada então como *texto*, ou seja, um sistema de conceitos e representações sociais passível de leitura(s). Em suma, esses foram os procedimentos de análise que desenvolvemos.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONSUMO E CONSUMISMO RELIGIOSO

Pode-se dizer que o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto a regime”, transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade [...].

Zygmunt Bauman

Neste capítulo pretende-se apresentar o fenômeno religioso dentro do contexto econômico capitalista dos produtos de consumo pós-modernos. É importante destacar que embora esse sistema dependa da distribuição e consumo das mercadorias, onde se incluem os produtos religiosos, nem sempre existiu a cultura do consumismo. Para explicar melhor, faremos a seguir um histórico sintético do surgimento desta prática no mundo, que inclui o universo religioso dentro do consumismo atual.

Iremos analisar em um breve histórico, os períodos que marcaram a economia. São eles: Século XVIII, o século no qual surgiu a Revolução Industrial, o Iluminismo (ou “Século das Luzes”) e também da Revolução Francesa; Século XIX, período da economia de mercado e da urbanização; e por fim o Século XX, onde nasce a sociedade de consumo e da cultura em massa. Gonçalves (2008, p. 18) complementa: “Assim como o homem criou a sociedade, a sociedade recriou o homem. Assim como o homem criou a indústria, a indústria recriou o homem”.

Segundo este autor, no “Século das Luzes” o que mais se destacava eram as ideias, artes e o avanço cultural, mas isto era restrito somente à elite. A burguesia tem um papel fundamental na mudança de valores e princípios e assim surgiram os ideais para a Revolução Francesa. Baseados na razão os burgueses estavam dispostos a se libertarem e a libertar todos aqueles que estivessem dispostos a um novo progresso quebrando grilhões tradicionais e alienatórios típicos da Idade Média Feudal. A Razão teria um discurso que levaria os novos membros da burguesia a se unirem por interesses coletivos e o coletivismo daria início ao nascimento da sociedade de massa.

Reis (2003, p.69) lembra que “o projeto moderno iluminista legitima toda violência contra o passado-presente, encarando como entrave, obstáculo à liberdade, e propõe uma ida vertiginosa ao futuro. A utopia racional, a realização absoluta da Razão legitima toda violência contra o passado-presente. O iluminismo levou a uma revolução permanente do vivido...”. Tudo isso vem do pressuposto de que nesse período a economia, o mercado e a circulação de mercadorias na qual

gerava o consumo não se davam a todos os setores da sociedade, beneficiando alguns e excluindo muitos.

Já durante o Século XIX, depois de muitos conflitos, ideologias e revoluções, a economia de mercado passou a existir efetivamente e a expandir-se também. A racionalização das ideias aplicadas junto à organização, ou melhor, da reorganização nas instituições jurídicas, na política e na administração fez com que houvesse uma centralização do modo de produção capitalista. Este século ainda continha a ideia de uma expansão e desenvolvimento do mercado como vimos no XVIII através das ideias e lutas pela concretização desses ideais e aqui veremos o término do que sobrou no que diz respeito à sociedade de subsistência: um fator que foi determinante para a extinção de um trânsito restrito e economicamente vagaroso do comércio medieval foi a urbanização que literalmente construiu portas e alargou caminhos para uma sociedade mais consumista e imediatista.

A CONSOLIDAÇÃO DA MODERNIDADE nos séculos XVIII XIX foi marcada por um conjunto de transformações nas práticas sociais, políticas e culturais que estiveram de modo crescente, orientadas pelo processo de racionalização da vida social, desde a secularização da cultura e mecanização da produção, um processo de “desencantamento” que se tornou um dos elementos essenciais da práxis da organização social moderna, articulando modos de vida e percepções de mundo, ideologias e imaginários (RETONDAR, 2007, p.23).

É no Século XX que veremos o resultado final de toda essa disputa pelo mercado e industrialização, com as duas guerras mundiais as quais deixaram sérias sequelas em toda Europa: A primeira sequela deriva-se da catástrofe física e mental, do tempo e da vida do homem, o temor, o terror e as mortes. E a segunda deriva-se do modo de produção e técnicas de produção para o mercado. Ambas estarão sempre acompanhando os homens, principalmente os que estão inseridos diretamente nos topos da sociedade capitalista. A sociedade de consumo vai surgir aqui nessa época não mais como resposta ao industrialismo ou como um mero resultado da economia, mas aparecerá como novo sistema social que envolve valores e iniciativas culturais que influenciaram na produção de “necessidades” que foram alicerçadas através das demandas contínuas e da própria diversificação social. As elites então desenvolveram aqui um papel, e o consumo elitista teve como base de ostentação um consumo luxuoso.

O papel do consumo de luxo da elite aristocrática como base para a formação e introdução de novos segmentos sociais na atividade de consumo se tornou essencial como forma de diferenciação e mobilidade social, tão almejada pelos principais estratos burgueses que desejavam sua inclusão como participantes nas esferas do poder social, entre elas, a do consumo conspícuo de um conjunto de bens de luxo que significava, acima de tudo, expressão de civilidade, elemento fundamental nas estruturas de emulação social (RETONDAR, 2007, p. 31).

A expressão “capital humano” surgiu logo após a Segunda Guerra Mundial, e inseriu o indivíduo como parte integrante do sistema de produção, além de se referir também ao trabalhador como um consumidor. Com o coletivismo e o surgimento da sociedade de massa surgiu também o conceito de cultura de massa, que se traduziu em toda cultura e consumo transformada em produto. De acordo com Gonçalves (2008, p.23), “a cultura se divide em cultura de massa e em cultura superior, erudita e/ou acadêmica – antes disso a cultura se dividia em popular e em superior/erudita. A sociedade foi produto desse contexto; a cultura de massa, dessa sociedade”. Então, chegamos à conclusão de que a cultura de massa teve fortes pilares: o processo de acumulação capitalista, o potencial industrial e por fim a popularização do consumo. Baseando-se nessa conjuntura histórica podemos dizer que os nossos antecessores faziam parte de uma sociedade que produzia uma sociedade restrita e presa ao controle superior, e que nós fazemos parte de uma sociedade que consome livres e presos ao mesmo tempo. Antes o mercado não era aberto a todos, mas hoje todos estão abertos ao mercado.

Essa abertura cria uma cultura global e se forma então o termo Globalização – processo de culturas e mercados pelo mundo – pela qual estamos passando. Esse processo nada mais é que a expansão do modo capitalista pelo mundo e tem como base de fortalecimento a Guerra Fria na qual se iniciou a expansão dos mercados e produção cultural das indústrias por todos os continentes. O que denominamos globalização é um processo imposto pelos estados capitalistas para que haja uma cultura de consumo, uma mundialização do comércio, um fenômeno socioeconômico. Como Featherstone (1997, p.21) diz sobre a globalização: “As culturas heterogêneas tornam-se incorporadas e integradas a uma cultura dominante, que acaba por cobrir o mundo inteiro”. E através de uma observação dos fatos e da evolução desse processo vemos que um dos grandes objetivos, se não o maior, é de transformar o mundo em um grande e único mercado que terá uma sólida relação entre consumidores e fornecedores.

Outro objetivo desse fenômeno seria formar uma cultura de consumo totalitária, com a ressignificação das ideias, valores e conceitos de “mercado” e “cultura”. Retondar (2007), apoiado em Norbert Elias, usa o termo alemão “Kultur” para afirmar que há um conjunto de manifestações exteriores às tradicionais e esses conceitos são resultados referentes às sociedades modernas para dar significados além do original para esses termos. E o principal elo entre o mercado e a cultura será o consumo que racionaliza todo o mundo. Veremos que a globalização tem duas facetas, uma insere e favorece as pessoas que têm um perfil potencializado para o consumo, e a outra é a que

exclui as pessoas que não têm condições de consumir os produtos e as mercadorias de um mercado globalizado; então, a peça-chave desse processo é o capital.

A globalização, com efeito, disseminou uma cultura própria, a de consumo. Não somente o consumo dos produtos e serviços elementares à existência humana, mas também uma prática de consumo como a razão primeira e última dos atores sociais. Neste contexto, diante dos mais variados dilemas do presente século, resta ao homem contemporâneo consumir. Está é a opção mais proeminente que o mercado capitalista proporciona aos indivíduos (SILVA, 2012, p. 6).

Vemos então que nesta cultura globalizada, o homem se perde, ou seja, perde parte de si, não se localiza e nem acha seu paradeiro, e nesta constante busca por si mesmo e um preenchimento de seu vazio é induzido pelo mercado capitalista a consumir, e assim terá um alívio passageiro, um imediatismo ilusório até a próxima compra. O mercado globalizado aliena os que dependem de um preenchimento utópico de algo que lhes falta. Na dimensão da globalização, muitas pessoas são vistas como parte do coletivo por serem massificadas. O mais interessante, no nosso entender, é que enquanto buscam satisfazer seus desejos através do consumo, não sabem, eles ou elas, que são diretamente dependentes desse mercado consumível que vicia e sufoca. Kehl (1995, p.372) lembra que o “desejo é indissociável de sua significatividade...”.

Pois essa fome do mundo, essa libido passeadora que parece querer provar sempre um pouco de tudo mesmo quando aparentemente satisfeitas em suas demandas essenciais - alimento, amor -, essa fome é típica do humano, diferenciadora entre o que é do homem e o que é da natureza. Essa fome nos permite dizer com tranquilidade que a pulsão não é da mesma natureza que o instinto, já que o instinto se define por seu objetivo, enquanto a pulsão permanece móvel, capaz de abraçar o mundo entre seus objetos. (...) A alegria de desejar depende de uma certa dose de confiança no real, uma certa quantidade de experiências de gratificação que permitam esperar que esse lugar externo ao psiquismo para onde se espraia a ‘fome do mundo’ seja um lugar de onde pode vir alguma espécie de prazer e alguma espécie de confirmação, de aplacamento, pelo menos temporário, de minhas indagações. É quando a realidade da nossa experiência é de certa forma amistosa, quando a realidade cede ao acordo que o desejo faz com suas exigências, que a fome do mundo é sentida como antecipação feliz, afirmação do sujeito que ao dizer ‘eu quero’ está também dizendo ‘eu posso’ ou, pelo menos, ‘eu acho que posso’ (KEHL, 1995, pp. 366-367).

Vale ressaltar que o desejo, de acordo com Kehl (1995), pode ser plural ao se referir aos objetos ofertados pelo mercado, onde se alimentam as ilusões do prazer da dissipação das compras, ou então, pode ser singular, quando se refere ao desejar o desejo – singular – do/s outro/s, que além de não negar o desejo individual pode beneficiar coletivamente os grupos e comunidades através da solidariedade e consciência. Com base nesses dois tipos de desejo, o plural e o singular, questiona-se: qual é o ou os desejo/s e necessidade/s que os discursos pentecostais iurdianos se propõem a satisfazer?

É importante destacar que a cultura de consumo é uma cultura criada pela própria sociedade de consumo, ou seja, percebe-se que os principais fatores são os sociais e os econômicos. A aparência produzida pela publicidade tem uma importante relevância na cultura de consumo, já que é ela que atrai e desperta os desejos e vontades plurais do consumo.

A aparência na qual caímos é como um espelho, onde o desejo se vê e se reconhece como objeto. Tal como é uma sociedade capitalista monopolista, na qual as pessoas se defrontam com uma totalidade de aparências atraentes e prazerosas do mundo das mercadorias, ocorre por meio de um engodo abominável algo estranho e pouquíssimo considerado em sua dinâmica (HAUG, 1997, p.77).

No começo da Revolução Industrial a produção e também a oferta de produtos e serviços foi crescendo e se expandindo e isso resultou numa projeção e uma produção maior do que a do consumo de mercadorias em si mesmo. A demanda era alta e neste processo as pessoas passaram a confundir prioridade com necessidade e muitos achavam que necessitavam de coisas que apenas precisam para complementarem outras e na verdade a necessidade em si se torna produto secundário de um comércio de valores invertidos. Hoje os hábitos estão determinando diretamente as relações sociais; por exemplo, alguém compra um automóvel importado, um produto de alto valor e essa compra, a amostra da mercadoria em si demonstra que esse tipo de consumidor pertence a uma determinada classe social. É o que Lipovetsky (2007) chamou de consumo distintivo.

Em relação ao consumo Canclini propõe um distanciamento do senso comum, que para tal senso está arraigado a “gastos inúteis” e “compulsões irracionais”. O autor acima citado concorda com Manuel Castells, que aponta o consumo como um lugar de realização, distribuição e apropriação de bens. Tendo em vista esses comentários concordamos que consumir significa participar do ambiente de disputas em torno do que é produzido pela sociedade que luta por uma distinção simbólica. O autor ainda enxerga os objetos materiais como “acessórios rituais” que substancializam o investimento afetivo realizado. O mercado e suas mercadorias servem-nos para pensarmos porque o consumo é um meio de reflexão sobre o indivíduo, as relações interpessoais como também sobre a organização e a ordem social. Canclini (p. 59) afirma, “O consumo é um processo em que os desejos se transformam em demandas e em atos socialmente regulados”.

O consumo de alguns tipos de produtos e serviços, entre outros, pode ser a porta de entrada em algumas categorias da sociedade. Hoje a classificação de pessoas pode ser determinada pela aparência e isso afeta diretamente o meio das relações entre as pessoas. É bom deixar bem claro que, como antes, as pessoas se tornam reféns do mercado e sua participação neste funciona para atender as suas supostas necessidades de sobrevivência. Mas, há também o efeito colateral de as

peças entrarem na dimensão do consumo prevendo os resultados de suas compras, ou seja, estão bem conscientes de que sua participação o incluirá ou o excluirá de determinadas classes.

Assim, para a corrente da tela, o consumidor conscientemente faz cálculos de seu ato de consumo com vistas a reivindicar status social. Contudo, segundo entendemos, o ambiente social exerce predominantemente influência no comportamento de ostentação, visto que é a sociedade de consumo que valida tais práticas consumistas (SILVA, 2012, p. 19).

Veremos então que há dois tipos de processos, o consumismo e o consumo, um por necessidade e outro por manutenção ou apropriação de um determinado status. Weber (2004, p.46) em sua obra “Ética protestante e o espírito do capitalismo” previne: “Lembre-se que o dinheiro é de natureza prolífica e geradora. O dinheiro pode gerar dinheiro, e seu produto gerar mais, e assim por diante”. A geração do dinheiro domina o homem e ele faz isso por toda vida tendo como propósito uma satisfação pessoal, e, essa lógica é inversa à relação natural e tradicional do modo de vida onde o capitalismo guia todos com esse mesmo pensamento, de que o dinheiro é a mola que move o mundo. A economia capitalista se compara a um cosmos onde as pessoas nascem e crescem em uma ordem premeditada dos afazeres de sua vida, força o indivíduo todo o tempo, e uma vez comprometido, é sempre comprometido às normas capitalistas. Esse fenômeno seleciona e “educa” os indivíduos que assim se tornam sujeitos desse processo de sobrevivência em um mundo habitado por cifras. Esse espírito do capitalismo luta o tempo todo contra forças contrárias, as quais querem tirar os “eleitos” de sua órbita alienadora.

O homem não deseja “naturalmente” ganhar mais e mais dinheiro, mas viver simplesmente como foi acostumado a viver e ganhar o necessário para isso. Onde quer que o capitalismo moderno tenha começado sua ação de aumentar a produtividade do trabalho humano aumentando sua intensidade, tem encontrado a teimosíssima resistência desse traço orientador do trabalho pré-capitalista. E ainda hoje a encontra, por mais atrasadas que sejam, as forças de trabalho (do ponto de vista capitalista) com que tenha que lidar (WEBER, 2004, p.54)

Vejamos o que ²Bourdieu e Saint-Martin (1976) afirmam a respeito do gosto de classe e estilo de vida:

Às diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência (aquilo que chamamos estilo de vida) porque são o produto do mesmo operador prático, o *habitus*, sistema de disposições duráveis e transponíveis que exprime, sob a forma de preferências sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é o produto. O gosto, propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada

² Reproduzido de BOURDIEU, P. e SAINT-MARTIN, M. Gofts de classe et styles de vie. (Excerto do artigo "Anatomie du goftt".) *Actes de Ia Recherche en Sciences Sociales*, nº 5 , out. 1976, p. 18-43. Traduzido por Paula Montero.

categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida. O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou *héxis* corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da *unidade de estilo*.

Se o indivíduo cresce em berço capitalista de classe alta, ele vai crescer sustentado por uma educação de buscas intermináveis por lucros, poder e ascensão onde se tornam legais as táticas e investidas de se ganhar dinheiro, e aparentemente não há limites para isso. Já para aqueles que não nasceram nessa classe social, o que resta é tentar ganhar dinheiro através das forças de produção e da sua força de trabalho, aí as relações entre capitalistas e trabalhadores surgem tanto como um relacionamento aproximado - da busca por trabalho pelos indivíduos -, bem como, surgem os direitos de cada um ao querer se sobressair ou reivindicar ações para melhorias de ambas as partes, ainda que haja sempre a exploração do trabalho como comprovam as ideias marxistas. O espírito do capitalismo precisa tanto de vocação como de devoção, afirma Weber (2004), pois para ele esses dois elementos irão contribuir e incentivar a geração das condições de sobrevivência na batalha econômica por uma existência clara do capitalismo em si.

Houve um tempo em que os indivíduos que pertencem e tem em si um espírito capitalista era hostil a outras instituições que não fossem as indústrias e as geradoras de trabalho. Hoje vemos uma adaptação do capitalismo que adentra em outros setores e instituições; ontem, segundo este autor, a religião servia para afastar as pessoas do mundo, da busca incessante por bens materiais, por desejos carnis e por qualquer satisfação pessoal que não fosse o trabalho e a sustentação por meio dele. Atualmente, de acordo com a teologia da prosperidade das igrejas evangélicas, vemos que em muitas instituições religiosas o capitalismo se faz presente em formar incentivo a um modo diferente de viver neste mundo, e os valores se modificaram, e os conceitos foram editados para que haja uma aceitação e adequação no novo sistema capitalista/religioso.

Hoje se pode desenvolver uma religiosidade expressa nessas igrejas para se buscar o “mundo” de forma em que o indivíduo possa sobreviver sem passar por necessidades, e esse buscar do mundo significa ter condições financeiras e materiais para atender alguns dos desejos dos seres enquanto humanos. Na visão protestante o homem na Terra deve “trabalhar naquilo que lhe foi destinado, ao longo de toda a sua jornada, para a glorificação de Deus” (WEBER, 2004, p. 123). Antes, no início do capitalismo, trabalho era a própria finalidade de vida. A utilidade de uma vocação e a busca do lucro era tida como positivas para Deus, de acordo com a ética protestante, sendo a riqueza má apenas se desviasse o homem para os pecados do ócio e da carne.

Ou seja, depois do desencantamento do universo religioso tradicional e ascético, o capitalismo entrou na religião de forma mais aceitável com um discurso de que se pode viver buscando “o melhor” que seria o plano superior, mas também o plano que antecede a este, assim, veremos que até mesmo no espaço sagrado o profano demarca suas posses. Existem religiões que dividem o espaço e usam explicitamente as estratégias de marketing do capitalismo e isso serve para que se satisfaçam as preocupações, anseios, desejos e necessidades que só a religião poderia aquietar. Muito mais que adentrar na religião, o capitalismo virou uma crença na qual não se conhece nenhum dogma ou teologia, e se tornou o próprio culto. Esse fenômeno é oriundo do capitalismo moderno e pós-moderno e possivelmente é parte integral de todas as formas de vida.

Por toda a história humana, as atividades de consumo ou correlatas (produção, armazenamento, distribuição e remoção de objetos de consumo) têm oferecido um suprimento constante de “matéria prima” a partir da qual a variedade de formas de vida e padrões de relações inter-humanas pôde ser moldada, e de fato foi, com a ajuda da inventividade cultural conduzida pela imaginação (BAUMAN, 2007, p. 38).

Portanto, o ato de consumir se processa por necessidade de sobrevivência, mas consumir em excesso se torna consumismo ou hiperconsumo, como define Lipovetsky (2007). Existe uma vasta diferença entre ambos os processos, enquanto o consumo está ligado a uma característica básica que ocupa o homem como indivíduo, o consumismo liga-se ao processo de pressão coletiva massificada de toda sociedade. O consumismo é desejo (massificado), é vontade (individual e coletiva) de adquirir algo com ambição, é ter necessidade imediata, é implantar na mente das pessoas que elas vão ter e buscar o objeto de desejo até ser adquirido sem medir consequências. Esse processo consumista é tão forte que interfere na conduta do indivíduo e de toda sociedade envolvida através dessa constante busca, sendo que agora é fortemente reiterada pelos discursos da teologia da prosperidade que se apresentam nos templos, especialmente os da IURD.

Na sociedade dos produtores o consumo era visto, no século XVIII, como base de segurança e prosperidade e a orientação a ser seguida era de controlar os desejos humanos em ambientes confiáveis e que houvesse manutenção para que fossem duradouros (produtos e serviços), como ressaltou Weber (2003), na sua análise da ética protestante. Uma grande quantidade de bens significava que essa posse era segura e prevenida contra alguns imprevistos do destino, onde os bens não eram destinados para o consumo imediato, e sim para garantir o futuro dos produtores ou de seus legados. Só os bens duráveis e resistentes poderiam fazer com que os produtores fossem prósperos e assim dar continuidade ao prestígio espiritual e social em que eram inseridos.

No nosso entender, quando não dava certo, essa estratégia de se guardar para prosperar, sempre existia uma ressurreição e tentativas para um resgarde ou uma nova chance de empreendimento. As ferramentas e estratégias eram repetidas para que se houvessem novas expectativas. Hoje o que há é um desprezo por tentativas frustradas de prosperidade, não há um novo começo, e sim se joga fora e se cria novas condições, um desejo não realizado é substituído por outro, o mesmo desejo não é mais possível de ser satisfeito pelo menos no modo como se busca. Isso é esperado de uma economia consumista que se alimenta do trânsito de mercadorias que se inovam a cada dia, sendo que a movimentação financeira não espera e sim avança em novas tendências para o consumo.

A sociedade de consumo tem como base de suas alegações a promessa de satisfazer os desejos humanos em um grau que nenhuma sociedade do passado pôde alcançar, ou mesmo sonhar, mas a promessa de satisfação só permanece sedutora enquanto o desejo continua insatisfeito; mais importante ainda, quando o cliente não está plenamente satisfeito – ou seja, enquanto não se acredita que os desejos que motivaram e colocaram em movimento a busca da satisfação e estimularam experimentos consumistas tenham sido verdadeira e totalmente realizados (BAUMAN, 2007, p.63).

Segundo este autor, o “realizado” nunca ocorre, a tendência é sempre querer mais e mais, e o que já se alcança fica para trás e a demora por se satisfazer novamente já se encontra na próxima esquina. Antes se trabalhava para sobreviver e hoje se trabalha – em algumas camadas da sociedade – para viver sobre a insatisfação da suposta sobrevivência básica. A sociedade de consumo tem uma estratégia de manter o consumidor nunca satisfeito e essa estratégia é bem simples, quando os consumidores colocam a mão nas mercadorias ou serviços eles já foram vendidos e perdem o valor para a própria sociedade consumidora.

Por exemplo, se comprarmos um carro por um determinado valor em uma concessionária, depois de alguns dias esse veículo já não terá o mesmo preço para troca ou venda, fazendo com que o consumidor busque artifícios para valorizar este produto e também se satisfazer através de outro consumo. E isso que deveria ser um esforço ou um simples ato de busca pela resposta àquela necessidade pode se tornar uma compulsão ou um vício. O consumismo tem uma forma de economia que é enganosa, pois se faz muito desperdício, tanto de dinheiro como dos desejos.

Os desempenhos individuais são os principais indícios da vocação consumista. O mercado proporciona ao mesmo tempo serviços que podem ser necessários para o desempenho individual com fluidez, mas também proporciona preocupação ao consumidor. Os consumidores que não atingem a realização de seus desejos e vontades se sentem inaptos nessa sociedade de consumo e tendem a ser excluídos; são consumidores falhos e a própria sociedade de produtores os afasta para

que não haja esperança sem compras, sem consumo e nunca atenderão a demanda da cultura de consumo criada por uma sociedade consumista.

Consumir, portanto, significa investir na afiliação social de si próprio, o que, numa sociedade de consumidores, traduz em vendabilidade: obter qualidades para as quais já existe uma demanda de mercado, ou reciclar o que já se possui, transformando-as em mercadorias as quais as demandas podem continuar sendo criadas (BAUMAN, 2007, p.76).

Ou seja, quando não se consome dentro de uma esfera consumista, não se satisfaz individualmente e nem satisfaz a sociedade e a cultura na qual o principal objetivo é sempre consumir. Como “castigo autoinfligido” esse indivíduo fica às margens de uma dimensão mercadológica.

Um dos principais objetivos para a sociedade do consumo será a modificação ou a remodelação do consumidor, ou seja, a conquista através do consumo pode ser sempre renovada quando não mais satisfaz tanto os serviços e produtos. Em consequência os sujeitos, eles próprios, quando se sentem insatisfeitos, podem se refazer e se tornarem sempre uma mercadoria ou produto dela. Sendo eles uma mercadoria, a qualidade é que determina sua autenticidade dentro da sociedade de consumidores. Fazer de si mesmo uma mercadoria vendável consiste em girar sempre na esfera da cultura de consumo onde uma vez membro da sociedade de consumidores, sempre consumidor, o que inclui a sua emocionalidade.

Essa tarefa chega a assustar, pois, é interminável, é um círculo vicioso, é uma forma opressiva de alienação. Esta se refere ao temor de o indivíduo não conseguir ser atendido na expectativa dos sonhos materiais, que fabricam nos sujeitos os impulsos de sempre buscarem mais e mais até atingir os patamares determinados pelo mercado. Essa busca é o processo, em sua gênese da movimentação, de trânsito consumista em que a sociedade joga as pessoas e ali as mantém como se fossem aprisionados dentro de mais uma “caverna”, metáfora que evidencia a produção da ilusão, isolamento e transitoriedade desta prática. A teologia da prosperidade da IURD reproduz esse aprisionamento com marketing e criatividade.

A sociedade de consumidores tende a romper os grupos ou torna-los eminentemente frágeis... O consumo é uma atividade um tanto solitária, mesmo quando, por acaso é realizado com alguém. Da atividade de consumo não emergem vínculos duradouros. Os vínculos que conseguem se estabelecer no ato do consumo podem ou não sobreviver ao ato (BAUMAN, 2007, p. 101).

O objetivo de toda produção é o consumo – isto é uma perspectiva da economia clássica – onde os indivíduos procuravam concretizar através da comercialização ou da apropriação, os seus mais altos e imediatistas desejos. Esta realidade fez, por isso mesmo, com que a prática do consumo

fosse algo controlado e manipulado. Featherstone (1995, p.32) reitera: “as atividades de lazer, a arte e a cultura de modo geral são filtradas pela indústria cultural: a recepção é ditada pelo valor de troca à medida que os valores e propósitos mais elevados da cultura sucumbem à lógica do processo de produção e do mercado”.

Em todos os âmbitos da nossa vida as imposições propostas pela sociedade do consumo estão cada vez mais nos aprisionando e fazendo com que o homem esteja cercado pela atratividade e direcionamento do consumo. Compra-se no lazer, nas praias, nos supermercados, no trabalho, na igreja e até mesmo dentro de casa, através da informática e Internet. A questão toda se baseia na satisfação, felicidade ou realização, e tudo isso se repetirá por várias e várias vezes, pois os bens adquiridos são temporários e sempre se dissolvem a cada novo oferecimento imposto pelas “necessidades”, que são criadas tanto pelos produtores quanto pelos consumidores. No nosso entender essa repetitividade acaba por transformar o consumo, em alguns momentos, numa espécie de transe, já que atua em nível subjetivo, emocional e marcado por uma sólida estrutura simbólica. É nessa perspectiva emocional subjetiva que a religiosidade, via teologia da prosperidade, atua, já que a fé e o desejo estão no mesmo universo comocional.

Raymond Williams (1976, p. 68) lembra que “um dos primeiros usos do termo *consumir* significava destruir, gastar, desperdiçar, esgotar”. Em termos críticos os filósofos como Bauman, (2007), Lipovetsky (2007) e outros sugerem, em suas reflexões, que haja uma rédea que controle e canalize esse ato do consumo. Esta reconscientização estaria na base de se construir um novo tipo de percepção ecológica para acabar com a cultura de que quanto mais se consome “melhor”, ou seja, quanto mais rápido se acaba a mercadoria e se refaz o desejo pelo consumo, “melhor”.

Tudo isso muitas vezes está ligado sempre ao estilo de vida, que também é uma moda e modo de ser visível em forma de produto/s. Veículos, opção de lazer, casas, a comida, a bebida, a estética do corpo, as roupas, as profissões etc. de uma pessoa indicam como ela é, e marcam um estilo do proprietário e do consumidor, e isso inclui ou exclui os indivíduos. Essa é uma cultura de consumo que propõe uma nova ramificação da nomenclatura de uma sociedade onde os gostos irão ser massificados e o consumismo formará novas sociedades embutidas em seus condomínios fechados ou dentro das cercas capitalistas.

Usar a expressão cultura de consumo significa enfatizar que o mundo das mercadorias e seus princípios de estruturação são centrais para a compreensão da sociedade contemporânea. Isso envolve um foco duplo: em primeiro lugar, na dimensão cultural da economia, a simbolização e o uso dos bens materiais como “comunicadores”, não apenas como utilidades; em segundo lugar, na economia capital, competição e monopolização – que operam dentro das esferas dos estilos de vida, bens culturais e mercadorias (FEATHERSTONE, 1995, p.121).

Ou estamos ligados à materialidade das coisas, da vida material e da estética visível em estruturas físicas, ou estamos ligados ao enfrentamento direto ou indireto no campo racional mental, onde a proposta é se diferenciar de alguém e ao mesmo tempo ser igual em termos de inclusão no universo do consumo. O material e o ideológico estão ligados e unem ou separam os indivíduos e isso é resultado dessa busca constante por satisfação pessoal onde se valorizam as aparências do ter em detrimento do ser, como lembra Debord (1997).

A desigualdade na distribuição de bens e serviços não é apenas um fator da desigualdade social, mas, também do desejo impulsivo pelas realizações que também determinam essa desigualdade autoimplantada pelos consumidores, onde a origem das separações entre as classes é efeito do consumo também. “A tendência da cultura de consumo para diferenciar, para estimular o jogo das diferenças, precisa ser matizada pela observação de que as diferenças precisam ser reconhecidas e legitimadas socialmente: a alteridade total, assim como a individualidade total, corre o risco de ser irreconhecível”, afirma Featherstone (1997, p. 124). O gosto do social nada mais é que a legitimação de interesses de consumo que une as pessoas que tendem a se manter em um nível de “igualdade” cultural consumista e as separam também daquelas que não fazem parte desse fenômeno. O ato de consumir, para todos, pode existir de forma direta ou indireta, mas o ato do consumismo exacerbado não é para todos.

O derivado de consumo é o consumismo, e esse vem sendo analisado a partir de duas óticas discursivas. O primeiro discurso afirma que o modelo consumista esgota com os bens naturais do planeta, fomenta a individualização fútil dos seres, aliena e privilegia o ego e tudo isso se reflete ou se transforma em uma violência social/simbólica implícita e/ou explícita. Por outro lado existe um segundo discurso no qual a própria sociedade de consumo defende como uma porta para a liberdade, razão, progresso e valores relacionados com produtos prazerosos.

Quando se analisa o consumismo, nasce a questão de como estabelecer as fronteiras entre este e o consumo. Compreender a partir de que limite um comportamento de consumo pode ser definido como consumismo não é tão simples. A partir de que patamar pode-se afirmar que alguém está incorreto em um comportamento consumista? Como demarcar fronteiras? (SCHWERINER, 2008, p. 23).

A questão é que o consumo sacia momentaneamente as necessidades e os desejos, desde os mais remotos como também aos supérfluos. Podem-se consumir alimentos, medicamentos simplificados, transportes públicos, tendo esses em vista como necessidades “básicas”, bem como, também se pode consumir cardápios mais sofisticados, medicamentos mais caros, automóveis com

ar-condicionado, e todos esses já estão em uma dimensão maior dos desejos. Vejamos o que diz um dos maiores especialistas em marketing, Kotler (1998), sobre a necessidade e desejos:

Necessidade humana é um estado de privação de alguma satisfação [dita como] básica. As pessoas exigem alimento, roupa, abrigo, segurança, sentimento de posse e autoestima. Essas necessidades não são criadas pela sociedade ou empresas. Existem na delicada textura biológica e são inerentes à condição humana. [...] Desejos são carências por satisfações específicas para atender às necessidades. Um norte-americano precisa de um alimento e deseja um hambúrguer, batatas fritas e uma Coca-Cola. [...] Uma pessoa faminta na Ilha Maurício pode desejar mangas, arroz, lentilhas e feijão (KOTLER, 1998, p.27).

As necessidades são limitadas, os desejos são infinitos, e é baseada nesses desejos ilimitados que se alimenta a sociedade de consumo, fermentando e açucarando os consumidores com bens, serviços e produtos que não cabem nesse prato largo e fundo dos desejos e do próprio consumismo. Aqui vale questionar: Será que os discursos dos pastores e fiéis como os da IURD estão pautados pelas necessidades ou pelos desejos? Vestir-se é uma necessidade, mas, de quantas peças de roupa precisa uma pessoa? Isso depende muito da classe social e profissional do indivíduo. Fatores como espaço e tempo são determinantes entre os desejos e as necessidades, o espaço por delimitar as fronteiras e o tempo por delimitar a satisfação e/ou a busca por uma nova satisfação.

O consumo é, de fato, todo um processo que principia antes da compra em si, com a procura. Envolve todo o tempo de forma de utilização do bem ou serviço, e só termina com descarte final da mercadoria. Assim o termo consumo está umbilicalmente ligado aos conceitos de compra, posse e uso. E o superlativo de uma ou mais dessas ações sinaliza o consumismo. No cerne deste, reside um estado de consumo superlativo, mesmo porque o sufixo ismo remeta a exagero e/ou dependência (SCHWERINER, 2008, p. 42).

A base então é a procura, e sabendo disso a sociedade de consumo e de produtores capitalistas procuram primeiro analisar os anseios, desejos e pseudonecessidades da sociedade e lançar os possíveis preenchimentos a esses “vazios existenciais”, que movimentam o mercado. Aqui temos outra questão: Será que os “vazios existenciais” são manipulados nos discursos de esperança dos fieis da Campanha da Fogueira Santa de Israel? Em suma, a felicidade e satisfação do consumo é paradoxal, como lembra Lipovetsky (2007). Ou seja, é um conceito de duplo significado contraditório, pode existir ou não.

Fromm (1977, p.45) afirma: “a atitude no consumismo é de engolir o mundo todo”. O que nunca teve algo, deseja ter e o que já tem deseja ter mais. Esses indivíduos podem alcançar altos graus de dependência do consumismo e tornarem-se doentes, só basta que essa escala de consumo seja alta e que haja uma compulsão obsessiva na insatisfação dos bens adquiridos. O consumismo conecta-se a sentimentos e torna-se possível através das mercadorias e dos serviços: prazer, *status*,

poder, compensação e acumulação. Muitos consomem por estas vertentes, e por trás disso existem, na realização dos desejos, vários fatores que auxiliam na alienação pelo consumo em excesso, como a moda, as tendências, mídia, publicidade e outros. Nesse processo o consumidor é o objeto da relação de consumo e os objetos se tornam o sujeito, o que, no nosso entender, é uma forte inversão de valores que mesmo assim dá uma breve satisfação a sociedade consumista.

É nesse contexto socioeconômico e psicossocial subjetivo que se insere o consumo pelos modelos e ideários religiosos. Quando o sagrado é incluso nas relações de oferta e procura do mercado, o religioso tornou-se algo negociável na cultura de consumo. De acordo com Bourdieu (2009, p.12), “todos os bens que circulam no mercado são dotados de uma simbologia própria”. Seguindo esse raciocínio do autor, podemos dizer que tudo que circula no mercado tem por trás de sua “aparência” uma simbologia, assim se formam as trocas simbólicas que acontecem nessa dimensão do econômico.

No campo nacional pode-se ver que muitos autores escrevem sobre as modificações na dimensão do religioso e do mercado. Prandi (1996) enxerga a religiosidade como algo individual sendo “um efeito colateral” da secularização e sua transformação para o consumo. Ele afirma que:

Desde que a religião perdeu para o conhecimento laico-científico a prerrogativa de explicar e justificar a vida nos seus mais variados aspectos, ela passou a se interessar apenas em razão do seu alcance individual. Como a sociedade e a nação não precisam dela para nada em essencial ao seu funcionamento, e a ela recorrem apenas festivamente, a religião foi passando, pouco a pouco, para o território do indivíduo. **E deste para o do consumo, onde se vê agora obrigada a seguir as regras do mercado** (PRANDI, 1996, p.260, **grifos nossos**).

O autor ressalta que já há muito pagamos pela religião e seus benefícios, mas, hoje com tantas novas e reformadas religiões os índices de trocas do material pelo material e pelo imaterial alcançou o topo, haja vista os desejos, necessidades e anseios serem inúmeros. A troca do material (dinheiro) pela fé em alcançar um benefício dito como “bênção” é apenas um processo de produção, distribuição e consumo dos produtos, os quais fazem parte da economia capitalista de mercado que vivemos. Weber (2004) usou a lógica em que se podia louvar e agradar a Deus através de acúmulo e prosperidade sem o consumo, hoje essa prática é acrescida pela satisfação e prazer de se consumir.

Prandi (1996, p. 266) fala sobre uma “religião pela qual se paga”. Existe uma relação entre igreja, moralidade e consumo e todos esses agentes não são isentos das responsabilidades e dos resultados - bons ou ruins - na formação do desenvolvimento histórico-social-religioso dos indivíduos na atualidade. O campo religioso (aqui representado como igreja de modo geral) não é

um campo secundário e sim é um coautor da realidade social no que diz respeito às mudanças sociais dos indivíduos.

Quando temos as ideias de que até mesmo o sagrado pode ser inserido ou transformado como mercadoria, estamos vivendo então dentro de um novo tipo de mercantilização do sagrado, que cresce a cada dia. Hoje em dia o mercado está inserido em vários setores da vida social e isso faz com que o capitalismo pós-moderno cresça com essas novas massas consumistas independentes das dimensões e cenários da sociedade. E a mercantilização do sagrado cria sua própria população de produtores e consumidores, esses sempre buscando uma aquisição para se satisfazer e alimentarem seus egos. Um dos objetivos dessa mercantilização é de que haja em alta frequência uma troca simbólica, mas o patamar e a representação do que se troca tem um valor metafísico e isso é que definitivamente separa um bem no âmbito religioso, de outro bem fora do sacralizado, que é visto como coisa no sentido material.

Na simbologia do mercado de consumo religioso, observamos que a água que sai de uma torneira de uma residência qualquer de uma grande cidade é apenas H₂O, mas pela intermediação de um sacerdote, por exemplo, é possível considerá-la como água benta, ou seja, um entre vários bens de religião postos à disposição no mercado religioso. Portanto um adereço qualquer comprado em uma loja de departamentos de um shopping pode deixar de ser um simples adereço se, eventualmente, uma instância promotora do sagrado lhe atribuir uma condição extraordinária capaz de curar enfermos. Desse modo, ganhará o adereço atributos que lhe diferenciam dos demais produtos, transformando-a em um bem simbólico da religião (SILVA, 2012, p. 38).

Esse simbolismo conectado a essa manifestação atribuída por um servidor da religião dará um cunho imaterial ao bem que atrai os fiéis consumidores a serem sempre inseridos dentro desse mercado de consumo religioso, além de fazer com que os próprios fiéis sejam também produtos dessa mercancia religiosa. Quanto mais se alcança, mais se quer e as promessas jogadas nas frágeis esperanças é que puxam cada vez mais as pessoas para esse círculo vicioso. A oferta do sagrado por meio de produtos e serviços religioso através de um intermediador é que sustenta a lógica do consumo e do consumismo religioso na vida das pessoas, que sempre podem querer buscar algo mais que uma vida temporariamente satisfatória.

Esse “misticismo de resultados”, como afirmam Storni e Pereira (2007), ilustra que na sociedade de consumo atual o sagrado é transformado em coisa negociável no mercado. E nesse mercado o pilar principal é a mercantilização do sagrado entre os seus principais atores que são os fiéis consumidores. O objetivo é alcançar uma massa cada vez maior. E dentro desse objetivo uma das principais bases do discurso é de despertar o desejo do consumidor para que eles sempre se

mostrem dispostos a adquirirem os serviços e bens oferecidos pelo mercado do consumo religioso, principalmente pelo seu teor de “magia” dos supostos resultados do sagrado.

Para aumentar sua capacidade de consumo, os consumidores não devem nunca ter descanso. Precisam ser mantidos acordados e em alerta sempre, continuamente expostos às novas tentações, num estado de excitação constante – e também, com efeito, em estado de perpétua suspeita e pronta insatisfação. A isca que os levam a desviar a atenção precisa confirmar a suspeita prometendo uma saída para a insatisfação. Você acha que viu tudo? Você não viu nada (BAUMAM, 1999, p. 91-92).

Com a competitividade acirrada entre as igrejas e a não existência da relação duradora entre as instituições e seus fieis-frequentadores-consumidores, a tendência é que as instituições religiosas se especializem na oferta de símbolos religiosos que são associados às promessas de atendimento aos desejos imediatistas, anseios e atendimento das necessidades dos ditos fiéis consumidores. Assim, temos os discursos, símbolos e promessas como produtos religiosos negociados nos templos. Hoje qualquer coisa que seja sacralizada tem um poder enorme sobre qualquer outra que não pertence a esfera religiosa e quanto mais houver divinização nos bens e serviços haverá consumo por parte das massas entretidas nessas indústrias. Veremos uma tentativa de classificação dos bens ligados ao campo religioso e as estratégias de marketing religioso, o que será feito na pesquisa de campo.

Retondar (2007) lembra que a sociedade contemporânea pode ser caracterizada pela *cultura do consumo* nos seus mais diversos contextos. Este consumo pode ser compreendido como uma lógica no plano das significações, na qual um objeto assume determinado valor de uso, de acordo com o seu estatuto como objeto e dos dispositivos de sentido que ele apresenta. É preciso que fique claramente estabelecido, pois, desde o início o consumo é um modo ativo de relação, não apenas objetivo e material, como também é subjetivo e expresso de maneira massificada para a coletividade e com o mundo. É um modo de atividade sistemática e de resposta dos agentes produtores e consumidores de produtos no qual se funda todo nosso sistema cultural. É preciso estabelecer claramente que o consumo serve para atender as necessidades, que por sua vez estão sempre sendo ressignificadas, especialmente no campo religioso.

O consumo não é nem uma prática natural, nem uma fenomenologia da ‘abundância’, não se define bem por alimento que se digere, nem pelo vestuário que se veste, nem pelo carro que se usa, nem pela substância oral e visual das imagens e mensagens, mas pela organização de tudo isto em substância significante; é ele a totalidade virtual de todos os objetos e mensagens constituídos de agora então em um discurso cada vez mais coerente. O consumo, pelo fato de possuir um sentido, é uma atividade manipuladora sistemática de signos (BAUDRILLARD, 2000, p. 206).

Ou seja, o consumo, por ser relacionado com símbolos e significados, é uma atividade profundamente ideologizada. Featherstone (1995) alerta que a religião acomodou-se ao consumismo. Nesse sentido este autor evidencia que o consumo religioso pode cair nas malhas da alienação e manipulação dos vendedores - no caso os pastores dos templos da IURD -, apontada pelos frankfurtianos, ou, ser resultado de uma escolha consciente e de um modo de ser e de vida dos que aderem a determinadas práticas de devoção, como mostram Canclini (1995), Martín-Barbero (1997) e o próprio Featherstone (1995). Este último esclarece:

A atual conjuntura religiosa nacional do Brasil apresenta características marcantes da crescente concorrência pelos fiéis, o que produz transformações organizacionais das várias instituições religiosas que operam no mercado, que por sua vez produzem reflexos significativos em termos de seus discursos e práticas rituais (FEATHERSTONE, 1995, p.159).

Essas práticas e discursos, para Guerra (1999, p. 2), são gerados por igrejas, seitas e outras formas de organização de propostas de religiosidade em geral, com itens de consumo oferecidos aos indivíduos no mercado, de maneira semelhante à dos outros bens simbólicos.

De acordo com este autor, a subjetividade revela que o homem não é um ser autossuficiente, sua autorrealização depende do seu relacionamento com o Eterno, e uma vez que ele não consegue relacionar-se com o Ser Supremo, queda-se no desespero. O reino do sagrado não se concilia com a razão e a moral humana em sua totalidade, pois, mesmo não pertencendo somente ao mundo sobrenatural, relaciona-se com a natureza e à cultura em suas dimensões alheias, e, por conseguinte, relaciona-se aos instintos, pulsões, paixões e às doenças, de onde se originaram as primeiras reflexões de Freud. Galimberti (2003) lembra que pela experiência do sagrado, o espírito apreendeu entre o que se revela como real, poderoso, rico e significativo, e o que é desprovido dessas qualidades, a saber, o fluxo caótico e perigoso das coisas, as suas aparições e os seus desaparecimentos fortuitos e vazios de sentido.

O primeiro passo para a transformação do sagrado em produto de consumo foi através da massificação da religiosidade, e esta vem ocorrendo desde a chegada de Jesus Cristo ao mundo. Vejamos como isso ocorreu através de uma sintetização dos dados da Bíblia Sagrada (1995), que é o livro de ensinamentos cristão mais conhecido do mundo. Logo após a descoberta dos primeiros milagres de Jesus, as pregações cristãs foram se multiplicando através dos apóstolos que O acompanharam em vida. Essas preleções foram acompanhadas de multidões encantadas com os poderes das mensagens fraternas e amorosas, num mundo cheio de pobreza, catástrofes climáticas, preconceitos, discriminações entre os povos, perseguições, sofrimentos, imperialismos e

escravização de um povo por outro. De acordo com o nosso entender, a presença das multidões nas pregações de Jesus é o primeiro sinal da massificação dos ensinamentos cristãos.

Segundo Weber (2004), o fortalecimento do espírito capitalista no mundo foi instigado pela ética protestante e isso trouxe consequências contraditórias. Por um lado houve a valorização do enriquecimento e sua cultura material, pois, para os protestantes a riqueza devia ser usada como forma de louvar a Deus. Por outro lado, a cultura do consumo veio surgindo aos poucos através das festas religiosas – Natal, Páscoa e outras -, como as comemorações, o hábito de dar presentes, o bem vestir para ir à Igreja, os enfeites das festas religiosas etc. De acordo com esse autor, no início do cristianismo os bens materiais e o enriquecimento eram execrados, o lucro era considerado como usura, ou seja, um pecado que tinha o significado equivalente a roubo. Já com o protestantismo a visão do enriquecer foi visto como louvor a Deus. Mas, o desencantamento do mundo religioso e a produção industrial causaram a mudança desta concepção e, a partir da pós-modernidade os prazeres individualistas do consumo passaram a ser cultuados massivamente, como enfatizou Featherstone (1995).

Atualmente muitos cientistas sociais têm se dedicado ao estudo da religião no Brasil e se encontram diante de um desafiante cenário religioso que tem sido marcado por um notável aumento da competição entre organizações religiosas pela preferência dos fiéis. Segundo Guerra (1999), a atual conjuntura religiosa nacional do Brasil apresenta características marcantes da crescente concorrência pelos fiéis, o que produz transformações organizacionais das várias igrejas que entraram no sistema capitalista de mercado. Estas instituições assim reestruturadas, por sua vez, produzem reflexos significativos em termos de seus discursos e práticas rituais no sentido de atrair fiéis consumidores.

Esses discursos e práticas, para Guerra (1999), são gerados por igrejas, seitas e outras formas de religiosidade em geral, com itens de consumo oferecidos aos indivíduos no mercado, de maneira semelhante à dos outros bens simbólicos, tais como moda, entretenimento, estilo de vida e identidade cultural, entre outros. Isso significa dizer que a força da tradição sobre a opção religiosa do indivíduo vem diminuindo gradualmente e, em lugar dela vêm se utilizando categorias discursivas tais como oferta e procura de bens religiosos.

A recente explosão das denominações neopentecostais no Brasil tem chamado à atenção dos estudiosos dessa temática. Nelas surge a teologia da prosperidade, como aponta Prandi (1996, p. 258), ao se referir às igrejas que se multiplicam como empresas, num autêntico sistema de “franquias” religiosas, tal como se organizam as redes empresariais. Segundo esse autor, algumas

denominações existem há menos de vinte anos e já se tornaram impérios em nível nacional e internacional.

Um dos aspectos mais importantes citados por esse autor está em um de seus subtítulos: *A religião pela qual se paga* [...]. O ato de pagar pela religião, segundo ele, é uma experiência muito recente no Brasil. Na tradição católica há e sempre houve doações, esmolas e contribuições dos mais aquinhoados às suas paróquias, mas, nunca tiveram o caráter da obrigatoriedade. É no neopentecostalismo que se colocou mais claramente a questão do pagamento obrigatório da religião e da expansão religiosa financiada por todos os seus adeptos: Não sabemos o quanto de fato se paga, quanto além do dízimo, que já é algo muito excepcional, na nossa tradição, mas em muitas igrejas, a maior parte do culto se realiza em torno de expedientes constrangedores de arrecadação de oferta (PRANDI, 1996, p. 266, 269).

A citada “teologia da prosperidade” será analisada no próximo capítulo, mas, vejamos como Oliveira (2005) a define resumidamente:

A teologia da prosperidade, principal bandeira do neopentecostalismo, preconiza, de certa forma, uma utopia terrena, numa sociedade cada vez mais excludente, que possui um mercado excludente e muito pouco interessado em fazer a inclusão dos que estão do lado de fora. É uma teologia voltada para o sucesso terreno, pois, todos os cristãos têm o direito de viver uma vida de alegria, de paz e prosperidade, rompendo, assim, com as preocupações escatológicas do protestantismo histórico (OLIVEIRA, 2005, p.149).

Entretanto, é importante ressaltar que não são apenas os neopentecostais que têm aderido às práticas mercadológicas das trocas religiosas por bens materiais. Atualmente todas as denominações cristãs, umas de forma mais explícita, outras menos, têm buscado na espetacularização da fé uma forma de se fazerem consumidas. É o caso dos programas televisivos voltados para a exibição das mensagens e imagens de conteúdo religioso pronto para o consumo, já que é entregue em domicílio através do aparelho televisivo (cf SILVA, 2012). Além dos shows de entretenimento há sempre os pedidos de contribuições e doações.

Na tentativa de compreender as maneiras pelas quais os fiéis consomem os produtos disponibilizados pela IURD, sugerimos pensar que o consumo religioso está inserido num espaço institucionalizado que funciona com dinâmica própria, de uma estrutura hierarquizada e de uma organização legitimada pela sociedade enquanto mediadora do sagrado. A intenção aqui é problematizar a relação do fiel com o sagrado pensando a partir da ideia de “consumo de discursos de esperança”, além da captação das expressões individuais-coletivizadas de frustração quando a esperança não se concretiza. Falamos aqui de um anseio pelo sobrenatural que transcende os significados relativos à religião produzidos por uma denominação religiosa.

O apego dos neopentecostais ao mundo é indisfarçável. Em contraste, sobretudo, com o pentecostalismo clássico que enfatiza a salvação celestial e exorta constantemente o fiel a permanecer firme na fé diante da proximidade do Juízo Final, a preocupação primordial que transparece na mensagem neopentecostal é com esta vida e com este mundo. O que interessa é o aqui e agora [...] (MARIANO, 1999, p. 44)

Nesse caso se trata de um consumo de religião em termos utilitários onde se busca um “misticismo de resultados”. De acordo com Storni e Pereira (2007), esse misticismo, tal como o sindicalismo de resultados, não focaliza as questões espirituais e estudos da Bíblia, que enfatiza valores e elementos teológicos de crença e fé e sim os resultados da presença das divindades em forma de bens materiais terrenos para atender aos anseios e necessidades consumistas dos fiéis. Os pastores da IURD nem sequer têm formação superior de Teologia como os das demais instituições evangélicas tradicionais, de acordo com Estima (2004).

Em se tratando de distribuição de bens de consumo no mercado religioso, a IURD, possui um profundo *know-how* das estratégias de lançamento de “produtos espirituais”. Ela procura conhecer as demandas deste público consumidor segmentando e escolhendo os grupos que deseja satisfazer, oferecendo-lhes uma variedade de produtos destinados a um consumo especializado.

De acordo com alguns estudiosos como Lipovetsky (2007), a maioria das pessoas tem como objetivo “ser feliz” em termos materiais, ainda que a abundância terrena nem sempre seja uma meta. Afinal, pode-se buscar essa tal felicidade também em termos espirituais, e essa ressignificação torna ambígua esta palavra. O termo *felicidade* pode ser associado a muitos conceitos e noções, tornando o objetivo de especificá-lo de forma consistente e abrangente uma tarefa muito difícil de ser levada a cabo, segundo este mesmo autor.

Vale a pena verificar, nesta pesquisa, quais são os componentes da felicidade dos referidos fiéis da IURD. Desde os antigos gregos, o ser humano vive em busca do grande segredo da felicidade, na eterna procura do que o fará satisfeito com a sua vida. Esta busca não é exclusiva de um grupo de pessoas, mas, é compartilhada por diversos estudiosos, entre eles filósofos, teólogos, psicólogos e cientistas sociais. Nesse longo processo de busca de uma felicidade longânime existe a fé, que trás esperança se tudo for realizado ou que trará frustração caso não aconteça. Neste contexto, a busca da felicidade é típica do hiperconsumidor da pós-modernidade e, com a ajuda desta inspiração teórica poderemos interpretar os componentes simbólicos nos dados discursivos do capítulo 4 desta dissertação.

O hiperconsumidor não está mais apenas ávido de bem-estar material, ele aparece como um solicitante exponencial de conforto psíquico, de harmonia interior e desabrochamento subjetivo, demonstrados pelo florescimento das técnicas

derivadas do desenvolvimento pessoal bem como pelo sucesso das sabedorias orientais, **das novas espiritualidades dos guias da felicidade e sabedoria**. O materialismo da primeira sociedade de consumo passou de moda: **assistimos à expansão do mercado da alma e de sua transformação, do equilíbrio e da auto-estima, enquanto proliferam as farmácias da felicidade**. Numa época em que o sofrimento é desprovido de todo sentido, em que os grandes referenciais tradicionais e históricos estão esgotados, **a questão da felicidade interior “volta à tona”, tornando-se um segmento comercial, um objeto de marketing que o hiperconsumidor quer poder ter em mãos**, sem esforço, imediatamente e por todos os meios (LIPOVETSKY, 2007, p. 15, **grifos nossos**).

Percebe-se então, pela citação acima, como os pastores neopentecostais em estudo podem manipular essa carência e busca generalizada da felicidade, que também é espiritual. De acordo com Alfredo Scottini (2009), o conceito sintetizado do sentimento de ESPERANÇA se refere à expectativa de algo ou alguma coisa que se deseja. A esperança corresponde à aspiração de felicidade existente no coração de cada pessoa, e que é, ao mesmo tempo compartilhada pelas massas frequentadoras dos templos. Interessante observar que quem perde a esperança mais profunda perde o sentido de sua vida, e viver sem esperança não tem sentido, de acordo com o autor supracitado. O próprio antônimo dessa palavra é FRUSTRAÇÃO, que às vezes é acompanhada de desespero, ou melhor, a perda quase que em estado definitivo da esperança. É importante lembrar que este é um dos sentidos das mensagens bíblicas manipulados pelos templos da IURD.

A ESPERANÇA é o combustível da vida, e a forma de mantê-la viva é não prender os olhos nas tragédias; a cada desgraça que contemplamos corremos o risco de perder combustível. Felizmente não existe motivo para desanimar, lembrando as palavras de São Paulo: “A esperança não decepciona” (BÍBLIA SAGRADA, 1995, Rm, 5,5). Não falamos aqui de qualquer esperança, mas da autêntica esperança, que não se apoia em ilusões ou em falsas promessas.

Com relação à FRUSTRAÇÃO, Scottini (2009) menciona o estado do indivíduo que, por não ter satisfeito um desejo se sente recalcado, o que remete ao complexo de frustração. Para Rosenzweig (1976, p. 885) frustração é “algo que ocorre sempre que o organismo encontra obstáculo, uma obstrução, mais ou menos insuperável, no caminho que conduzirá à satisfação de uma necessidade vital qualquer”.

Quando um indivíduo tem baixa tolerância à frustração, pode se comportar de forma inadequada, gerando problemas de relacionamentos interpessoais, além de sofrimentos emocionais a si e ao outro.

Existem basicamente três tipos de frustrações, - Frustração por impedimento: O indivíduo sente-se frustrado diante de algo que o impede de atingir seu objetivo ou não consegue ter acesso àquilo que esperava. Ex: ser demitido. - Frustração por atraso: O sujeito tem que esperar um tempo maior para atingir um objetivo. Ex: ter

que esperar a maioria para adquirir carteira de habilitação. - Frustração por conflito: Ocorre quando o indivíduo precisa fazer uma escolha, sendo que ambas são prazerosas e agradáveis, porém não há possibilidades de coexistirem Ex: optar por viajar para um lugar ou outro quando há desejos equivalentes (MENEZES, 2009, p. 3).

No nosso entender a frustração também se refere e é compreendida no sentido de uma carência material ou psíquica experimentada como algo injusto. Esta emoção tende a ser maior quanto mais valor tem para a pessoa o *objetivo* a ser alcançado, sendo inclusive acompanhada pela raiva e revolta. Na nossa reflexão a frustração aumenta de acordo com as expectativas determinadas pelas esperanças, **o que significa que temos que verificar as congruências discursivas entre os sentimentos de esperança e frustrações.**

De acordo com o último autor acima citado, algumas pessoas, diante da frustração, tendem a assumir comportamentos negativos diante das situações enfrentadas, optando por se sentirem insignificantes, sem capacidade para levar adiante suas empreitadas, responsabilizando sempre os outros por atitudes que são, na verdade, iniciativas delas mesmas.

Essas questões serão buscadas nos discursos a serem analisados nesta pesquisa. Esperamos ter conseguido fundamentar teoricamente o fenômeno do consumismo que é insuflado e ocorre no contexto religioso. Para compreender melhor este contexto apresentamos, no próximo capítulo, os dados históricos mais essenciais da Teologia da Prosperidade praticada pelas igrejas evangélicas como a IIURD.

2. O UNIVERSO DA PESQUISA: PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS

Pois a religião deve necessariamente produzir tanto a operosidade como a frugalidade, e isso não pode produzir senão riqueza, mas aumentando os ricos, aumenta também o orgulho, a cólera e o amor ao mundo em todos os aspectos.

Max Weber

Neste capítulo pretende-se apresentar alguns dados históricos e estatísticos sobre o universo pentecostal no qual esta pesquisa mergulhou. Incluem-se aqui os fundamentos sintetizados do pentecostalismo tradicional e do movimento neopentecostal, com ênfase na apresentação dos elementos essenciais da Teologia da Prosperidade, especialmente os do contexto brasileiro da Igreja Universal do Reino de Deus, que configura o contexto temático onde se insere o nosso objeto de pesquisa. Recorde-se que o foco deste trabalho é delineado na análise dos depoimentos pautados pela esperança, frustração e decepção dos fiéis por conseguirem ou não concretizar os seus pedidos feitos e reforçados por contribuições em dinheiro solicitadas pelos pregadores nos templos desta instituição.

De acordo com Weber (2004), na sua clássica obra, *A ética protestante e o espírito capitalista*, a maior causa da reforma protestante foi à incompatibilidade entre o aparente desprezo da Igreja Católica pelos bens materiais – e, ao mesmo tempo, a ocorrência dos contraditórios atos e práticas de acumulação capitalista desta instituição que foi dominante da Idade Média europeia. A complexidade de ideias entre a Igreja Católica dominante e a sociedade foi causadora das dúvidas e consequentemente do movimento de reforma religiosa. A Igreja Católica, pelo seu aparente desprezo por tudo o que é puramente terreno, e a sua repugnância pelo lucro, acabou por se tornar antagônica em relação aos indivíduos propulsores do avanço econômico. Estes, perante esta contradição entre a prática e a ideologia podem ter sido levados a procurar outras referências ideológicas, encontrando no protestantismo um parceiro, além do fato de que a igreja romana ter alimentado e/ou apoiado acumulações materialistas em seu bojo.

O movimento pentecostal no mundo teve início no século XVI, com a Reforma Protestante e junto a ela surgiram novas igrejas que tinham como objetivo recolocar o cristianismo em seus caminhos originais, bem como libertar a Igreja Católica do abuso de poder e corrupção que existia na sua sede em Roma naquela época. Na Alemanha surgiu a Igreja Luterana, na Inglaterra foi

fundada a Igreja Anglicana e também a Igreja Calvinista, que envolveu parte da França e Escócia, além de outras localidades. Segundo Oliveira (2005), apareceram também outras variações ou vertentes mais radicais destas três instituições mais importantes, das quais temos como exemplo a Pietista, a Metodista e a Batista que fazem parte das igrejas protestantes pentecostais tradicionais que existem na atualidade. As novas igrejas tinham como objetivo transformar a perspectiva da sociedade em relação à religião. Mas, para Weber (2004), também existe uma ótica de que o surgimento do protestantismo iria solidificar simultaneamente uma nova ética econômica, a denominada de “espírito capitalista”.

Percebe-se, neste ponto, que esses fatos históricos fizeram surgir uma inversão da lógica econômica tradicional do catolicismo: em lugar do desprezo ao lucro surgiu a ética de riqueza como forma de glorificar a Deus, como lembra este autor. De acordo com as pressuposições das igrejas protestantes, os seus seguidores seriam considerados dignos se utilizassem de seus ganhos para gerar mais ganhos, e esses lucros deveriam ser acumulados ou reinvestidos, ainda que o consumo material devesse ser coibido em nome da ascese religiosa que pautava esta ética.

Contudo, com o crescimento econômico e industrial a religião protestante ascética perdeu seu encantamento e o capitalismo, como agente multiplicador do lucro, tornou-se autossuficiente, menosprezando assim o sentido religioso inicial do menosprezo ao consumo e usufruto da riqueza. Esta valorização dos bens e riquezas materiais combinadas com a religiosidade contemporânea deu origem à dita Teologia da Prosperidade, que, segundo Featherstone (1995) foi uma adequação da espiritualidade com o consumo capitalista do mundo pós-moderno. Esses parágrafos iniciais evidenciam a súmula do contexto sócio-histórico do objeto empírico desta pesquisa.

2.1 PINCELADAS HISTÓRICAS DO PENTECOSTALISMO E NEOPENTECOSTALISMO

O protestantismo, que foi um movimento resultante da ruptura religiosa do cristianismo – teve origem na reforma protestante que aconteceu no século XVI. Durante a Idade Média, o poder tanto político quanto econômico do mundo ocidental estava praticamente nas mãos da Igreja Católica porque esta instituição agia diplomaticamente influenciando reis e reinos europeus. Contrariando alguns ensinamentos do cristianismo tradicional, a Igreja Católica passou a acumular riquezas e por isso recebeu duras críticas pelos abusos cometidos e pelos escândalos que ocorriam neste contexto envolvendo seus membros. Martinho Lutero - Monge Agostiniano - liderou o movimento cujo objetivo era de libertar a Igreja Católica e os cristãos dos discursos contraditórios,

além das doutrinas e práticas estranhas, já que toda sociedade era submetida a esses desmandos que, segundo ele, iam de encontro ao verdadeiro evangelho de Cristo encontrado na Bíblia Sagrada.

Conquanto um movimento religioso, a Reforma não pode ser entendida nos limites do estritamente espiritual. Suas causas, impactos e desdobramentos só podem ser entendidos a partir do contexto social, cultural, político e religioso da Europa na época, particularmente, da Alemanha. Ela se dá num momento crítico do sistema feudal, do qual a Igreja era uma legítima patrocinadora. Por isso dadas as suas condições históricas, a Reforma tornou-se um dos principais acontecimentos do cristianismo e da cultura do Ocidente, na primeira metade do século XVI, cuja repercussão estende-se até os dias de hoje (ALVES e OLIVEIRA, 2004, p.12-13).

Segundo esse autor, a gota d'água foi a realização de um processo que marcou essa contestação dos valores e padrões da época. O papa na época, Leão X, com o intuito de terminar as obras na basílica de São Pedro, instituiu a cobrança de indulgências. Este termo se refere ao que seria o perdão dos pecados mediante o pagamento de uma determinada quantia de dinheiro, e essa prática desagradou uma parte da sociedade.

Weber (2004, p.81) fez questão de deixar bem claro que os reformadores “não foram fundadores de sociedades de ‘cultura ética’ nem representantes de anseios humanitários por reformas sociais e culturais”. Ao contrário, “a salvação da alma, e somente ela, foi o eixo de sua vida e ação” e as consequências advindas daí foram efeitos de “motivos puramente religiosos”. Afirma ele: “Impossível acreditar que a ambição por bens terrenos, pensada como um fim em si, possa ter tido para algum deles um valor ético.

Entre os críticos e descontentes com a estrutura religiosa romana estava o monge agostiniano Martinho Lutero que, para demonstrar toda a sua indignação, escreveu e fixou na porta da igreja em que era pregador as antológicas “95 teses”. Este foi um documento que criticava duramente algumas práticas do catolicismo romano, inclusive a venda de indulgências. Esse ato foi considerado como desrespeito por parte de um membro do clero e desagradou o papa, que exigiu a excomunhão de Lutero; em contrapartida, o monge, em mais um ato de rebeldia, rasgou e queimou o documento que autorizava a expulsão clerical de Lutero. Esses fatos geraram o início da reforma protestante por ter gerado batalhas entre os que apoiavam a Igreja romana e os que estavam do lado dos que protestavam esta instituição poderosa.

Veremos a seguir alguns antecedentes desta Reforma. Trata-se de fatos que propiciaram o início de toda uma mudança no modo de pensar, agir e viver de uma sociedade que por muito tempo teve como “poder de estado” a própria Igreja Católica, com suas administrações, princípios e dogmas. Esta estrutura de poder religioso existiu no mundo europeu até que Lutero os questionou e

procurou reformulá-los de acordo com o que este monge considerava como a verdadeira Palavra de Deus.

No que se diz respeito aos antecedentes religiosos do pentecostalismo surgidos na reforma protestante dois homens se destacaram pelo empenho em realizar mudanças dentro da Igreja de Roma. O primeiro foi John Wycliffe (1329-1384), considerado como a pessoa mais influente da Inglaterra em sua época, foi o segundo líder a sacrificar a vida como precursor da Reforma Protestante. O seu ensino se baseava em três pontos centrais que eram: a soberania da graça, a Bíblia como única regra de fé e a sua doutrina sobre os sacramentos. Ele traduziu a Bíblia do latim para o inglês, causando grande impacto na época, e por tudo isso foi acusado como herege, sendo então condenado pela Igreja Católica. Vale lembrar que a Bíblia Sagrada, nesta época, só era reproduzida em latim e poucas pessoas a conheciam como fonte de princípios cristãos.

Por volta de 1376, ele [Wycliffe] começou a fazer conferências contra a devassidão e a perversidade do clero. Atacou as igrejas, especificamente por possuírem grandes quantidades de terras, e desafiou os clérigos, que eram indignos, a se tornarem verdadeiros homens de Deus e pastores de pessoas (JUSTO, 1995, p. 2).

O outro a se destacar, segundo o autor acima, foi John Huss, que foi considerado como o “João Batista” de Martinho Lutero. John Huss ou Jan Hus nasceu entre 1369 e 1374 e, semelhantemente a Wycliffe, tinha como discurso a rejeição da soberania do papa e da igreja, o mundanismo e a riqueza do clero da igreja romana por que, segundo eles, as autoridades católicas não obedeciam aos princípios das escrituras sagradas. Em seus ensinamentos tinha como único ponto central a “Lei de Cristo”, ou seja, a Bíblia Sagrada. John Huss também foi condenado como herege pelo Concílio de Constança, na Itália, fato que ocorreu em 1414.

Segundo Justo (1995), neste ano o imperador Segismundo encorajou-o a comparecer diante do Concílio de Constança, com o intuito de explicar o seu ponto de vista. O imperador assegurou-lhe que seria protegido e deu-lhe um salvo conduto. Em 3 de novembro de 1414, ele chegou a Constança, mas nunca lhe deram, conforme o prometido, a oportunidade de explicar suas visões teológicas. Para espanto de Huss, à sua chegada a Constança (uma cidade italiana) seguiu-se um breve interrogatório acompanhado de oito difíceis meses na prisão. Em 6 de julho de 1415, segundo este mesmo autor, Huss foi queimado em uma estaca após negar-se a abjurar a verdade de seu ensinamento.

Segundo Justo (1995), os antecedentes culturais da Reforma revelaram que a cultura entrou em um processo de desenvolvimento e a base do pensamento medieval passou a se desenvolver com novos discursos humanistas o que mudou a cosmovisão da Igreja Católica, que até então

controlava tudo. Foi o Renascimento, um movimento artístico, científico e literário que floresceu na Europa, principalmente na Itália, entre o período correspondente à Baixa Idade Média e início da Idade Moderna (do século XIV ao XVI). Nesta época os humanistas valorizavam os temas em torno do homem, a busca de conhecimentos e inspiração nas obras da antiguidade clássica, o que neutralizou a visão teocêntrica medieval do catolicismo. Este movimento trouxe em sua gênese uma nova estrutura mental que teve como base os pensadores clássicos como Platão, Sócrates e Aristóteles, cujas ideias invadiram as artes, a filosofia e as ciências. Este período, como afirma Oliveira, (2005, p.18 *apud* GEORGE, 1994) “foi caracterizado também pela ênfase ao pensamento humanista e aos ideais de liberdade inspirados em pensadores como Voltaire [da França], dentre muitos outros. O mundo presenciava profundas transformações”.

Conforme este mesmo autor, nos antecedentes políticos e sociais evidenciou-se o desenvolvimento de uma crescente indústria alemã e um declínio progressivo do sistema feudal desse país. Tudo isso veio junto com o crescimento tecnológico das primeiras máquinas industriais, a invenção e andamento das técnicas de imprensa, comércio e produção e, por último, dos meios de transportes e distribuição de produtos através das grandes navegações. A Alemanha não teve mais vigor e hegemonia mundial, e, ao mesmo tempo em que o feudalismo decaiu, cresceu a união entre os vassalos e habitantes dos burgos feudais alemães – os comerciantes que tinham mais condições – e assim se formaram as províncias independentes com os lucros do comércio e mercantilismo. Foi construída uma grande massa da sociedade feudal europeia através dos camponeses, o que gerou força e também favoreceu os movimentos populares e políticos como a Revolução Francesa apressando a busca de libertação de regimes monárquicos autoritários como os da época.

Vários fatores influenciaram para que houvesse a Reforma Protestante e a geografia religiosa seria mudada a partir dos novos discursos, de acordo com Oliveira (2005). Segundo este autor, a princípio esses movimentos reformistas se alastraram no continente europeu, passando depois para todo o mundo desta época através das colônias europeias. Existiram no mínimo três reformas protestantes no século XVI: 1) A Reforma Luterana, que se iniciou em 31/10/1517, que teve como líder Martinho Lutero, o qual enfatizou a justificação do movimento pela fé. Esta reforma ocorreu no reinado de Carlos V, rei da Espanha, Alemanha e Países Baixos.

Esta data se refere ao já citado ato simbólico de desobediência aos decretos da Igreja Católica, quando Lutero afixou na porta da Igreja de Wittenberg as citadas 95 teses com críticas ao papa da época. Este documento era composto por uma lista de 95 itens escritos em latim com críticas às indulgências e pontos conexos como a culpa, a pena, a penitência, o purgatório e o

primado papal. A intenção de Lutero era a de combater abusos e contrapô-los à luz da doutrina bíblica ortodoxa. Na realidade, porém, as suas teses significavam a rejeição não somente das indulgências, mas, também do ministério da igreja em prol da salvação dos homens. 2) Houve também a Reforma Calvinista, criada em 1536 pelo parceiro de Lutero nas lutas da reforma, João Calvino. Em certo momento das batalhas eles se separaram e este último partiu para outros países europeus como a Holanda, para divulgar a Reforma Protestante. Calvino enfatizou a predestinação e a graça irresistível.

A teologia de Calvino, embora se assemelhe à de Lutero, tem seu ponto característico no conceito de Deus. Colocou a ênfase sobre a Majestade e a Soberania divinas, a ponto de dizer que há duas predestinações: uma para a salvação e outra, explícita, para a condenação eterna. Explicando melhor, segundo ele Deus não apenas permitia a perda dos pecadores, mas impelia-os para o abismo. 3) Houve ainda a Reforma Anglicana, tendo como marco a independência da Inglaterra em relação ao poder do papado católico, executada por Henrique VIII em 1534. Essa desvinculação dos ingleses ocorreu pelo fato de este rei desejar anular seu primeiro casamento para se casar com outra mulher e as leis católicas não terem aceitado a quebra matrimonial já consagrada pela Igreja dominante.

Essa reforma anglicana foi conservadora e manteve muito do catolicismo, no que se refere às formas de culto. Constituem como pilares do anglicanismo: a eliminação de qualquer mediação entre homem e Deus; a pregação como centro do culto; a comunhão da Eucaristia – Ceia; fim das missas privadas e comunhão do cálice aos leigos; apoio aos diversos cultos desde que a Bíblia fosse o centro da pregação; proibir imagens nos templos; eliminação do celibato para o clero; a livre interpretação da Bíblia; e, o sacerdócio universal dos cristãos, entre outras. Vejamos um quadro demonstrativo das principais reformas ocorridas na Idade Média.

QUADRO 2

PRINCIPAIS REFORMAS OCORRIDAS NA IDADE MÉDIA

Reforma	Referência	Crença	Ordenanças	Liturgia/Culto	Localidade
CATÓLICA	Bíblia Interpretada pelos padres.	Fé e boas obras.	Batismo, eucaristia, matrimônio, penitência, ordem e extrema-unção.	Missa solene e uso do Latim.	Ibéricos, Itália, sul da Alemanha, maior parte da França e Irlanda.

LUTERANA	Bíblia como única fonte de fé e livre exame.	Fé.	Batismo e eucaristia.	Culto simples e uso da língua nacional.	Norte da Alemanha e Escandinávia.
CALVINISTA	Bíblia como única fonte de fé e livre exame.	Fé, predestinação, graça de Deus.	Batismo e eucaristia.	Culto simples e uso da língua nacional.	Suíça, Holanda, parte da França, Inglaterra e Escócia.
ANGLICANA	Bíblia Interpretada pela Igreja e livre exame.	Fé e graça de Deus.	Batismo e eucaristia.	Culto forma católico e língua nacional.	Inglaterra.

FONTE: Quadro elaborado pelo autor desta dissertação com base nos dados oferecidos por Patsayev (2007).
<http://www.gilbert.wdcom.net/interno.php?id=1209>.

Aqui no Brasil, segundo Ferreira (2010) e Oliveira (2011), o protestantismo se estabeleceu desde os tempos da administração holandesa da capitania de Pernambuco, feita por Maurício de Nassau, que era calvinista, no século XVII. O protestantismo floresceu no final do século XIX e início do século XX. Nessa época a presença protestante em nossas terras era pequena e limitada às colônias de imigrantes os quais viviam isolados e confessavam sua fé entre si. Vejamos a mais recente das tipologias do Protestantismo no Brasil e sua classificação, que foi dada pelo CEDI (1991, p. 12 *apud* FRESTON, 1993, p.37):

- **Protestantismo de Missão:** Batistas, Congregacionais, Episcopais, Metodistas e Presbiterianos.
- **Protestantismo de Migração:** Anglicanos, Luteranos e Reformados.
- **Pentecostais:** Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Igreja de Deus e Igreja Pentecostal.
- **Pentecostais Anônimos:** Casa da Bênção, Deus é Amor, Evangelho Quadrangular, Maranata, Nova Vida, O Brasil para Cristo, Universal do Reino de Deus, entre outros.
- **Carismáticos:** Batistas da Renovação, Cristã Presbiteriana, Metodistas, Wesleyanos, etc.

- **Pseudo-Protestantes:** Adventistas, Mórmons (Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos dias) e Testemunhas de Jeová.

No âmbito das religiões, os estudos, pesquisas e censos se multiplicaram muito, não só para cientistas religiosos, mas também para outras áreas afins como as Ciências Sociais. Dentro desta área se destaca a sociologia da religião que é um campo que vem crescendo muito, e, com isso quanto mais religiões, mais estudos e pesquisas das novas formas de crença. O neopentecostalismo vem sendo estudado com mais ênfase, pois, é uma das vertentes que mais crescem dentro do cristianismo:

O pentecostalismo brasileiro é formado por uma série de movimentos em constante mudança. Seu desenvolvimento ocorreu na medida em que seus adeptos começaram a propagar suporte bíblico às suas experiências sensoriais. Ao mesmo tempo, interagiram com outros pentecostais e com a sociedade dentro e fora de suas fronteiras geográficas. A avaliação feita por A. H. Anderson (2003) sobre um pentecostalismo global “multifacetado” se aplica bem a essa versão brasileira (BLEDSE, 2012, p. 25).

Esse campo pentecostal brasileiro teve um grande aumento em suas proporções, o que ocorreu em uma velocidade considerável, na mesma medida em que também passou por um processo de desmembramento dos grandes grupos religiosos. A partir dessa junção de velocidade e desmembramento, surgiram centenas de outros grupos, popularmente conhecidas como congregações, no entanto, é praticamente impossível citar todas, já que elas continuam surgindo diariamente. O que há de se destacar no protestantismo neopentecostal é sua forma organizacional e administrativa onde se encontram vários discursos teológicos, liturgias diversas e uma política onde cada um que está frente desses movimentos cria seus dogmas. Assim sendo, cabe aos membros das igrejas protestantes escolherem em que ambiente se identificam mais, criando sua própria identidade religiosa ou aderindo à forma tradicional.

2.2 CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DO PENTECOSTALISMO E NEOPENTECOSTALISMO

Pretende-se apresentar, neste item, as características do pentecostalismo e neopentecostalismo porque, embora essa primeira estrutura religiosa não seja parte direta do nosso objeto, é importante evidenciar suas principais composições discursivas para serem diferenciadas do neopentecostalismo. De acordo com Oliveira (2005), antes dos anos 1940 do século XX no Brasil a

visão que se tem de uma classificação é bem limitada; só a partir dos anos 1950 do século XX é que se pode ver de modo mais claro o Protestantismo.

Vejamos também um quadro geral da presença protestante no Brasil por denominações tradicionais:

QUADRO 3
DENOMINAÇÕES DOS PROTESTANTES NO BRASIL

DENOMINAÇÕES HISTÓRICAS			
QTD	NOME	SIGLA	FUNDAÇÃO
1	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil	IECLB	1823
2	Igreja Presbiteriana do Brasil	IPB	1859
3	Igreja Metodista do Brasil	IMB	1867
4	Convenção Batista Brasileira	CBB	1882
5	Igreja Presbiteriana Independente do Brasil	IPB	1903
DENOMINAÇÕES PENTECOSTAIS			
1	Congregação Cristã no Brasil	CC	1910
2	Assembleia de Deus	AD	1911
3	Igreja do Evangelho Quadrangular	IEQ	1951
4	Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo	BPC	1955
5	Igreja Pentecostal Deus é Amor	IPDA	1962
DENOMINAÇÕES NEOPENTECOSTAIS			
1	Igreja Comunidade Sara a Nossa Terra	CESNT	1976
2	Igreja Universal do Reino de Deus	IURD	1977
3	Igreja Internacional da Graça de Deus	IGD	1980
4	Igreja Renascer para Cristo	IRC	1986
5	Igreja Verbo da Vida	IVV	1983

FONTE: Oliveira (2005, p. 29)

O campo religioso na pós-modernidade assume um novo tipo de perfil. É uma das novas formas, como afirma Ferrari (2007, p. 17) é: “a religião como fato e fator humano e social, cooptada pelos ideólogos do mercado neoliberal globalizado, passou a ser compreendida como fonte de legitimação de mecanismos econômicos”. Nota-se que há uma redução do sagrado, que é transformado em produto, ou seja, mercadoria que, através dos bens simbólicos, circula nas mais diversas instituições, crenças e respectivos rituais. Há uma exploração dos elementos religiosos que se transformaram em produtos para o mercado, os quais logo assumem um posto nos desejos e anseios das pessoas gerando, assim, interesse em serem consumidos, como já foi especificado no capítulo anterior.

Observando a realidade pós-moderna, percebemos sua crise e sua dificuldade de oferecer sentido à vida humana, que se encontra carente de perspectivas teóricas e práticas. A humanidade está emaranhada na conjuntura atual pela dominação técnica e econômica. Nesse ambiente, os Novos Movimentos Religiosos (NMR), com sua pluralidade de fisionomias, encontram plausibilidade e transitam pelos mais diversos enfoques religiosos, filosóficos e comportamentais, independente de vínculos institucionais (FERRARI, 2007, p. 17).

Em outras palavras, se as pessoas tentarem enxergar uma saída para as suas inúmeras necessidades e expectativas terão a opção de apelar para o âmbito religioso de alguma forma, já que, de acordo com os discursos, nesse universo “tudo” pode ser conseguido. Para tanto existem as mais variadas formas de instituições e cada uma delas tem suas estratégias de publicidade que atuam como facilitadoras na busca e alcance de bênçãos e “milagres”. Tudo gira em volta das trocas, sejam elas imateriais por materiais, imateriais por materiais, materiais por materiais ou ainda materiais por imateriais, desde que haja trocas. A nova roupagem da religião no pós-modernismo nos faz refletir como o mundo político, social e econômico interage e influencia o âmbito religioso. Essas mudanças pós-modernas fazem com que certos e tradicionais valores sejam reavaliados e readaptados aos modelos de trocas. Houve a indução da sociedade cujos membros são apenas indivíduos e agora se tornaram um tipo de membro consumista dessas instituições, como vimos em Featherstone (1995), Lipovétsky (2007) e outros autores já citados no capítulo anterior deste trabalho.

Touraine (1994), reiterado por Giddens (1994), caracteriza o contexto da sociedade pós-moderna através de categorias como:

‘Sociedade programada’ – Sociedade que não vive mais sobre os aglomerados de máquinas e sim que respira uma nova e rápida tecnologia, que nos torna seres globais e participantes de um mercado móvel, formando assim a sociedade de massas regida pelos meios de comunicação

massivos e estimulantes do consumo, na qual tudo o que se produz é “descartável”. Assim, a cada vez que se usa algo ou ideia devem ser conquistadas outras e novas formas de consumo dessa mesma coisa ou ideia. O sujeito se perde no mar da homogeneização da cultura de massas.

Featherstone (1995) lembra que a sociedade pós-moderna exalta o individualismo e também traz a ‘dissociação entre o sistema e os atores’ que o compõem. Por isso os atores sociais são manipulados pelos mecanismos massificadores de submissão que pregam uma liberdade falsa através de novos sistemas de comunicação que levam ao consumo e a aceitação de ideologias que irão se interligar a um todo homogeneizado. Há também os ‘Aparelhos de poder’ do pós-modernismo onde se criaram estratégias que dominam instrumentalmente os indivíduos em nome da lógica e da razão. Inconsciente ou não, os indivíduos são envolvidos pelo “espírito da conquista”, ou seja, não se enxerga mais as pessoas como participantes de uma sociedade, como um ser social e sim como engrenagens que alimentam a grande máquina da pós-modernidade. Este é o cenário que está por trás da religião como produto de consumo.

Esse mesmo autor evidenciou que o campo religioso não está isento da complexidade do sistema pós-moderno. Esse campo é agitado: às vezes é negado (esquecido ou encoberto) como acontece no ateísmo, e em outras é aceito (exaltado ou inovado). Neste último caso o fator determinante é a conversão, que faz parte do sistema de estímulo de consumo de ideias egocêntricas e práticas materialistas-lucrativas – da religiosidade institucional, mais do que como forma de espiritualidade solidária. O que se sabe é que as formas religiosas pós-modernas estão em alta em todo mundo, são geradoras de massas excluídas e que excluem, ainda que gerem a ilusão da inclusão através das comoções massivas dos templos.

Segundo Featherstone (1995), no mundo pós-moderno o ser humano individualista acaba desvalorizando as forças da velha caridade e solidariedade. Existem mudanças repentinas e bruscas com o surgimento de novas religiões, as quais criam ou renovam a promessa encantadora que irá atrair as massas e públicos-alvo através do apelo discursivo de que todas as necessidades ou desejos serão atendidos, e esse discurso é explorado especialmente no contexto brasileiro da IURD. O sagrado se transforma então em mercadoria porque desperta desejo de ser consumido e em uma alta velocidade para atender outros consumos. Os discursos religiosos têm fortes marcas de propaganda e marketing e são feitos através de mensagens de atendimento dos anseios e de uma solução para as crises existenciais-financeiras-emocionais exclusivos de cada uma das pessoas, que em troca oferecem dízimos para realizá-los.

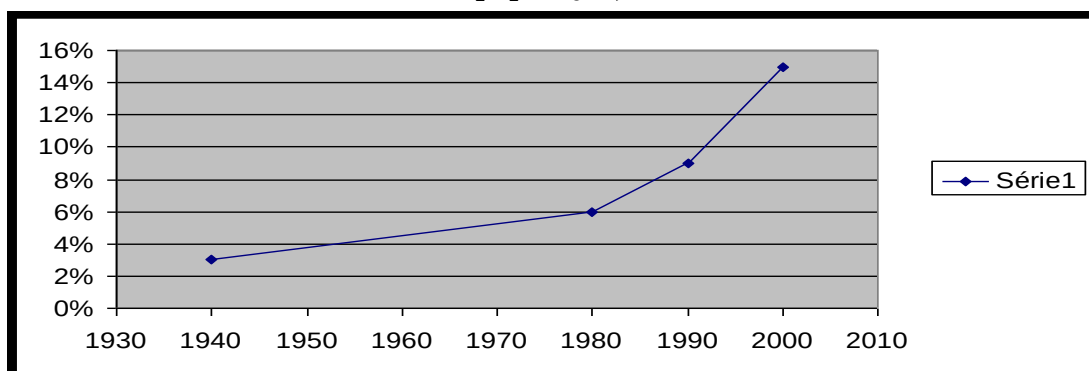
Queiroz (1996, p.17) afirma: “em troca da fidelidade ao novo ‘dogma’, oferecem recompensas, que vão desde a iluminação mística até a vitória sobre espíritos malignos e a posse da felicidade nesta vida, tendo como super acréscimo o bem-estar eterno na outra”. Na transição da modernidade à pós-modernidade, o campo religioso sofreu fortes abalos através do movimento *neopentecostal*, que tem a facilidade do controle sobre as massas marginalizadas em crise, bem como também sobre os sistemas neoliberais globalizados que as produzem.

As religiões oficiais não escaparam dos avatares da modernidade e do peso de suas tradicionais impositivas. Encurtaram as experiências espirituais e carregaram na linha moralizante ou na execução material dos ritos. Muito formalismo. E com isso se desgastaram. (...) Desaparece o monopólio das grandes religiões. O fenômeno da privatização, que reina na economia, já vem sendo incrementado na religião pela força da secularização. As instituições religiosas já não conseguem nortear totalmente o rumo religioso de seus fieis (LIBÂNIO, 2000, p.6-7).

Hoje em dia são inúmeras as novas congregações, e milhares são criadas diariamente. Existe uma difusão imensa entre os evangélicos, com indícios de várias reformas no próprio meio protestante, que são formas religiosas de gerar a outras não tão tradicionais, ou seja, as liberais inovadoras que atendem às diversas demandas espirituais-materiais da atualidade. Vejamos abaixo uma estatística deste crescimento:

GRÁFICO 1

O total de evangélicos no Brasil aumentou cinco vezes nas últimas décadas (sobre o total da população)



Fonte: Serviço de Evangelização para a América Latina (SEPAL) e IBGE. Reproduzido da Revista Veja, p. 88-101 – 03/07/02, nº. 26.

O gráfico 1 exibido acima mostra que o percentual de evangélicos brasileiros teve, em aproximadamente 54 (cinquenta e quatro) anos, um aumento que saltou de 3% para cerca de 15% do total da população no território brasileiro, entre os anos de 1940 até cerca de 2004, já que não ficou claro a data final desta estatística. Note-se que, apesar do título do gráfico anunciar um significativo aumento populacional em cinco vezes alcançou pouco mais do que 10% da

população. No entanto, vale ressaltar que a questão aqui não é somente de números e sim das razões da migração de uma religião para outra. Mas, primeiramente cabe caracterizar os elementos históricos básicos do pentecostalismo tradicional para depois evidenciar os componentes discursivos do neopentecostalismo no qual a IURD se baseia:

A teologia pentecostal basicamente se reduz ao batismo do Espírito Santo. Os grupos pentecostais apresentam muitas diferenças entre si, embora a origem seja comum. Essas diferenças manifestam-se em termos de doutrina, organização, e na percepção dos dons. A prática do “falar em línguas estranhas” que evidencia o batismo no Espírito Santo está presente em todos os grupos, pois, como já dissemos anteriormente, é isto que caracteriza o pentecostalismo (OLIVEIRA, 2005, p. 34 e 35).

Como lembra este autor, tudo isso se deve às doutrinas de John Wesley, que fundou o metodismo e o seu discurso era de que o homem devia dedicar-se à santificação que evoca o Espírito Santo. A partir daqui se torna conhecido o termo pentecostal, que tem como referência o dia de Pentecostes – citado na Bíblia Sagrada no livro de Atos dos Apóstolos (Cap. 2, Versículos 1 a 21). Nesta passagem acontece a descida do Espírito Santo, que é relatado e descrito como um enorme estrondo vindo do céu, ao mesmo tempo em que sopra um vento forte, quando então, nesta mesma hora, as línguas (variedade) tomaram a cada um que se fazia presente ali.

Dentro do protestantismo mundial veremos três ondas, de acordo e tendo como referência David Martin (1990): temos a *puritana*, a *metodista* e a *pentecostal* e dentro desta última encontram-se três vertentes: o *pentecostalismo clássico*, que envolve as mais antigas denominações pentecostais, as *clássicas* que foram criadas nas primeiras décadas do século XX. A segunda vertente, a *neopentecostal*, se inicia no findar dos anos 1950 e começo dos anos 1960 do século XX, a qual se fez presente também no movimento de renovação carismática católica.

Por último surgiu a terceira vertente iniciada na década de 80 do séc. XX, baseada nos cristãos que praticam os dons do Espírito Santo, e aqui o mais importante são os “sinais e milagres” dados por Deus para aqueles que os buscam. Dentro dessa vertente estão incluídas as chamadas Igrejas carismáticas independentes e os cristãos que aceitam e buscam receber os dons do Espírito Santo. Observa-se aqui o fato de se organizarem fora do âmbito pentecostal, ou seja, estão voltadas para as inovações neopentecostais, entre outras possibilidades. No Brasil quem dividiu metodologicamente o pentecostalismo em ondas ou vertentes foi Freston (1993).

A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911) (...) A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais

representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) (OLIVEIRA, 2005, p. 29).

Deve-se ressaltar que o neopentecostalismo tem se espalhado de uma forma considerável nas últimas décadas. Calcula-se que os neopentecostais representem mais de 42% da população pentecostal total do Brasil (MARIANO, 2010).

Essa terceira onda aponta uma ruptura na história das instituições pentecostais, o prefixo *neo* já diz tudo e é bem apropriado para a formação e a inovação de posturas do “novo” pentecostalismo, mas isso não é um fato recente, como afirma Mariano (2010, p.33): “Embora recente entre nós, o termo neopentecostal foi cunhado há vários anos nos EUA. Lá na década de 1970 do século passado, ele designou as dissidências pentecostais das igrejas protestantes, movimento que posteriormente foi nomeado carismático”.

Segundo este mesmo autor, nas duas primeiras ondas do protestantismo, não existem diferenças teológicas significativas, mas, enxerga-se o oposto no neopentecostalismo, por isso que o termo *neo* é bem empregado, pois a estrutura discursiva é inovadora em seus termos, bases e dogmas. Realmente acontece uma ruptura como já foi citada e estas se fazem presentes nas diferenças teológicas, nas estruturas comportamentais e sociais. Vendo essas modificações verifica-se que o neopentecostalismo não está em si mesmo isolado, pelo contrário, as origens são do pentecostalismo clássico e do deuteropentecostalismo ou segunda onda do protestantismo.

Na essência do neopentecostalismo e dentro de seus usos e costumes vemos que as instituições neopentecostais estabelecem uma ruptura com a quebra de alguns princípios tradicionais do universo evangélico. Em alguns templos as vestimentas, que antes eram de apuro e sobriedade, que formavam a identidade externa do crente, não está mais sendo exigida e o que se pode ver é um visual informal adequado à atualidade inclusive da moda. Como lembra Oliveira (2005), tratando-se da identidade interna protestante, essa tem bases sólidas na santificação e rejeita o mundo e as coisas que ele oferece, pois, segundo seus discursos, é fundamental se abster do mundo para conseguir a salvação. A grande recompensa ou prêmio máximo da vida cristã é a vida eterna e para consegui-la deve-se passar por um processo de santidade cujas características são: obedecer aos mandamentos citados na Bíblia e ter uma conduta moral exemplar.

2.3 DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Segundo Mariano (2010), a Teologia da Prosperidade é originada nos EUA e rotulada como Health and Wealth Gospel, Faith Movement, Faith Prosperity Doctrines, Positive Confession, entre outros rótulos. A Teologia da Prosperidade reúne crenças de cura, prosperidade e poder da fé. Iniciou-se nos anos 1940, mas só se transformou em doutrina no decorrer dos anos 1970 a partir do momento em que se alojou junto aos grupos evangélicos americanos, adquirindo visibilidade e indo ao encontro de várias correntes cristãs. Quem liderou essa teologia foi o evangelista batista Kenneth Hagin, cidadão texano nascido em 1917 que expandiu o movimento de confissão positiva para diversos países.

O termo confissão positiva refere-se literalmente à crença de que os cristãos detêm poder – prometido nas Escrituras e adquirido pelo sacrifício vicário de Jesus – de trazer à existência, para o bem ou para o mal, o que declaram, decretam, confessam ou determinam com a boca em voz alta [...] (MARIANO, 2010, pp. 152-153).

Em suma, de acordo com este autor, a referida teologia prega que o crente pode mudar sua realidade por meio da *palavra* – termo referente à oração ou citação bíblica - proferida com fé. Para os pregadores de tal teologia, a humanidade foi liberta do pecado original e das maldições da lei mosaica, tais como as enfermidades, pobreza e morte espiritual. Só através do sacrifício de Cristo, Deus restituiria as bênçãos destinadas a Abraão e sua descendência. Essas dádivas divinas referem-se à saúde física e riqueza material e isso seria possível alcançar nesta terra antes do partir para o Reino. Este discurso está em torno da fé, e por ela os cristãos podem obter tudo. Esse decreto discursivo é feito em nome de Jesus e o grau de fé do crente fará com que as bênçãos sejam alcançadas magicamente, como se vê na fala abaixo:

Saúde perfeita, ou cura das enfermidades, prosperidade material, triunfo sobre o Diabo, uma plena de vitória e felicidade, “direitos” do cristão anunciados na Bíblia, figuram entre as bênçãos mais declaradas por eles. Para obter tais bênçãos, o fiel deve possuir uma fé inabalável, confessar a posse da bênção, observar as leis da prosperidade (MARIANO, 2010, p.154).

Essa dita *confissão positiva* não é na verdade pedir ou suplicar a Deus. Mariano (2010) questiona: “mas por que muitos crentes não tomam posse das bênçãos que Deus colocou à sua disposição? Por que há sofrimento, miséria, enfermidade entre os cristãos?” Os pregadores colocam todas as responsabilidades por esses males no Diabo, das legiões de demônios e no próprio homem. Ou seja, alguns crentes não recebem as bênçãos por falta ou pouca fé e também por cometerem pecados.

A Teologia da Prosperidade requer, como já foi mencionado aqui, um alto nível de fé, e através dela o crente pode pedir o que quiser, mas se não houver fé suficiente nada acontece – o que pressupõe, nas entrelinhas, que a responsabilidade da aquisição da bênção está mais no crente. Muitos frequentadores dos templos acham que o recebimento das respostas divinas é imediata e tem um efeito mágico como um “abracadabra”, tipo “pediu e ganhou”. Sobre isto os Teólogos da Prosperidade advertem: os pedidos não se tornam reais imediatamente, existe um processo para o recebimento e este vem por meio das orações de agradecimento ou cultos de ações de graças e respectivas ofertas de dízimos, pois, uma vez pedido, consta nos discursos que Deus age na dimensão do sobrenatural e só irá se concretizar no tempo Dele. Ou seja, a oração e a fé (e as contribuições financeiras que obrigatoriamente os acompanham) vão conduzir a realização dos pedidos, mesmo que as evidências indiquem o oposto.

Depende somente de o crente receber ou não as bênçãos que confessa. Qualquer dúvida, por mínima que seja, manifesta quanto à realização que confessou ou decretou, impossibilita o recebimento da bênção. Quanto mais irrealista for a confissão, maiores os riscos de o fiel duvidar de sua execução. Ainda que a reivindicação de direitos impossíveis de obter por meio de esforço próprio constitua enorme demonstração de fé, a demora em alcançar a graça e o descompasso existente entre a crença e a realidade pode abalar a fé do crente. Uma fé capenga [da pessoa que pede as bênçãos], inevitavelmente, será responsável pelo fracasso da confissão (MARIANO, 2010, p. 156, complemento nosso).

Para muitos cientistas religiosos, sociólogos e afins da área das ciências das religiões como Storni e Pereira (2007), este tipo de Teologia promove forte inversão de valores em alguns termos evocados dentro do neopentecostalismo. Enfatiza-se muito o retorno da fé nesta vida (terrena), deixando de lado a maior promessa deixada por Cristo aqui na Terra que é a salvação e a redenção após a morte. Estes autores lembram que os crentes e pastores valorizam muito a fé em Deus como “meio” utilitário de se obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder material terreno. Também se deixa de lado e se nega o sofrimento e as doenças do mundo – que podem fugir do controle dos fiéis –, os quais compõem o tema central no cristianismo. O que acontece neste discurso de prosperidade é a ênfase nas curas individuais em geral o que inclui as boas relações conjugais e familiares, além de uma insistente promessa de bem-estar material do crente nesse mundo.

Para muitos o discurso atual dos templos e mentalidades dos crentes é pautado por testemunhos de prosperidade, como assegura Macedo (1990, p. 25 e 85-86): (...) “A sua prosperidade depende de você (...) se você ousar crer em Deus e assumir a sua posição na palavra de Deus, determinando a sua vitória, assim será”. Esses discursos fogem aos tradicionais onde se pregava “uma vida de servidão e gratidão ao Senhor”, através de privações simbolizadas por

expressões como “carregar a sua cruz, sofrer como Jesus sofreu, morrer junto a Cristo, mas também ressuscitar igualmente junto a Ele”. De acordo com esse autor, que é o fundador e líder da IURD, a maior evidência da presença de Deus na vida dos fiéis que participam com contribuições monetárias, é seu estilo de vida, ou seja, “se sua vida é próspera, Deus está ali, se vive na pobreza ainda é servo do Diabo” cuja presença negativa também é da responsabilidade do crente.

Ele (Jesus) desfez as barreiras que havia entre você e Deus e agora diz – volte para casa, para o jardim da Abundância para o qual você foi criado e viva a Vida Abundante que Deus amorosamente deseja para você (...). Deus deseja ser nosso sócio (...). As bases da nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; e o que é d’Ele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria, e tudo de bom) passa a nos pertencer. Quem é sócio de Deus vive bem e em alta, quem não, é dependente do inimigo sempre (MACEDO, 1990, p. 86).

Existem conflitos entre alguns líderes do pentecostalismo – os defensores de uma ética protestante tradicional - e os neopentecostais, pois, os primeiros afirmam que esse tipo de Teologia inverte os valores originários do protestantismo. Eles também se referem a supostas modificações ou manipulações dos textos bíblicos, com práticas de, por exemplo, citar mais alguns trechos da bíblia do que outros. De acordo com os pentecostais antigos, os defensores da Teologia da Prosperidade maquiavam interesses capitalistas, segundo Oliveira (2011). Recorde-se que, desde o início Weber (2004) trabalhou com essa forte ligação entre ética protestante e os interesses capitalistas, o que, de certa forma fundamenta o interesse atual dos neopentecostais pela riqueza material, só que sem a sobriedade e ascese original desta ética. Outros autores pentecostais enfatizam:

A concepção de que a prosperidade material ou econômica é sinal de escolha ou de bênção divina, já aparecia nas doutrinas de Calvino. O Calvinismo é marcadamente intramundano, nele os valores de uma vida santa, quase ocupavam o mesmo espaço de uma empresa comercial. Por este motivo o Calvinismo é a tradição puritana mais próxima dos grupos neopentecostais, pelo apego ao dinheiro, e pelas características de empresa que estas igrejas assumem (ALVES e OLIVEIRA, 2005, p. 66).

Weber (2004) evidenciava que a ética protestante pregava que o acúmulo de riquezas era uma graça e uma forma de glorificar a Deus, o que sedava os fiéis por meio de uma “poupança” que devia ser feita por eles. No nosso entender, a ótica e ética neopentecostal de hoje é baseada no consumo que assume e lidera a fé neste contexto teológico de prosperidade. É o consumo que vai determinar a qualidade de vida, e esta é adquirida através dessa fé, que deve ser concentrada na busca material do “ter” e nas “coisas”.

Observe-se então a grande similitude entre a Teologia da Prosperidade e os princípios capitalistas. Existem várias críticas a essa Teologia e ela é vista por vários autores como equivocada, mesmo os de origem religiosa, por ter um alto teor herético. Weber (2004) afirmava que as riquezas adquiridas no trabalho cotidiano, metódico e racional constituía um dos trunfos desta ética que era pautada pela comprovação do estado de graça divina. Na visão weberiana a acumulação do capital resultava justamente na ética puritana, que impedia que o fiel praticasse o consumo supérfluo. Já na Teologia da Prosperidade veremos que essa valoração da ascese original protestante é deixada de lado ao promover a realização de sua principal promessa: a tão almejada prosperidade material, como diz Mariano (2010).

A ética protestante engatou-se com o estabelecimento do capitalismo na Modernidade, promovendo a racionalização da vida. Tal racionalidade carregava os traços de uma conduta de vida sóbria, sistemática, de “sujeito culpado”. O trabalho, meio para a realização da vontade de Deus e aumento de sua glória, favoreceu e legitimou a busca do lucro, embora sem o gozo deste lucro. No capitalismo tardio observa-se o nascimento de uma valorização da sensibilidade, das sensações, dos prazeres diversos, da busca do gozo. O “trabalho ideal” é aquele que oferece maior poder de compra, maior possibilidade de investir no gozo de si. A IURD valoriza a sensação, “autoriza” o uso dos prazeres, minimiza a culpa (os demônios são responsáveis por todo o mal no mundo) e constrói uma racionalidade muito própria do universo iurdiano, mas que encontra ancoragem social, no âmbito da cultura, das crenças populares, da própria diversidade religiosa e no modo dominante de produção de subjetividade (ESPERANDIO, 2005, p.40-41).

A Teologia da Prosperidade oferece muito mais que saúde e boas condições de vida. Ela afirma em seus discursos que o indivíduo terá sucesso econômico. Referindo-se ao campo do trabalho como ocupação profissional a Teologia da prosperidade enfoca uma mudança que se evidencia entre vários grupos religiosos. Na IURD, uma das falas mais repetidas é de que o trabalho não é mais ideal, mas sim ter o próprio negócio; é diferente do discurso do Calvinismo em que o lucro deveria ser poupado, pois, aqui o lucro é para ser gozado, tem que **ganhar para gastar**. Segundo este último autor, o controle sobre o comportamento de Deus é enfaticamente considerado nesses discursos, ou seja, supõe-se que o sacrifício dos fiéis irá controlar a vontade divina, e essa vontade é de realizar os desejos dos indivíduos. No nosso entender, existe aqui uma “fé eficaz” que traz um significativo empoderamento aos fiéis, pois, é um tipo de crença que se materializa através da prosperidade e do controle de cada indivíduo sobre as ações divinas. Foi apoiada nesses discursos que surgiu a Igreja Universal do Reino de Deus.

Esta denominação surgiu no Brasil em um momento de várias crises civis e religiosas, ou seja, organizou-se no Rio de Janeiro justamente diante essa situação de necessidades, anseios, falta de perspectivas e crises de diversas naturezas, especialmente perante a grave desigualdade social

brasileira. A estratégia da IURD era de ser uma alternativa, um subterfúgio a um caos sociorreligioso existente neste contexto. Seu discurso veio estrategicamente para supostamente atender as carências e faltas da sociedade e as exigências inconscientes e conscientes da pós-modernidade, onde, o econômico envolveu o religioso, o político e o cultural, como salienta Ferrari (2007):

A pregação ritualística da IURD procura difundir que, ao aderir a sua lógica eclesial de prosperidade, o indivíduo também chegará ao sucesso que a instituição adquiriu. A pessoa, curando os medos resultantes das presenças demoníacas no viver, sentir-se-á desafiada à conquista de resultados, demonstrando a “fé positiva”. Dessa forma, são perscrutadas as carências e os desejos e enfocados sob o prisma religioso, dando satisfação e sentido de viver à clientela. A cultura popular em seus variados elementos é ressignificada, despertando esperança e prosperidade nos grupos subalternos ou em degradação na escala social. Usando elementos pré-existentes no imaginário popular, apropria-se dos diversos elementos simbólicos e práticas religiosas. Sincreticamente os reinterpreta, estabelecendo uma lógica de satisfação para as massas (FERRARI, 2007, p. 102).

Note-se que a ideologia da IURD é baseada em uma teologia de ressignificação dos elementos que já existem em diversas religiões, evidenciando o seu caráter massivo desde o seu surgimento. De acordo com o autor acima, esta instituição neopentecostal se adequa de acordo com a variedade de clientes que recebe, assim, tem como objetivo atrair e satisfazer as mais variadas formas de credo existentes. Tal abordagem configura uma forma de conversão estratégica, já que ninguém é obrigado(a) a fazer escolhas ou trocar de templos já que, de acordo com Pierucci e Prandi (1996), nem o batismo é necessário nem a congregação é enfatizada, basta pedir (e pagar pelas) bênçãos. Estima (2004) lembra também que na IURD não são estimuladas as comunidades religiosas nem as práticas de caridade com os mais carentes.

Os discursos e pregações são feitos com linguagens simples, repetitivas, atrativas e enfatizam o universo de carência principalmente a financeira através de um consistente sistema de marketing, como afirma Silva (2012). Esta instituição nasceu sob a influência da Teologia da Prosperidade americana, a partir de um rompimento com o pentecostalismo clássico, e mesmo rompendo com o tradicionalismo é forçoso reconhecer que ainda conserva elementos arcaicos que se misturam com elementos emergentes e novos criados na pós-modernidade, o que lhe dá um suposto lastro de credibilidade “bíblica”.

Vejamos as origens dessa instituição, como se desenvolveu e como mudou a aparência da sociedade, tanto neopentecostal como fora do campo religioso. A formação dessa nova instituição se deu entre 1975 e 1977 e se solidificou nas décadas de 1980 e 1990. Segundo Ferrari (2007), tudo começou com o missionário canadense Walter Robert Mac Alister, que atuava em um ministério

itinerante nos EUA e em vários outros continentes, além de ter sido representante das Igrejas Pentecostais nas conversações com o Vaticano. No Brasil, ainda nos anos 1960, ele rompeu com a Assembleia de Deus e, com o apoio e patrocínio de dinheiro estrangeiro fundou a Cruzada de Nova Vida no Rio de Janeiro, que era localizada no Bairro do Botafogo, em 1960. No findar dos anos 1960, houve uma mudança e a referida Cruzada transformou-se em Igreja Nova Vida. Esta foi, dentro das mais variadas vertentes do pentecostalismo, a pioneira em se definir pelo episcopado no Brasil. Na formação embrionária dessa instituição temos como algumas características a valorização da prosperidade e o intenso combate contra o diabo.

Esses discursos também eram à base das pregações e processos ritualísticos propagados pelos cunhados do missionário acima citado, Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares – hoje conhecido como RR Soares, que, juntos com Roberto Augusto Lopes e os irmãos Samuel e Fidelis Coutinho, fundaram em 1975 a Igreja Cruzada do Caminho Eterno. Esse grupo pregava nas casas, ruas, praças e cinemas alugados. No ano de 1977 essa instituição foi extinta, e com as ausências dos dois irmãos Coutinho, fundaram a IURD, na sala de uma casa fúnebre no bairro da Abolição, localizado no subúrbio, zona norte do Rio de Janeiro.

Qualquer um que tivesse visto surgir na sala de uma ex-funerária do bairro da Abolição, subúrbio da zona norte do Rio, não sustentaria grandes expectativas a seu respeito. Seu destino mais provável, como o de tantos grupos pentecostais cismáticos, seria a obscuridade da periferia ou dos entrincheirados morros e favelas do Rio. No entanto, apesar da remota probabilidade de êxito, a história lhe foi assaz generosa, milagrosa até. Parte deste sucesso deve ser creditado a seu controverso líder, o bispo Macedo. Venerado por fieis e subalternos, criticados por adversários religiosos e pastores concorrentes, acusado pela polícia, pela Justiça e pela imprensa de charlatanismo, estelionato, curandeirismo e de enriquecimento às custas da exploração da miséria, ignorância e credulidade alheias, Macedo vai, em parte graças ao Diabo que tanto ataca, interpela e humilha, construindo a passos largos seu império (MARIANO, 2010, p. 54).

Segundo o autor acima, Edir Bezerra de Macedo nasceu em fevereiro de 1945 na cidade fluminense de Rio das Flores, Rio de Janeiro, numa família pobre. É filho de Henrique Francisco Macedo, alagoano, e Eugênia Macedo Bezerra, mineira, de família pobre e volumosa – dezessete ao total – onde dez faleceram. Trabalhou na LOTERJ – Loteria do Estado do Rio de Janeiro -, mas, não completou seus estudos nas áreas de matemática e estatística. Desde antes se mostrou com forte e intenso espírito de liderança e senso de empreendedor administrativo. Frequentador do catolicismo e espiritismo converteu-se quando tinha dezoito anos entrando na Igreja Nova Vida por meio de sua irmã, supostamente curada de uma bronquite asmática nesta denominação. Depois de

doze anos de militância nesta instituição saiu insatisfeito acusando essa instituição de elitismo e por não lhe apoiar e nem aceitar sua metodologia evangelística, considerada incisiva e atrevida.

Segundo a mesma fonte, Macedo foi considerado autoritário e carismático e gradualmente foi inibindo a participação do seu cunhado e principal preletor, o pastor Romildo Ribeiro Soares (R.R. Soares, que depois fundou sua própria igreja). Este último tinha um bom desempenho oral e também estava à frente dos programas de rádio e televisão obtendo sucesso em seus programas. Em 1980, houve um desmembramento entre eles e R.R. Soares fundou, na mesma linha do neopentecostalismo, a Igreja Internacional da Graça de Deus onde atua até hoje. No mesmo ano, Macedo e o companheiro fundador Lopes, instituíram o episcopado iurdiano consagrando-se mutuamente como pastores e continuaram seguindo o modelo eclesiástico da Igreja Nova Vida de onde saíram.

Ainda em 1980 o recém autopromovido Bispo Lopes foi designado para fundar a Igreja Universal em São Paulo. Enquanto isso, o também recém autoconsagrado Bispo Macedo se tornou responsável pela direção eclesiástica dessa nova instituição. Em 1987, Lopes saiu da IURD e retornou à Igreja de Nova Vida acusando Macedo de ter uma visão e uma ideologia empresarial e mercantilista. Macedo começou então a comandar sozinho a IURD porque buscou, sem sucesso, a assessoria com pastores americanos. Ricardo Mariano (2010) explica melhor:

[Macedo] Acreditava que morando em Nova York, “o centro de todas as nações do mundo, como Roma era no tempo de Jesus”, poderia, além de captar dólares, criar um núcleo de evangelismo mundial enviando estrangeiros lá convertidos como missionários para seus países de origem. Mas tal estratégia não obteve êxito. Primeiro, porque sua implantação e expansão, tanto nos EUA (onde a Universal tentava se fixar sem êxito em 1980) como na maioria dos países em que se estabeleceu, continuou sendo feita majoritariamente por pastores brasileiros. Segundo, porque nos EUA, embora fosse o primeiro país estrangeiro em que se estabeleceu e contasse, desde o início, com a ajuda e assessoria de pastores norte-americanos, a igreja cresceu relativamente pouco ou quase que só entre imigrantes hispânicos [...] (MARIANO, 2010, p. 56-57).

Para muitos a estratégia de Macedo no Brasil era de procurar novos mercados onde penetrar, criar métodos de marketing e de aumento de capital. A biografia oficial do Bispo Macedo o retrata como um líder altamente disciplinado, objetivo, com espírito militar, teimoso, insensível algumas vezes e visionário, de acordo com Tavolaro (2007). A seguir veremos a conduta de Edir Macedo como Líder da IURD, segundo as fontes de Mariano (2010).

A supremacia de Edir Macedo em relação a IURD não se estende apenas no âmbito administrativo, vai além, com ensinamentos e práticas que também são de seu domínio. Justino (1995, p. 28-29) afirma que “seus pastores e demais líderes são reconhecidos por imitar sua

pregação, cânticos, dizeres e até mesmo sotaque e gestos, sem temer a repercussão disso”. Macedo não é só um ícone, é também um modelo de como os demais pastores deveriam ser, e, uma vez que ele alcançou a prosperidade, esta também deverá estar à porta daqueles que o seguissem fielmente. A IURD é vista como uma denominação multifacetada e tem Macedo como líder supremo, e sendo considerada como uma igreja é, portanto, uma organização considerada juridicamente como ‘sem fins lucrativos’, como explicam os autores abaixo:

Abaixo de Macedo, 22 bispos de alto escalão compõem o conselho mundial de bispos. Eles supervisionam entidades específicas e assuntos denominacionais a eles atribuídos. Em 1995, dez desses bispos se dedicaram a operações no Brasil e doze lideraram com atividades denominacionais no exterior (Com fé, dinheiro e fiéis) (FRESTON, 2001, p.199).

Esses bispos administram de maneira direta ou, pelo menos, supervisionam organizações adquiridas pela IURD inclusive uma gravadora, uma holding, um banco, a rede de televisão Record, estações de rádio e outros meios de comunicação, uma agência de viagens, estratégias políticas e, obviamente, pastores e igrejas filiadas (BLEDSON, 2012, p. 75).

Esse governo eclesiástico da IURD é bem centralizado na figura de seu ³líder carismático e seu arcabouço dominante é vertical, o que para muitos chega a ser opressor. O discurso do bispo Macedo sobre sua autoridade vitalícia é baseado na fala do próprio Deus porque, segundo ele próprio, a divindade cristã o elegeu para praticar em seu nome tal autoridade, portanto, essa ordem discursiva não deveria ser questionada. Os outros pastores e todos aqueles que ficam a um degrau abaixo de Macedo não têm autonomia nem direito de intervenção alguma sobre a posição e todo leque ideológico/teológico que o bispo tem ou venha a ter.

Para muitos – especialmente os concorrentes/adversários – Macedo é um ditador, mas para os de “casa” ele é carismático e comunicativo, além de ser também um bom administrador, tanto em termos religiosos como empresariais. Antes da formação de seu império envolveu pessoas de confiança para, sob o seu comando, reger as denominações e as empresas que gradualmente se transformaram em uma holding⁴. Segundo Ferrari (2007), o lema do bispo Macedo é que sua instituição funcione como empresa lucrativa, e o que faria com que seu império crescesse seria o aumento da produtividade - aumento de arrecadação, congregações, fiéis e dizimistas.

Em outras palavras, as igrejas e templos que não geram rendas são, aos poucos, dispensados e desativados, ou seja, o bispo Edir Macedo, de acordo com Ferrari (2007), gerencia uma

³ É aquele que inspira em seus liderados a confiança, aceitação incondicional, obediência espontânea e envolvimento emocional. O líder carismático é visto por seus liderados como alguém que possui qualidades excepcionais;

⁴ Uma união de empresas que juntas, formam uma única para administrar, gerenciar outra empresa que pode ou não ser em outro ramo de atividade diferente das formadoras desse grupo, mas que podem trabalhar dentro dela otimizando os custos e gastos (FERRARI, 2007, p. 155).

empresa/instituição religiosa onde só os que se sacrificam no abastecimento e crescimento de seu império são “vistos” e agraciados com seus respectivos cargos e funções. Esta é, a nosso ver, uma atuação semelhante à das franquias das empresas capitalistas, apesar da crucial diferença de não recolherem impostos por serem consideradas pelo fisco como “instituições sem fins lucrativos”, como já foi indicado acima. Ferrari (2007) detalha esta estrutura:

Edir Macedo, proclamando-se “homem de Deus” legitima-se como autoridade intermediária dos bens simbólicos. Concentra em si o “monopólio teológico e ideológico”. Como líder maior e co-fundador da Igreja, realiza a mediação com o sobrenatural, justificando, diante do senso comum popular, inclusive o seu altíssimo padrão de vida. “Se não faz ‘sacrifícios’ como os fiéis pobres, é porque já alcançou a meta de ser rico. Não precisa ser exemplar no seu desprendimento porque já é exemplar na sua riqueza” (FERRARI, 2007, p.156).

Segundo este mesmo autor, Macedo, em sua efetividade dominante nomeou e consagrou aqueles que iriam trabalhar com ele, e os selecionados chegariam a quase 10 mil pastores que atuariam como seus auxiliares. Eles são recrutados ainda jovens, em sua maioria, o que a nosso ver denota uma estratégia de convencimento feito com pessoas sem condições de maturidade para discernirem sobre tal recrutamento. Inicialmente esses ajudantes não podem dirigir sacramentos, casamentos, batismos nas águas, nem muito menos oferecerem a Ceia do Senhor, a chamada comunhão pelos católicos. Estas práticas – ministrar sacramentos e oferecer a Comunhão - seriam as duas ordenanças originárias da Bíblia e conservadas desde a Reforma Protestante. Já os consagrados como pastores são casados e, seguindo as normas tradicionais, têm o chamado ministerial através da revelação do Espírito Santo. No entanto, precisam ser competentes nas pregações e assim fazer com que suas arrecadações de dízimos e ofertas sejam “satisfatórias” para a IURD.

A competência no uso da Palavra e a produtividade na captação das doações dos fiéis estão correlacionadas em se tratando da mobilidade e ascensão hierárquica eclesiástica dos pastores. Aqueles que conseguem arrecadar mais da membresia dos templos tendem a obter também o acesso aos meios de comunicação, o que lhes dá visibilidade e renome, além de terem suas reivindicações atendidas. Há também a possibilidade de um prêmio de remoção para dirigirem templos maiores, dentro e fora do Brasil. Tudo isso ocorre sob o olhar comprovativo e fiscalizador do gerente geral da instituição/empresa, o bispo Edir Macedo.

No centro dos discursos teológicos da IURD está o trinômio: Exorcismo, Cura e Prosperidade, que organiza a prática pastoral e toda estrutura dos cultos e ofertas religiosas desta denominação. Nessa base a simbologia, as normas e a transmissão do sagrado são inseridas dentro

de um marketing religioso, tendo este como um dos principais objetivos da igreja, fazer uma enorme vitrine do sagrado e de sua pré-disposição em “ajudar” os fiéis a alcançarem seus desejos. Vejamos a síntese discursiva de cada um dos pontos que forma esse trinômio.

O **Exorcismo** é relevante e tem como objetivo causar uma libertação do ser que pode estar preso aos maus espíritos que estão se apossando da realidade humana, visível e terrena, o que supostamente causa um desequilíbrio, e em consequência coloca a vida do homem totalmente fora de uma ordem cósmica. Como afirma Bonfatti (2002, p. 49): “(...) exorcismo, este pode distinguir-se em dois tipos: o de incorporação e o sem incorporação”. Basicamente, o de incorporação seria a partir de manifestações de entidades, em geral do panteão afro-brasileiro. Os sem incorporação, sem tais manifestações.

Vemos aqui nesse ritual aplicativo da teologia iurdiana que existe uma espécie de “guerra santa” entre Deus e o Diabo, e essa luta acontece aqui na Terra. Esse ritual de exorcismo é baseado no discurso pautado pela finalidade de libertar o ser de uma contaminação espiritual negativa que causa todos os tipos de sofrimento. Vejamos como Ferrari (2007) explica este fenômeno:

A Igreja Universal demonstra ser portadora da força do Espírito Santo, o qual unge, e liberta de todos os males, sendo um “pronto socorro espiritual”, testemunhando ao mundo os prodígios divinos. [...] autoproclama-se uma igreja da ‘reconquista’, a portadora da vitória do ‘Reino de Deus’ sobre os ‘reinos satânicos’. Nela, Jesus é o único Senhor e salvador. [...] no ritual, coordenado pelos pastores/bispos a assembleia é instigada a ser ativa, participando do ‘combate libertador’ com cânticos inflamados, gestos energéticos e palavras de ordem. A lógica narrativa incute que a pessoa é vítima, dominada por uma força satânica maior que se alojou no seu corpo pelos diferentes problemas passados, presentes ou hereditários. Pelo exorcismo há expulsão, mas o ‘maligno’ sempre teima em voltar, rondando a fraqueza humana. No culto trava-se uma batalha em busca da vitória sobre os possesores públicos ali expostos e sobre possessões que cada um carrega como vítima de encostos. No momento de forte histeria coletiva, ocorre uma sensação de terapia na projeção e na expulsão dos males do viver. [...] afirma-se a autoridade de Deus e se justifica uma ‘violência em nome de Jesus’ e no combate dos espíritos rebeldes. O sagrado pervertido é expulso através de atos simbólicos de violência purificadora [...] (FERRARI, 2007, p. 127).

Como se pode perceber, nesta citação, há grande uso dos termos originados nas religiões afro-brasileiras. Nos templos da IURD existem dramatizações litúrgicas no rito do exorcismo, e é isso que simbolicamente liberta e supostamente reordena o sentido de vida da pessoa que está sendo atendida ou liberta, conforme rezam os seus discursos explicativos de marketing. Ou seja, os homens que ‘travam na frente de batalha’ são considerados como portadores do poder divino e têm autoridade suficiente para designar, juntamente com uma ‘corrente’ libertadora, a ‘expulsão’ do mal ali sentido e visto.

Outro fator determinante na prática ritual da IURD é a **Cura**, e nela o discurso é que Deus é visto como um ‘médico supremo’. De acordo com as falas dos pastores, Deus se manifesta também na vida do homem como um terapeuta que vem curando seus filhos. Diz-se que Deus, o Pai, curou através de seu filho Jesus Cristo e continua curando nos dias atuais através da ação do Espírito Santo. Note-se que a indicação do poder do Espírito Santo não é exclusivo da IURD, o que transforma as suas falas em elementos linguísticos-simbólicos mais conhecidos e legitimados pelas massas populares.

O discurso iurdiano é de que as doenças não são causadas pelo afastamento do indivíduo de Deus e sim por deixar o diabo se aproximar dele, e isso supostamente ocasiona todo tipo de derrotas e doenças. As pessoas podem ficar doentes em vários setores de sua vida física, financeira e espiritual. O que é necessário para haver a cura ou libertação? Para a IURD, não é necessário se converter no sentido de batismo formal e ritual, ou então reconhecer que tem culpa e pecou, basta querer ser liberto, o que tem, no fundo, a ideia que valoriza a figura do diabo e sua possessão inconsciente, que atua como cenário do poder de intimidação e libertação do pastor. Vejamos o que Ferrari (2007) afirma a respeito das pessoas que se disponibilizam a serem libertadas.

Para a pessoa liberta e curada, a IURD apresenta uma nova maneira de compreender a vida a partir de um novo referencial. Novos símbolos e a reestruturação do imaginário frustrado apresentam razões novas para os indivíduos viverem. A Igreja, como mediadora do sagrado, procura levar o público a experiências novas [...] como tratamento espiritual de libertação, jejum do milagre urgente, jornada feliz, desafio à vida abundante e purificação das mentes negativas. A dinâmica teológica iurdiana oferece ao indivíduo conflitante a possibilidade de um ‘nascer de novo’ através de seu culto (FERRARI, 2007, p. 132-133).

Note-se que tais práticas são persuasivas porque envolvem as estruturas emocionais-afetivas das pessoas, e por isso podem ser de grande poder de manipulação. Para dar cor e forma a esses rituais, a IURD criou uma metamorfose estrutural nas igrejas, onde são criados verdadeiros “salões de milagres”, o que pode dar o tom das referidas manipulações. É nesses locais onde acontecem “terapias” em massa, dentro do discurso em que a igreja oferece cura e salvação *a partir das doações dos fiéis*. Geralmente as mudanças positivas que acontecem na vida dos crentes são apresentadas como milagres e são divulgadas para que sirvam como exemplos de uma busca maior pela igreja por parte daqueles que necessitam da cura no sentido lato. A divulgação desses milagres é que fez com que a IURD fosse reconhecida como casa de milagres e assim atrair os indivíduos para serem também ‘contemplados’ com a ação do Transcendente manifestada nos templos.

Outro fator preponderante do discurso teológico da IURD é a mais importante e mais citada neste trabalho: a **Prosperidade**. Mas, vale dar evidência ao seu poder combinado com os de

exorcismo e cura. A IURD executa em seu discurso de pregação ritualístico um despertar do ser no sentido de buscar resultados satisfatórios para sua vida. Discorre uma mensagem que faz aflorar a autoestima dos fiéis, o que leva com que os indivíduos reavaliem sua vida e o que é possível obter, e, por um meio supostamente sobrenatural (e ‘mágico’ nos efeitos especiais) para obterem uma maior confiança em seu desenvolvimento, tanto espiritual como material e socioeconômico.

A manipulação da Bíblia é a principal ferramenta para embasar as falas de testemunhos que entusiasma o público. Ela é manejada com citações e versículos isolados para que, através deles, os pastores/bispos possam revelar as mais variadas situações que aconteceram tanto no Velho como no Novo Testamento da Bíblia, onde estão os relatos de sucesso e também de frustrações. Tais práticas poderiam ser consideradas positivas – como terapias massivas - se não fossem manipuladoras e ambíguas, já que nem todos os sonhos e pedidos se realizam, como se poderá ver nesta pesquisa. Mas, para muitos que estudam as práticas da IURD, o que existe de fato são noções de psicologia e filosofia que penetram no campo religioso.

Explora-se muito o simbolismo do dinheiro como expressão maior de sacrifícios, ofertas, propósitos e votos a Deus. O indivíduo prova sua fé ligando o seu viver à sociedade com a riqueza divina, o que bloqueia a tentação do maligno. Cabe à pessoa desejosa de solução tomar a iniciativa e selar financeiramente a sua reivindicação à divindade, a qual deve honrar sua onipotência, pois ‘Deus que é Deus não pode falhar’. Assim, a dinâmica cultural gasta a maior parte do tempo desafiando a colaboração do público e intimidando quem resiste à lógica financista com Deus mediante a Igreja (FERRARI, 2007, p.137).

Segundo este autor, dentro do apelo cenográfico realizado, existem cantos vibrantes e orações fervorosas, doa-se brindes, recolhe-se dinheiro e também se distribui envelopes para que se traga alguma quantia em outras celebrações. Obedecendo a tais ritos considera-se que os fiéis “demonstram a sua fé”, sempre sendo desafiados a empenharem quantias e valores mais altos em nome dos dízimos, aos quais eles sempre devem contribuir sem nunca duvidar.

Por mais que este aspecto tenha sido aqui debatido, pretende-se enfatizar a natureza hipnótica de tais práticas, o que as torna efetivamente persuasivas. Além de tudo, nas entrelinhas do conteúdo discursivo desta denominação, os fiéis podem se sentir no direito de exigir de Deus as recompensas em forma de retorno do investimento dos dízimos. Esta possibilidade, vale lembrar, pode escamotear “uma faca de dois gumes” por causa dos riscos de frustração dos pedidos não atendidos aos quais os poderes discursivos não dão conta de explicar. Esta é a ambiguidade da difusão mercantil entre a doação dos dízimos e uma suposta certeza da resposta positiva das divindades, porque os fiéis se acham no direito de terem o que pediram, o que nem sempre acontece.

Fica então difícil colocar a responsabilidade da negação dos pedidos a Deus na suposta falta de fé do pedinte, o que é outra estratégia discursiva. Além disso, a racionalidade do contexto das igrejas raramente se apresenta e, sendo a fé um sentimento, mais do que uma razão coerente, esta fica fragilizada quando os frequentadores são frustrados em seus pedidos e necessidades, o que reforça o poder de manipulação dos pastores e líderes religiosos. Como afirma o próprio bispo Macedo: “Em questão de fé, a razão não é boa conselheira”.

Nos templos da IURD existe uma padronização estratégica e mercadológica de seus produtos e serviços, nos quais se utiliza sempre de ‘correntes ou campanhas espirituais’. Essas campanhas vão além de atrair, pois devem também manter a frequência do público. Através delas estão os discursos de solução dos mistérios, os males são combatidos e as graças são alcançadas. Mas, há uma pressão e coação escondida nos discursos porque as campanhas não devem ser rompidas, ou seja, os fiéis sempre devem participar – monetariamente - para alcançar as bênçãos desejadas. Os indivíduos são incentivados a participarem ativamente dos cultos e deixarem-se envolver em seus usos e costumes, tanto dentro como fora dos templos. Vejamos o que diz Mariano (2010) a respeito de uma ‘magia organizada’ nos cultos iurdianos.

Embora fartos de simbolismo e pródigos em manifestações sobrenaturais, os cultos da Universal se caracterizam pela simplicidade. Além de simples, sua liturgia é despojada, sem roteiro rigidamente preestabelecido a ser seguido. Não há, por exemplo, a demarcação de um momento para orar, de outro para cantar, exorcizar ou ofertar. Os pastores detêm grande liberdade na direção dos cultos. A reunião tanto pode começar com oração, cânticos, corinhos, bem como a convocação dos presentes para aproximarem-se do púlpito para orar ou participar da corrente de oração do dia. Na medida em que os cultos prescindem de corais, bandas e cantores é o pastor quem faz tudo. Ele ora, canta, prega, faz os pedidos de ofertas. Comanda o culto do começo ao fim. Dirige as ações aos fiéis. Quanto às correntes de oração, aos rituais de exorcismo e de unção e à oração com imposição de mãos, o pastor conta com o abnegado e indispensável auxílio dos obreiros (MARIANO, 2010, p. 57).

A IURD exige o máximo de empenho e disposição de seus pastores e consequentemente dos⁵ obreiros já que, como se pode ver na citação acima, os cultos se tornam verdadeiros espetáculos interativos. Na lógica da igreja, a proposta é que os fiéis escolham seu dia de ‘campanha, corrente ou sessão’ de acordo com os seus problemas, necessidades e desejos. Vejamos um dos materiais publicitários que estão sempre disponíveis pela IURD: neles é possível observar que o templo é aberto todos os dias, onde sempre existem pastores/bispos e obreiros para atender os frequentadores

⁵ O obreiro tem a finalidade de servir no reino de Deus. Nas igrejas é o auxiliar do pastor, é visto como uma autoridade espiritual, porém restrito a algumas práticas eclesásticas.

de maneira particular, com horários que também são os mais variados. Note-se que esta é uma atenção que atrai, “acolhe” e gera envolvimento dos crentes carentes.

Em um folder (sem data) entregue nas ruas e que foi arquivado pelo pesquisador estão as linguagens, cores e logomarcas de todos os produtos característicos da IURD:

PARE de SOFRER! ‘Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, que eu vos aliviarei’ (Mt 11:28). ESCOLHA E PARTICIPE DE UMA CORRENTE DE ORAÇÃO:

2ª feira - Corrente da vida abundante: Reunião e Vigília dos Empresários.

3ª feira – Corrente da Cura Divina, e Sessão do Descarrego.

4ª feira – Reunião dos Filhos de Deus.

5ª feira – Corrente de Libertação e Solução da Família.

6ª feira – Corrente dos Caminhos Abertos e Tratamento Espiritual de Libertação.

Sábado – Jejum do Milagre Urgente e Terapia do Amor.

Domingo – Quatro Concentrações de Milagres do Espírito Santo e Corrente da Jornada Feliz.

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS – Um milagre espera você!

Texto do Folder

A intensa programação da IURD deixa bem clara a noção de sua eficiência e capacidade de promover, tanto no sentido espiritual como no psicológico, as supostas soluções para as crises existenciais sofridas pelos indivíduos frequentadores, embora raramente se fale em trabalhos de caridade e solidariedade social como as demais denominações fazem. Utiliza-se do resgate de símbolos originários do senso comum, da cultura e da religiosidade popular. Como exemplo podemos citar os quatro elementos da natureza para propagar e contextualizar a manipulação tanto do sagrado primitivo como também das novas formas de discursos.

De acordo com Rodrigues (2007), nas campanhas nota-se a existência da **água**, que é consagrada no copo que acompanha o indivíduo em frente a um programa na rádio. O **ar** é apontado como parte do Espírito Santo, como força nas mensagens e rituais de libertação da igreja. A **terra**, principalmente nas Campanhas da Fogueira Santa de Israel, é relacionada à do terreno longínquo e lendário, em que é filmado sendo trilhada pelos pastores nas peregrinações a Jerusalém em nome dos oferentes, junto com os pedidos dos fieis como se eles próprios estivessem nos locais sagrados da Terra Santa. O **fogo** é invocado através da queima dos papéis escritos com os pedidos dos fiéis para que cheguem ao conhecimento de Deus em uma forma bastante ritualística e espetacular, cujos filmes são exibidos nos templos. Esses dois últimos são elementos simbolicamente trabalhados de

forma bastante empolgante nas campanhas da Fogueira Santa de Israel que ocorrerão nos anos seguintes. Como há intensa divulgação dessas filmagens, pretende-se compará-las com os resultados das campanhas, tanto nos discursos de esperança quanto dos resultados e frustrações dos pedidos não atendidos.

Vejamos então a análise de alguns autores do universo acadêmico sobre essas práticas religiosas. Prandi (1996), em sua reflexão sobre as causas da troca de uma religião para outra, ou seja, das igrejas tradicionais para as evangélicas e também de uma neopentecostal para outra, evidenciou a busca de bens materiais desses fiéis. Estes acreditaram que nos templos neopentecostais conseguiriam alcançá-los, portanto, detalharam até o que pretendiam receber das divindades através da mudança para a IURD. Faltam dados sobre a rotatividade dos frequentadores nos inúmeros templos, principalmente pelos fatores das decepções causadas pelos novos agentes dessas instituições neopentecostais, o que é, aliás, o nosso principal objeto de pesquisa. No entanto, a questão da rotatividade inter e intra templos foge à alçada desta pesquisa, fica então registrada aqui a importância desta temática para uma nova investigação.

Além disso, como esse mesmo autor lembra, na mesma fonte citada acima, o consumo religioso não implica necessariamente na conversão. Prandi (1996, p.268) alerta que desde a fundação da “virtude teologal da caridade”, divulgada pelos espíritas de Kardec no final do século XIX, a prática de ajudar aos que necessitam sem convertê-los tornou-se disseminada entre os religiosos, que se utilizam do questionável adágio franciscano: “é dando que se recebe” (PRANDI, 1996, p.269). Da mesma forma age o subgrupo católico da Renovação Carismática, cujo maior objetivo é trazer de volta as “ovelhas desgarradas” e perdidas para os templos neopentecostais através da atração dos fiéis que desejam receber graças divinas no universo católico. Prandi (1996, p. 261-266) citou uma pesquisa feita pela Datafolha⁶ em 1995, na cidade de São Paulo, onde se processou a resposta à pergunta feita aos entrevistados sobre as razões da mudança de religião.

Reunindo as diferentes respostas, chegou-se aos seguintes resultados: 50% afirmaram que a mudança de religião (para a IURD) se deu por questões espirituais e de identidade ou por insatisfação com a devoção anterior. Outros 25% disseram “explicitamente que chegaram até sua religião atual procurando pela cura de doenças e vícios, ou porque queriam emprego e alguma folga financeira, casa para morar etc.” (PRANDI, 1996, p. 262). Este autor concluiu: “as novas religiões crescem na pobreza: 30% dos convertidos ao pentecostalismo são **de renda e escolaridade baixa**”,

⁶ Segundo o autor acima citado, a amostra, desenhada para ser representativa da população adulta da cidade, compreendeu 1079 entrevistas. (PRANDI, 1996: nota de rodapé da página 261).

conforme os resultados desta pesquisa (PRANDI, 1996, p. 265, **grifos nossos**). Esses números enfatizam o utilitarismo dessas práticas religiosas, no sentido do *misticismo de resultados* conceituado por Storni e Pereira (2007).

Um dos aspectos mais importantes citados por esse autor está em um de seus subtítulos: “A religião pela qual se paga” (PRANDI, 1996, p. 266). O ato de “pagar pela religião”, segundo ele, é uma experiência muito recente no Brasil. Na tradição católica há e sempre houve doações, esmolas e contribuições dos mais aquinhoados à paróquia, mas, essas nunca tiveram o caráter da obrigatoriedade, já que esta instituição é vista como “coisa pública” e já fez parte do Estado, cuja separação ocorreu no advento da República no Brasil. O máximo que acontece, e que já é sacramentado pela tradição do catolicismo, é o pagamento das taxas ou as chamadas *espórtulas* dos ritos encomendados. Em suma, ser católico é ter a Igreja sempre disponível, como lembra este autor.

A lista das causas de mudanças e rotatividade inter e intra templos e denominações evidencia então a prática recorrente que é essencialmente estruturada na troca individual de dinheiro por orações que podem gerar graças, principalmente as de cunho material. Baseando-se na análise de Prandi (1996), as religiões neopentecostais – “de conversão” – como o autor as rotula, crescem na pobreza e esta adesão está associada, em grande medida, à marginalidade social.

Como mostrou a Revista Veja (de 03/07/2002, p. 90), os fiéis neopentecostais envolvidos nas trocas acima citadas são os que, no nosso entender, estão tão emocionalmente envolvidos com estas crenças que são estimulados a estruturar melhor suas famílias, trabalhar com mais dedicação e são ou tentam ficar distantes de práticas, vícios e comportamentos marginais. O supracitado artigo da Veja evidenciou que nos presídios os apenados têm tido vantagens concretas inegáveis no exercício da fé e da espiritualidade, tais como o conforto da solidariedade e assistência jurídica, logística, médica, etc. Por outro lado, esse aspecto de religião utilitária, do tipo “balcão de negócios – pague hoje e tenha a sua graça amanhã” (OLIVEIRA, 2011), é no mínimo reduzida e frágil por não desenvolver valores éticos e de reflexão da cidadania.

As igrejas evangélicas tradicionais desenvolvem, entre os seus membros, trabalhos de solidariedade, caridade e prestam serviços inestimáveis para os movimentos de cidadania, consciência política e educação, especialmente para a juventude, como se pode ver nos dados sobre as escolas congregacionais Metodistas, Batistas e Presbiterianas. Há também instituições que tratam de jovens de rua, drogados onde se faz estudos bíblicos, e escolas de Teologia dessas denominações, nas quais a formação dos clérigos é feita de maneira aprofundada, o que não

acontece com pastores da IURD, conforme lembra a pesquisadora Estima (2004). Vale ressaltar que essas reflexões e análises apresentadas neste final de capítulo nos deram o lastro para a sistematização e análise dos dados empíricos, que serão apresentados no próximo capítulo.

3 - DADOS EMPÍRICOS

A civilização materialista jamais deixou de ser objeto de incontáveis críticas emanadas das mais diversas famílias de pensamento. As correntes cristãs tradicionais acusaram-na de arruinar a fé e as obrigações religiosas.

Gilles Lipovetsky

Neste último capítulo apresentamos os dados sucintos sobre o que é a campanha da Fogueira Santa de Israel, quais os seus objetivos, os cenários onde acontecem e que dão o contexto imagético e histórico para o aparato discursivo e simbólico do objeto desta dissertação. Ou seja, a análise dos testemunhos/discursos sobre esperança/sucesso na obtenção dos bens ou bênçãos oferecidas pela IURD, bem como os discursos/testemunhos de frustração e decepção pelo insucesso por não serem atendidos no que pediram às divindades durante os eventos desta campanha.

3.1 A CAMPANHA DA FOGUEIRA SANTA DE ISRAEL

Qual seria o segredo da Fogueira Santa de Israel? Vejamos o discurso explicativo que o idealizador desse evento, o bispo Edir Macedo, tem a nos dizer já que é o fundador e líder da IURD:

Na fogueira Santa, **usamos a nossa fé para chamar a atenção de Deus. Por essa razão, não pode ser oferecida ao Senhor qualquer coisa, tem que ser um sacrifício especial. Mas nem todos têm a mesma fé.** A fé no Senhor Jesus não combina com fracassos e a convicção em relação às Suas promessas é tão profunda que nem a própria morte é capaz de removê-la. **Quem tem fé luta para ser mais que vencedor.** Se tivermos fé em Deus, tudo será possível. Como? Agindo do mesmo modo que os filhos de Israel, tendo as mesmas atitudes que eles tiveram. Assim, aquele que crê no Deus de Abraão, definitivamente, **não aceita viver de forma inferior ao que foi prometido por Ele nas Escrituras Sagradas. Essa é a proposta da Fogueira Santa.** O sacrifício da Fogueira Santa não é para aventureiros, nem para tentar uma melhoria de vida, mas, sim, **para quem está disposto a sacrificar.** O Senhor Jesus deu a Sua vida por nós; se quisermos conquistar a plenitude que Ele nos oferece, então, da mesma maneira, teremos de sacrificar a nossa vida. Moisés teve de fugir do Egito e abrigou-se em Midiã. Ao chegar à casa de Jetro, o seu sogro, nada tinha a oferecer senão a si mesmo. Mas foi justamente desse “homem que não tinha nada”, fugitivo, solitário, “sem eira nem beira”, que Deus fez um líder, um legislador, um estadista, um profeta, um libertador e um salvador para a nação de Israel. Portanto, a proposta da Fogueira Santa é para aqueles que querem subir ao Altar e entregar a si próprios, com o sacrifício. Esses, certamente, serão abençoados (OLIVEIRA, 2010, p. 21).

Pode-se perceber a sofisticação estratégica do uso de palavras bíblicas, algumas de difícil compreensão, que se referem ao contexto de Israel como se fosse um espaço de todos os fiéis que contribuíram para a referida campanha. Eles, os fiéis contribuintes, são alçados ao nível de Moisés e outros personagens citados por Macedo como “filhos de Israel”. Como tal **não aceita viver de forma inferior ao que foi prometido por Ele nas Escrituras Sagradas. Essa é a proposta da Fogueira Santa.** Essas afirmações contendo promessas podem ser interpretadas como propaganda de benefícios materiais através da manipulação bíblica.

As duas primeiras frases indicam a responsabilidade do crente no sucesso da resposta positiva com as frases: “... **usamos a nossa fé para chamar a atenção de Deus. Mas nem todos têm a mesma fé**”. E “**quem tem fé luta para ser mais que vencedor**”. Em seguida cita o dito ⁷sacrifício enfatizando a sua dimensão especial, ou seja, deve ser de grandes proporções. Note-se que se explora a ideia do sacrifício – da contribuição – a qual transforma “o homem que não tinha nada” em um “estadista” de uma nação, como se pode ver na seguinte frase: “(...) **para quem está disposto a sacrificar**”. Esse tipo de construção discursiva dá a entender que mesmo aqueles que não têm nada podem ser beneficiados com transformações fantásticas (desde que arranjem o montante financeiro para “oferecer” em tal sacrifício). “O sacrifício é um ato religioso que, mediante a consagração de uma vítima, modifica o estado da pessoa moral que o efetua ou de certos objetos pelos quais ela se interessa” (MAUSS e HUBERT, 2005, p. 19).

Como se pode ver, a Fogueira Santa consiste numa releitura de episódios bíblicos que envolvem sacrifícios a Deus. Os seus temas também variam, até mesmo os modos de participação são modificados, hoje se pode participar com sacrifícios também através da Internet, o que é uma estratégia de marketing com a comodidade e facilidade para se contribuir financeiramente nessa campanha da IURD.

Os pastores dizem que a Fogueira Santa de Israel é uma campanha de fé da Igreja Universal do Reino de Deus que tem como objetivo discursivo apregoar a transformação de vida de todas as pessoas que se propõem a participar ritual e financeiramente. Explora-se repetitivamente a propaganda de uma suposta transformação radical em todos os sentidos. Isso porque a pessoa é levada a acreditar que pode chegar aonde jamais imaginou e alcançar a tão esperada realização dos sonhos – inclusive e principalmente os materiais - por meio exclusivo da sua fé, determinação e, claro, o sacrifício (financeiro).

⁷ Cumprir um ato ou ofício sagrado. Sendo assim, o sacrifício é um mecanismo social produtor do sagrado.

Para participar é necessário que o fiel se sacrifique e esse sacrifício inclui o ato de o participante renunciar voluntariamente a alguma coisa sua ou bem material em troca de alcançar outra que é considerada como “muito mais valiosa”. É neste propósito que a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) realiza as campanhas bianuais da Fogueira Santa de Israel. Os discursos de marketing indicam que na fé e no sacrifício, pessoas no mundo inteiro, através deste propósito, supostamente já comprovaram que o impossível pode se tornar possível. O desejo de alcançar os milagres faz muitos cristãos se dedicarem a propósitos de fé individuais, como jejuns e orações nas madrugadas. Segundo essas falas, Deus tem chamado pessoas cansadas de sofrer para que demonstrem toda a sua determinação e vontade de mudança por meio da fé que é evidenciada nessas condições específicas. **Note-se que os estímulos para a entrega de dinheiro, as provas físicas dos jejuns ou privação de sono das orações na madrugada geram um envolvimento emocional dos crentes no que acreditam que vão conseguir, ou seja, são também parte das trocas espirituais da IURD.**

FIGURA 1 - ENVELOPE FOGUEIRA SANTA DE ISRAEL



FIGURA 2 - FOLDER FOGUEIRA SANTA DE ISRAEL



FIGURA 3 - SITE DA IURD (WWW.UNIVERSAL.ORG)

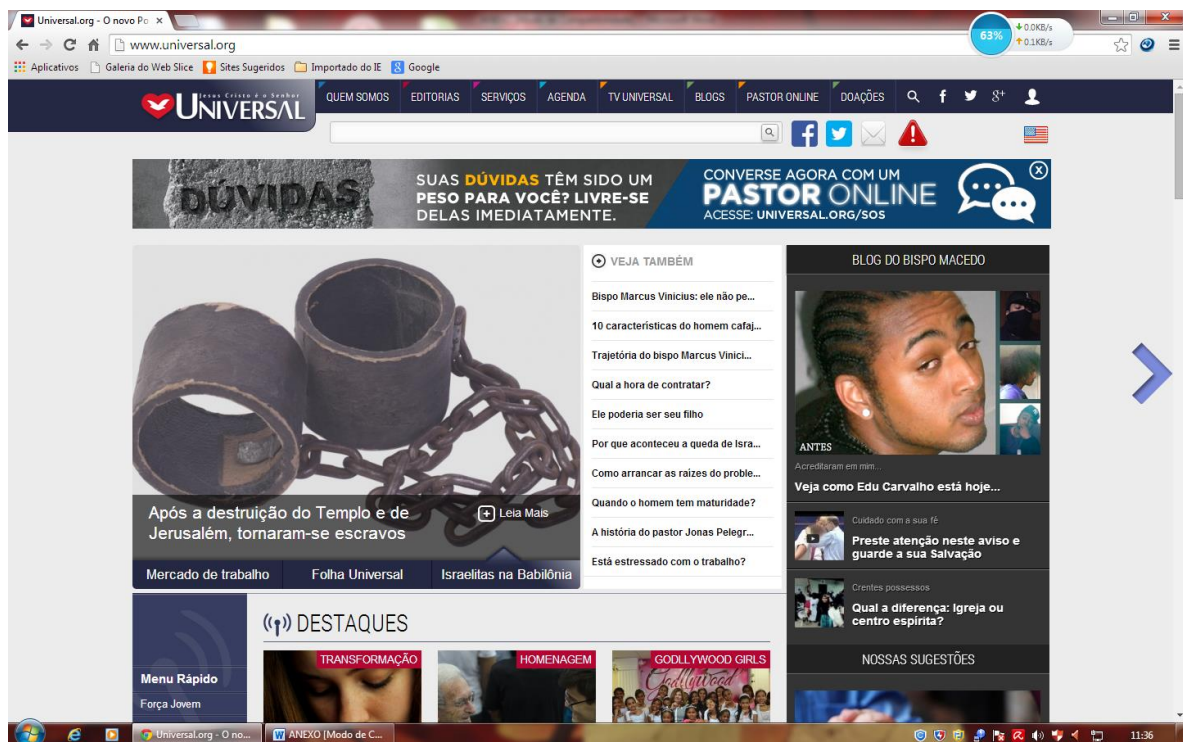


**FIGURA 4 - SITE DA FOGUEIRA SANTA DE ISRAEL -
(WWW.FOGUEIRASANTA.COM.BR)**



Segundo os discursos do marketing, a transformação de vida de todas as pessoas é a intenção que as campanhas da Fogueira Santa de Israel existem, e pelo menos duas vezes ao ano é a oportunidade que os/as participantes supostamente têm de praticar a sua fé. Durante o período da campanha, os participantes com seus pedidos escritos materializam a fé, aplicando toda a força em oferecer a Deus um grande sacrifício, tanto financeiro quanto físico e espiritual, para que, da mesma forma, haja a materialização das respostas às promessas divinas na vida deles. Esses são os pontos cruciais dos discursos de convencimento dos fiéis.

QUADRO 4

CALENDÁRIO DE EVENTOS PROMOVIDOS PELA IURD DURANTE O ANO

Dez./Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun./Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez./Jan.
Campanha da Fogueira Santa de Israel	Campanhas Locais				Campanha da Fogueira Santa de Israel	Campanhas Locais				Campanha da Fogueira Santa de Israel

Fonte: Oliveira (2006, p. 43)

Em termos de agenda anual, o auge das campanhas acontecem nos meses de dezembro-janeiro e junho-julho. No Quadro 4, vemos esta distribuição e destacamos que as campanhas ocorrem justamente durante as festas natalinas e juninas, que dão um clima comocional maior para as campanhas. Não por acaso é também nesses mesmos meses que os assalariados recebem as parcelas dos seus décimo-terceiros salários, ou seja, estão com um suposto acréscimo financeiro no orçamento, ao qual a IURD sugere subliminarmente que seja oferecido nas campanhas. Nos outros meses (intervalos da FSI) acontecem às campanhas locais a cada dois meses e suas temáticas são variadas.

Para participar da Fogueira Santa, os crentes devem comparecer a um dos “Cenáculos do Espírito Santo” espalhados pelo Brasil e pelo mundo e devem pegar o seu convite. Nele se deve anotar os pedidos e colocar o seu “sacrifício”, ou seja, a quantia em dinheiro ofertada para se alcançar a resposta positiva dos pedidos. Nos discursos de convencimento os pastores alertam que não adianta que os participantes se disponham a dar todos os seus bens, se suas vidas não estiverem “totalmente entregues no altar de Deus”. Evidencia-se que esses argumentos discursivos são utilizados para enfatizar que a referida entrega é resultante do sacrifício financeiro do participante.

Para facilitar a IURD também oferece a opção da entrega ritual dos pedidos e respectivos sacrifícios financeiros via Internet. Nessas propagandas estão as instruções para o envio do texto referente aos pedidos e as formas de pagamento, que podem ser por cartão de crédito, boleto bancário ou débito em conta bancária. Tais instruções evidenciam o caráter comercial-empresarial da participação dos crentes na referida campanha.

Esse poderoso e misterioso evento, que ocorre habitualmente duas vezes por ano – Junho e Julho/Dezembro e Janeiro – é de exclusividade da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Além dos grandes milagres contados e comprovados pelos próprios agraciados, mesmo havendo uma diversidade quanto às conquistas nas mais variadas áreas de suas vidas, há um consenso generalizado: o desempenho de uma fé sobrenatural, incondicional, mas consciente (OLIVEIRA, 2010, p. 9).

Existem dois lados dos discursos sobre a Fogueira Santa de Israel (FSI): um é o de esperança e sucesso que, segundo os pregadores representa a maioria dos resultados das participações, o que é divulgado insistentemente nos templos e nos mais variados meios de comunicação. E, há também os de frustração e decepção por causa do não agraciamento das bênçãos almejadas, as quais ficam ocultas das divulgações, mas aparecem em redes da Internet, onde foram captados os dados para esta pesquisa. Veremos a seguir alguns cenários e suas histórias

onde se costuma realizar a FSI. De acordo com Oliveira (2010, p.11-19) a ordem resumida de exposição dos locais sagrados está assim:

Monte Sinai: Conhecido também como Monte Horebe ou Jebel Musa, que significa “O Monte de Moisés”, segundo a tradução árabe. Situa-se no sul da península do Sinai, no Egito. Este lugar tem conotação de sagrado por três religiões: Cristianismo, Judaísmo e Islamismo. Sua formação é toda em granito com altura de 2.288 metros. Da base até o pico leva-se três horas para subir o monte, ou, como se diz em árabe “Sikket Sayda Musa”, o que significa “para se percorrer o Caminho de Moisés”. Segundo a Bíblia, Deus apareceu para Moisés e ali o instituiu como líder para libertar o povo hebreu, **que vivia debaixo do jugo da escravidão no Egito**. Foi aqui também que Deus deu a Moisés os dez mandamentos: “E estejam prontos para o terceiro dia; porquanto no terceiro dia o Senhor descera diante dos olhos de todo o povo sobre o Monte Sinai” (Êxodo 19:11). A frase assinalada denota a possibilidade da libertação dos fiéis de qualquer tipo de escravidão ou problema, além de terem os princípios cristãos como guia.

Monte Carmelo: Montanha na costa de Israel que tem como vista frontal o Mar Mediterrâneo. Seu nome de origem é Karmel, que significa “jardim” ou “campo fértil”. Sua formação é toda em pedra calcária dura, cheia de cavernas. Sua altura é de 525 metros e a vegetação do tipo mediterrâneo. De acordo com a Bíblia, foi neste cenário que o profeta Elias **desafiou os 450 profetas de Baal**, que era considerado como um deus não legítimo pelos cristãos. Em termos simbólicos percebe-se uma indicação da suposta legitimidade dos pregadores destes discursos, além do estímulo ao desafio às entidades negativas.

Monte Moriá: é uma colina rochosa onde o rei Salomão edificou um templo para Deus. Seu pai, o Rei Davi foi o responsável pela aquisição desse terreno e ali deveria se erguer um altar. Segundo a antiga tradição judaica refere-se a esse monte como o lugar onde Abraão, obedecendo à ordem de Deus, **ofereceu seu filho Isaque**. Esta fala remete à intensidade do sacrifício a ser feito pelos fiéis, junto com a suntuosidade da suposta retribuição divina. Esse monte talvez seja uma das maiores referências de demonstração de fé como interface do sacrifício, supostamente de acordo com a Bíblia. O que Abraão fez nesse lugar se tornou uma importante referência de obediência e sacrifício de todos os tempos, como dizem os pastores da IURD. Segundo essas falas, Abraão foi rotulado como pai da fé, pois iria sacrificar seu único filho em prol de uma fé poderosa e esperançosa em Deus.

Calvário: Também chamado de Gólgota em aramaico: é uma colina cujo nome foi dado na época de Jesus, não ficava dentro de Jerusalém e foi o local onde Cristo foi crucificado. Em latim

significa “caveira”, tem essa referência, pois, em sua forma geológica parece ter o formato de uma caveira. Esse lugar é único para os cristãos, **pois foi nele que Jesus deu sua vida por todos os seus filhos**. Aqui também há uma visão da intensidade do sacrifício a ser feito pelos fiéis.

Monte da Transfiguração: Jesus, na sua estrutura física, era igual a qualquer outro homem, sentia fome, sede, cansaço etc., e sua divindade foi vista de modo indireto, em seus feitos, milagres e discursos. Mas, dizem os pastores que houve um momento de glória celestial em que seu interior divino resplandeceu e se tornou visível. “E, erguendo eles os olhos, ninguém viu senão unicamente a Jesus” (Mateus, 17:1-8). Neste discurso há uma equiparação dos discípulos com os crentes da IURD, que podem supostamente vivenciar essa transfiguração divina.

Monte das Oliveiras: está localizado no lado oriental de Jerusalém. Fica, exatamente no jardim do Getsêmani, no ocidente do Monte das Oliveiras. No Antigo Testamento **esse monte era coberto de oliveiras, vinhedos, figueiras e uma variada sorte de árvores frutíferas e ornamentais**. Foi aqui que Cristo passou por um dos mais árduos momentos de sua vida. Nesta descrição, as pregações dos pastores da IURD destacam uma visão da riqueza e fartura, bem como da dimensão do sacrifício de Deus aos quais os fiéis devem imitar.

Monte das Bem-Aventuranças: Colina que fica localizada a noroeste do Mar da Galileia, conhecida também como a região em que Jesus deu início a seu ministério. Aqui aconteceu o famoso Sermão da Montanha. Neste lugar também ensinou os primeiros cristãos, **orientando-os para terem sucesso espiritual e físico, segundo os discursos da IURD**. A frase assinalada lembra aos crentes as orientações para terem o sucesso e possibilidade de acesso à solução dos problemas dos crentes pobres e carentes.

Monte Sião: É considerada a mais alta montanha da Cidade Santa tendo 800 metros de altitude. Localiza-se na parte leste de Jerusalém e foi aqui que se situou o Cenáculo, lugar onde Cristo celebrou a derradeira Páscoa e também instituiu a Santa Ceia. “E vós sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus, que habito em Sião, o meu santo monte; e Jerusalém será santa; **estranhos não passarão mais por ela**” (Joel, 3:17). Esta mensagem remete a ideia de que os crentes fazem parte da santidade deste local já que supostamente não são estranhos a Deus.

Fonte de Gideão: Lugar onde Gideão apresentou 32.000 homens ao Senhor, mas desse total, **apenas 300 foram escolhidos por Deus e esses estariam aptos para guerrear ao passar por essa fonte**. Este discurso está apresentado aqui como a imagem do privilégio que os crentes podem ter por pertencerem ao grupo dos escolhidos – e supostamente premiados – por Deus.

Todos esses cenários tiveram importância no Velho e Novo Testamento, são lugares onde Deus se revelou ao homem através de sua aparição sobrenatural e também física, onde também seu filho Jesus Cristo peregrinou e realizou alguns de seus feitos. Ou seja, são apresentados na IURD como locais sagrados por causa dos sacrifícios e também de privilégio de personagens bíblicos, cuja mostra e simbolismo denotam que os crentes podem ser incluídos se aceitarem tais significados, e principalmente se participarem da FSI através de suas contribuições ditas como sacrificiais. São lugares que ainda hoje têm um significado discursivo de apelo de inclusão dos crentes por serem considerados como lugares próximos de Deus, o que torna persuasivas as propagandas e imagens acima citadas.

Há então uma exploração e ressignificação dos conceitos de Sagrado e espaço sagrado. Vejamos o que dois cientistas religiosos – Otto (1985) e Eliade (1985, p. 50) - falam a respeito do **Sagrado**, então vejamos o que o primeiro define.

O **sagrado** como um elemento irracional em contraposição com o racional. Cria um neologismo para designar o sagrado: o numinoso, derivado do termo latino numen (Deus). Ao perguntar, qual é a natureza e a qualidade do objeto, que é exterior ao fiel, e o faz emudecer, temer e tremer afirma que só pode ser algo irracional. É o sentimento do *mysterium tremendum*. Propõe o termo hierofania para designar a manifestação do **sagrado**, que só é conhecido porque se faz conhecer, se revela, deseja se relacionar com o homem e tornar-se objeto de sua devoção piedosa (OTTO, 1985, p. 17).

Assim, de acordo com este último autor, durante milênios os lugares sagrados são preservados, no entanto a manutenção destes significados sacralizantes é feita através do comportamento do homem religioso que os reafirma no mundo no decorrer dos tempos. Eliade afirma que o homem das sociedades tradicionais é um *homo religiosus* “mas seu comportamento enquadra-se no comportamento geral do homem”. O homem religioso só se reconhece verdadeiramente homem na medida em que imita os deuses, conformando-se ao ensinamento dos mitos que são considerados sagrados e veneráveis. Ou seja, assume uma humanidade que tem um modelo trans-humano, transcendente. Isto implica em responsabilidade grave, a exemplo, dos sacrifícios humanos praticados para imitar ações dos deuses contra os seus inimigos. O homem religioso crê sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, mas que se manifesta aqui na terra, e, por este fato, o santifica e o torna real. Percebe-se que a IURD manipula essa significação dando a impressão de que os crentes podem se santificar pelos sacrifícios. Vimos que esses cenários são considerados espaços sagrados, mas, o que seria um espaço sagrado?

(...) o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. “Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés; tira as sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa.” (Êxodo, 3: 5) Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca (ELIADE, 1992, p. 17).

De acordo com as reflexões colocadas acima, pode-se perceber que há os espaços historicamente sagrados e os amorfos. Mas, vale acrescentar que há também ressignificações que têm sido criadas em torno dos chamados espaços historicamente sagrados, e é esse conjunto de novos discursos e símbolos e suas polissemias estratégicas que se pretende analisar nesta dissertação através das Campanhas da Fogueira Santa de Israel. A seguir serão analisados os discursos de esperança e sucesso e os de frustração e decepção que os participantes expressaram na sua vivência com essas campanhas.

3.2 DISCURSOS DE ESPERANÇA E SUCESSO

Neste item apresentam-se os discursos de esperança através do relato dos testemunhos colhidos em um livro⁸ de divulgação das vitórias alcançadas nas Campanhas da Fogueira Santa de Israel. De acordo a IURD o termo “testemunho” significa ação de testemunhar através de relatos feitos por uma pessoa do que viu ou vivenciou. Isso é feito ritualmente nos templos, em contexto comocional reforçado por efeitos especiais e artifícios discursivos. Os testemunhos reproduzidos a seguir são de pessoas comuns e de várias partes do mundo. Os discursos de esperança e sucesso são classificados por áreas específicas, tais como: Familiar, prosperidade e cura-libertação. De acordo com a nossa observação casual feita nos templos evangélicos em geral, os testemunhos servem para despertar nos frequentadores e fiéis o interesse em aderir aos rituais daqueles templos esperando conseguir o que desejam. Veremos abaixo testemunhos discursivos relacionados à esperança e sucesso de acordo com Oliveira (2010). Serão resumidos e colocados nomes fictícios nos relatos por uma questão de privacidade.

⁸ OLIVEIRA, Carlos. **Fogueira Santa**: Os mistérios do sobrenatural. 1ª Ed. Rio de Janeiro: UNIPRO Editora, 2010. Documenta histórias verídicas de pessoas que tiveram experiências sobrenaturais e miraculosas após manifestarem sua fé na campanha que é realizada duas vezes por ano na Igreja Universal do Reino de Deus: a Fogueira Santa.

3.2.1 Familiar

Note-se que os depoimentos de esperança e expectativa de solução de problemas familiares são sempre relacionados com a harmonia familiar, com questões de adultério masculino, as quais terminam por ser sempre perdoadas. Há ainda as graças de sucesso financeiro que são sempre acrescentadas nos relatos familiares como uma espécie de extensão “natural” pela participação financeira do sacrifício-investimento feito na FSI.

- **Harmonia no lar**

Mesmo tendo 15 anos de casados, eu e meu marido discutíamos muito, a ponto de nos agredirmos. E essa situação começou a afetar nossos filhos. Um deles começou a sofrer de depressão, tinha ódio do pai e desejos suicidas. Era terrível ver a minha família se destruindo.

No aspecto econômico, nada estava indo bem. Passávamos também por crises. Vivíamos em uma casa onde não havia móveis e isso era muito deprimente para toda família. As agressões aumentavam dia após dia e decidimos que era melhor o divórcio para que o pior não acontecesse. E assim nos separamos.

Mas sabe aqueles momentos em que estamos muito infelizes e surgem pessoas para tentar nos consolar? Na maioria das vezes os conselhos de nada servem. Mas, graças a Deus, **um amigo nos fez um convite muito valioso, pois, a partir disto, conhecemos um caminho em que podemos lutar para mudar daquela vida de sofrimento. Entretanto, foi tudo com muita luta.**

Este amigo chamou meu ex-marido para participar de uma reunião em um **Centro de Ajuda**. Hoje sei que este local realiza um trabalho evangelístico da Igreja Universal do Reino de Deus. Mas na época minha reação não foi boa; eu achava que todos os erros ocorridos no meu casamento não eram minha culpa e falei a este amigo que na verdade quem precisava de ajuda e tinha que mudar era o meu marido. Normalmente achamos que a culpa dos problemas é sempre do outro, sempre tentamos nos eximir. Acreditava que só o meu ex-marido cometia erros. Porém, ele não rejeitou o convite e foi conhecer o lugar.

Apesar de estarmos separados, quando eu o encontrava, percebia que algo estava acontecendo, pois ele havia mudado. Ele me tratava de forma diferente. Curiosa com o que era falado no Centro de Ajuda, decidi também participar das reuniões. E logo no primeiro encontro, me senti muito bem e decidi perseverar também.

Neste período, ouvimos falar de uma campanha de fé chamada Fogueira Santa de Israel e resolvemos participar em prol do nosso casamento. Mas nenhum dos dois sabia do voto do outro nem que tinha a mesma finalidade. Feito o voto, passou algum tempo e Deus nos respondeu. Voltamos a nos unir, nos casamos novamente e hoje temos um lar abençoado.

Hoje sei que quem participa pela primeira vez desta campanha, nunca mais quer deixar de participar. **Em outra Fogueira Santa, meu marido conquistou um ótimo salário. E também em outra campanha, eu pedi uma casa dos meus sonhos e não foi diferente: mais uma bênção.** Hoje vivemos na casa que sonhamos um dia. A nossa vida realmente foi transformada, algo que só Deus poderia fazer. Califórnia - Romelia Castelo, 40 anos, supervisora, e Rodolfo Avilar, 39, gerente de produção.

- **Da humilhação à vitória**

Minha vida, antes de chegar à Igreja Universal, foi marcada por tristezas e amarguras. Eu tinha uma família aparentemente estruturada, até o dia em que descobri que meu marido estava me traindo já fazia nove anos.

Eu não conseguia entender por que isso tinha acontecido, eu costumava fazer tudo para ele. Eu sempre procurei ser uma boa dona de casa, uma boa esposa e mãe. Foi terrível. Eu não sabia o que dizer aos meus filhos porque não encontrava nenhuma razão para justificar o comportamento do meu marido em relação a mim. Depois de descobrir a traição, começamos a brigar o tempo todo, verbal e fisicamente. Ele falava coisas para me machucar e agredir, mas mesmo em guerra eu tentava fazer com que meus filhos não viessem a sofrer. Eu tentei o suicídio, porque não só descobri a traição do meu marido, como também que a outra pessoa era uma amiga que vivia dentro de minha casa, que comia junto com a gente e eu a tratava como se fosse de minha família! Eu cuidava dos filhos dela enquanto ela ia ao cinema com o meu marido.

Em meio à destruição familiar e consequentemente financeira, minha mãe me convidou para ir à Igreja. Eu lhe perguntei o que poderiam fazer por mim lá. Eu estava perdida, com um casamento destruído, sem poder sustentar minha família e sem vontade de viver. Mas acabei indo junto com ela. Não aceitei tudo no mesmo momento, Deus foi trabalhando o meu coração; comecei a frequentar e fazer as correntes de oração.

As coisas começaram a melhorar, mas isso não foi suficiente. **Logo em seguida, veio a Campanha de Israel; eu era muito nova na igreja e não entendia direito tudo o que acontecia. Eu ouvi o pastor falando: ‘Sacrifício por um sonho, é hora de provar a nossa fé’.** Na situação em que eu estava, totalmente desiludida, na miséria, sem nenhuma perspectiva de vida, tomei a iniciativa de sacrificar. **Eu sacrifiquei, dei o meu tudo pelo tudo de Deus. Através do meu testemunho, meu marido abandonou a amante, e eu consegui perdoá-lo, o que era o mais difícil para mim.**

Nossa vida financeira começou a prosperar, resolvemos comprar uma casa nova. Eu disse a Deus onde e como eu queria, escolhi o lugar e compramos nossa casa. Interessante é que eu disse para Deus que queria o melhor, quando cheguei em frente à casa, uma moradora vizinha veio perguntar se eu estava procurando trabalho naquele lugar. Eu disse que não, que estava tomando posse das bênçãos de Deus na minha vida.

Através da Fogueira Santa, minha vida mudou completamente. O meu casamento foi restaurado; hoje estamos muito felizes e meu marido me respeita e é muito bom para mim. Eu conquistei minha casa própria e meu carro novo. Não existem palavras

que alcancem o quanto estou realizada, e eu agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de conhecê-Lo e aprender que através do sacrifício nada me será impossível. Nova Iorque – Vivian Duchene.

Nesses dois discursos de testemunhos apresentados acima a primeira observação analítica é a de que ambos têm uma estrutura de narrativa semelhante, ou seja:

- primeiramente são expostos os problemas a serem resolvidos;
- a reafirmação discursiva da fé e esperança no decorrer das campanhas da FSI;
- o sacrifício financeiro feito sem necessariamente falar em cifras concretas – como uma espécie de investimento de capital monetário, já que se entende por sacrifício a prática de uma doação monetária;
- anúncio do espaço considerado sagrado onde o testemunho e o sacrifício foram concretamente efetivados;
- conquistas e graças alcançadas, que são sempre maiores do que foram pedidas porque incluem o sucesso material e financeiro;
- reafirmação da importância e magia da FSI.

Ambos os testemunhos relataram problemas de adultério masculino, que nos dois casos foram associados aos problemas financeiros, ruínas, falências e outras desgraças análogas. Em ambos os casos as esposas são visualizadas como vítimas e passivas, que acabam perdendo os deslizes de adultério masculino. Ou seja, o patriarcalismo é um valor alardeado nesses discursos. Também se nota o marketing pungente dos efeitos do binômio sacrifício-conquista de graças alcançadas através da participação nas Campanhas da Fogueira Santa de Israel.

3.2.2 Prosperidade

Os dois discursos dos testemunhos relacionados à prosperidade também têm uma estrutura de narrativa dramática semelhante no sentido de ambos os relatores terem conquistado suas respectivas farturas de consumo material. Mas, a diferença entre eles é que o narrador do primeiro depoimento é um homem e no segundo trata-se da fala de uma mulher. Além disso, a modulação dramática é distinta porque na primeira o depoente saiu da pobreza para a riqueza, enquanto que a narradora do segundo testemunho começou rica, ficou pobre e depois voltou a ser rica novamente.

- **O segredo é o sacrifício**

Eu vim de uma família muito pobre. Cheguei a morar num barraco e passei muitas dificuldades. Trabalhava como segurança em um aeroporto e ganhava um salário mínimo. Minha vida não tinha expressão nenhuma. Não escondo minhas raízes nem **o segredo de minha prosperidade, que tem bases no sacrifício.** Desde o dia em que conheci a Igreja Universal, percebi que Deus poderia mudar a minha vida. **A Fogueira Santa foi a grande oportunidade que tive para me tornar um homem vitorioso. Nunca vou esquecer que na minha primeira Fogueira Santa, sacrifiquei a minha única fonte de renda, meu salário.** Fiquei totalmente na dependência de Deus e Ele se mostrou de forma grandiosa para mim. Lembro que até minha mulher discordou de minha atitude. Mas eu estava decidido. Tinha certeza de que receberia a resposta que esperava.

Tomei uma atitude que deixou meus amigos e familiares surpresos: sai do emprego e abri uma empresa de segurança. Os negócios começaram a crescer e já tinha 300 funcionários. Mas ainda havia muitas dificuldades a enfrentar. **Na Fogueira Santa seguinte, participei novamente com o objetivo de obter a transformação total na área financeira. E foi o que aconteceu, fui honrado duplamente por Deus. A minha empresa de segurança, hoje, tem um rendimento mensal de 20 milhões de rands** (cerca de R\$ 4,7 milhões) e tenho cerca de 5 mil funcionários. A minha empresa é conhecida em toda África do Sul e meu nome é respeitado em todo país. Muitos profissionais do ramo onde atuo não acreditam na forma que eu tenho conquistado tantas coisas.

Tenho a casa dos meus sonhos, minha família desfruta do melhor. **A confiança em Deus e o sacrifício são os caminhos para a transformação de uma vida, eu sou prova disso.** Hoje, sou próspero, com um patrimônio surpreendente, me tornei conhecido pelo empresariado da África do Sul e pelos concorrentes. E, para completar ainda mais a minha satisfação e alegria, a minha empresa ficou responsável por garantir a segurança na Copa do Mundo de futebol de 2010. África do Sul – Siviwe Mpengesi Chippa, empresário.

- **Da humilhação a uma vida invejável**

Quando casei, desfrutava de uma qualidade de vida bastante privilegiada. Meu marido, funcionário de uma multinacional, tinha uma ótima condição de financeira. Em uma determinada época, ele resolveu trabalhar por conta própria e partiu para o ramo do comércio, através do qual fomos bem-sucedidos em todos os segmentos em que atuamos. Morávamos num condomínio de luxo, que vivia repleto de amigos e parentes nas festas promovidas pela família.

Tínhamos tudo do bom e do melhor, até que, de repente, as finanças começaram a ficar comprometidas. Para honrar os compromissos, passamos a nos desfazer dos imóveis, inclusive vendemos um apartamento de cobertura no litoral sul de São Paulo. Porém, as dívidas se acumulavam dia após dia, chegando ao montante de

um milhão de reais. Acostumados com um padrão, de repente, nos vimos em uma situação totalmente contrária, a ponto de minha filha pedir um pãozinho e não termos condições de comprar. Essa situação tirou a nossa paz. Acabamos sendo despejados de onde morávamos. Tentamos morar de aluguel, mas saímos por falta de pagamento.

Em meio a todo esse tormento, meu casamento também foi afetado. Eu culpava meu marido por estar passando tudo aquilo, por isso as brigas eram constantes. Não existia mais diálogo entre nós e cada um saía para um lado, sem dar satisfação. Passei a sofrer com insônia e depressão muito forte. Vivia à base de calmantes, fumava e bebia constantemente, mas nada me tranquilizava. Cheguei a ficar uma semana sem tomar banho, não tinha vontade sequer de levantar da cama. Meu marido também foi ficando desanimado e já não tinha mais forças para trabalhar, piorando ainda mais o nosso lado financeiro.

Até que um dia de extremo desespero, entrei em um templo da Igreja Universal do Reino de Deus. Durante as reuniões, comecei a me sentir mais tranquila e em paz, compreendi que não estava só e que Deus poderia mudar a nossa vida. **Pouco tempo depois, ouvi falar da Fogueira Santa de Israel e a proposta da campanha veio ao encontro do que eu necessitava.** Um fogo se acendeu dentro de mim e eu me lancei, pois acreditei ser aquela a única oportunidade de mudar o quadro caótico que estava a minha família.

A partir daí, tudo começou a mudar. Meu marido reencontrou um antigo sócio, que o convidou para trabalhar com ele em sociedade de uma empresa de importação e exportação. Desde então, pagamos todas as nossas dívidas, nosso casamento foi restaurado e a vida financeira deslanchou. Adquirimos bens, imóveis de alto padrão e carros importados. Atualmente moramos na cobertura de um dos condomínios mais luxuosos da cidade de Santos, litoral paulista, com todo conforto, lazer e decorado da forma que sonhamos. Mas nosso maior patrimônio é a presença de Deus. Santos – Rosana Campos, 47 anos, empresária.

Os dois discursos acima apresentados destacam enfaticamente a plena conquista de bens materiais consumistas, com ênfase no papel “heroico” dos maridos, além da valorização das respectivas famílias nas entrelinhas. Pode-se ver também o papel passivo e até de humilhação das esposas, sendo que no segundo testemunho há o papel negativo da mulher que se tornou depressivo e destrutivo, ainda que logo em seguida ela tenha se empenhado na busca da FSI para buscar a solução dos problemas de pobreza e dificuldades materiais. O sacrifício do investimento doado para a igreja na campanha foi a suposta chave da solução para ambos os dramas serem solucionados. O binômio sacrifício (da doação financeira) – recompensa (dos bens materiais) ficou destacado e percebe-se em ambos os testemunhos o marketing que estimula o investimento da campanha para a solução dos sonhos materiais de ambas as famílias.

3.2.3 Cura e libertação

Os dois discursos de testemunhos relacionados com a cura e libertação se caracterizam pelo segundo elemento, a libertação, que amplia a significação das curas de saúde. Em outras palavras, essa palavra denota, nas entrelinhas, a solução de problemas de diversas naturezas além da questão da saúde biológica em si mesma. Ambos os depoimentos apresentaram uma estrutura de narrativa fixa onde houve sempre a dolorosa descoberta de doenças graves, ambos de câncer; a descrição pungente dos sofrimentos causados pelas doenças e tratamentos de saúde; o anúncio do sacrifício através da participação nas campanhas da FSI; e, finalmente a cura e libertação triunfais dos fiéis.

- **Curada de um câncer**

Eu levava uma vida normal até que, em 2008, **comecei a sentir um incômodo no pé esquerdo, mas não dei muita importância. Não esperava que algo de mais grave fosse acontecer comigo. Algum tempo depois, passei a mancar e, em 2009, as dores aumentaram muito. Eram insuportáveis. Eu ainda não sabia do que se tratava. Em seguida, fui ao médico e ele diagnosticou um cisto**, inclusive foi realizada uma operação para a retirada do nódulo. Com o procedimento cirúrgico, achei que havia me livrado do incômodo. Porém, um período depois, as dores retornaram sem cessar e o meu pé inchou. Quase não acreditei. Fiquei seis meses sem andar. Isso me prejudicou porque fiquei sem exercer minhas atividades por um bom tempo. Foi uma fase muito difícil para mim. Só a minha família sabe o que passei. Graças a Deus eles me deram todo apoio de que eu precisava.

Depois, fui encaminhada a um oncologista. **Na biópsia, foi detectado um tumor maligno em estado avançado. Seria necessária uma intervenção cirúrgica, porém, desta vez, com a amputação do pé, pois o câncer poderia se alastrar pelo corpo.** Entrei em desespero. **Não aceitava a amputação, pois tinha a certeza de que o Senhor Jesus iria me curar de alguma forma.** Sabia que Ele não iria me abandonar em um momento tão difícil. Eu e meu esposo (David Muniz Brito, de 30 anos, também microempresário) sofremos muito com essa doença. O meu pé ficou com um caroço enorme e muito avermelhado. Era uma imagem muito forte de se ver.

Foi um sofrimento muito grande na minha vida. **Na época, nós já frequentávamos a Igreja Universal do Reino de Deus e resolvemos participar da Fogueira Santa. Já ouvia falar de muitas pessoas que participaram e tiveram resultados excelentes. Eu tinha certeza de que também iria conseguir alcançar o meu objetivo. Meu marido e eu lutamos por meio de muitas orações e, através do meu exercício da fé, consegui alcançar a minha cura.** Depois de 15 dias, o tumor começou a necrosar. Saía um tecido morto de pele do meu pé. Então fui levada ao hospital novamente para a retirada dos resíduos da ferida que restaram. Pelo estado em que estava, acredito que muitos médicos devem ter pensado que eu não iria conseguir me livrar daquele câncer e que teria que amputar o meu pé. Porém, naquele momento, eu tinha certeza de que já

estava livre daquele problema. **Após um mês, a ferida se fechou definitivamente. Fiz novos exames e a minha cura foi comprovada.** O segredo é não perder as esperanças e ficar firme na fé. Hoje, eu comemoro o milagre em minha vida. Deus torna possível àquilo que aos olhos humanos é impossível. Goiás – Neusa Teixeira Silva de Brito, 26 anos, microempresária.

- **Filha curada de tumor no coração**

Minha filha mais nova, Rhayssa, de oito anos, sempre foi muito saudável. No dia das mães, ia fazer uma apresentação para as crianças da EBI, mas sofreu um desmaio. Ela voltou ao normal e conseguiu se apresentar, mas como não é comum uma criança desmaiar, eu e meu marido resolvemos fazer um check-up para saber a causa. Após os exames, ficou constado um mixoma atrial no lado esquerdo, ou seja, um tumor no coração. Levamos o exame para uma médica no mesmo dia e ela disse que o tumor já havia tomado 30% do coração. Aconselhou-me a fazer uma cirurgia o mais rápido possível, porque Rhayssa poderia sofrer um desmaio e não voltar mais. Ela encaminhou a menina para o hospital do coração. Foi uma das piores notícias das nossas vidas, perdemos o chão. Fizemos os exames achando que daria resultado negativo. **A médica disse que havia apenas 5% chances de ela escapar com vida da cirurgia e, se isso acontecesse, teria que usar marca-passos e viveria no máximo até os 15 anos.** Então, mesmo que sobrevivesse, estava condenada à morte!

Falei com o pastor e ele fez uma oração por ela. **Era época da Fogueira Santa e eu já estava no sacrifício. Corríamos contra o tempo e não tinha tratamento. Isso foi uma quinta-feira e o propósito terminava no domingo.** À noite, chorava, orava, abraçava minha filha e pensava: ‘Posso perdê-la a qualquer momento. O que eu faço para impedir? Preciso de uma resposta, de um perfeito sacrifício’. **Domingo, eu subi no altar para entregar o meu sacrifício.** Esse dia ficou marcado em minha vida, porque tudo o que eu podia fazer por minha filha estava colocando naquele altar. Não tinha voz para chamar a Deus, porque as lágrimas não deixavam. Quando estava subindo no altar, pensei: ‘Meu Deus, aqui é a mesa espiritual de cirurgia da minha filha. Subo com ela com esse tumor enorme, mas eu desço com a minha filha curada. Ela não vai passar nem por cirurgia’.

Estava certa da resposta. Era para entregar o resto dos exames para a médica encaminhá-la à mesa de cirurgia. Resolvi refazer os exames, porque tinha certeza de que não havia mais nada. **Dezesseis dias depois, repetimos o mesmo exame com outra médica, que disse não haver nada. Ficou surpresa quando mostrei o exame anterior.** Hoje em dia, eu vejo minha filha pular corda, dançar, brincar... Ela não teve mais cansaço, queda de pressão, o coração nunca mais acelerou, é uma coisa que nada no mundo paga. Agradei primeiramente a Deus, porque, se não fosse Ele, minha filha não estaria mais aqui. Depois, à Igreja Universal por ter aberto as portas quando pedi socorro. Se não fosse isso, hoje estaria sofrendo muito sem minha filha. Brasília – Lucimar Evangelista Almeida, 42 anos, comerciante.

As duas histórias são permeadas pelos elementos dramáticos da descoberta das doenças e respectivos choques emocionais decorrentes destes fatos, principalmente pelos riscos de letalidade por causa da gravidade das doenças. Em seguida aparecem as minuciosas descrições dos intensos e pungentes sofrimentos das doenças e seus tratamentos, que serviram como elementos dramáticos comocionais para o intenso destaque da participação nas campanhas da Fogueira Santa como uma espécie de única solução visível. Observamos também que depois dos detalhados relatos dos baques emocionais e de dores físicas, surgem as falas das curas triunfais acrescidas da libertação.

Há uma evidência nos dois relatos: o papel dos médicos e das estruturas dos tratamentos de saúde foram colocados em segundo plano, e, nos dois casos as cirurgias indicadas pela medicina foram descartadas. Estes detalhes foram citados como se tais procedimentos fossem resultados de equívocos técnicos frente ao poder triunfal e libertador da igreja e do sacrifício da Fogueira Santa. Essa ênfase no sombreamento do papel dos profissionais da saúde mostra uma interpretação cheia de ambiguidades e riscos.

O médico Antonio Pádua de Souza Neves (2011), intrigado com o movimento de divulgação de curas de diversos templos, em sua pesquisa de mestrado do curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, entrevistou uma jovem universitária que descobriu ter um câncer, e a mesma foi aconselhada por um pastor evangélico a interromper o tratamento médico porque ela conseguiria o milagre da cura no templo da IURD, segundo este mesmo pastor. Poucos dias depois de ela ter suspenso o tratamento médico esta jovem veio a falecer. O relato deste fato trágico nos leva a muitas interpretações que não cabem ser esmiuçadas aqui, no entanto considera-se de grande risco contrapor a ciência médica à religião, melhor seria se ambas fossem aliadas ao bem-estar holístico de pessoas doentes.

4. ANÁLISE GERAL E REFLEXÃO SOBRE OS DISCURSOS DE ESPERANÇA E SUCESSO

Analizamos as transformações nas vidas dos indivíduos e observamos que essas não se limitam apenas à conquista de bens materiais. Embora o discurso de prosperidade seja predominante e esteja em todos os discursos acima vistos, seus testemunhos de bênçãos têm o papel de comprovar a realização das promessas propagandeadas pela Igreja. Vemos acima pessoas de várias partes do país e até de outros países que se encontravam em uma situação insatisfatória que supostamente, por meio do conhecimento, aceitação e da participação na IURD, passaram a ter esperança e alcançaram magicamente o sucesso. Entendemos por magia a ocorrência de fatos que supostamente não se explicam.

Vemos também que em alguns discursos existem crises existenciais nos relacionamentos, agressões e traições que causam a maioria dessas dificuldades, além de certas tendências viciantes e desejos suicidas, além de um desnivelamento do aspecto material de vida. As crises vão além da relação amorosa também, pois ao mesmo tempo em que existem calamidades financeiras, ocorrem as desavenças familiares; não sabe se o marco inicial são as crises financeiras ou causadas por uma vida emocionalmente vivida de modo distorcido. Tudo se mistura de modo dramático e é relatado de modo pungente; o resultado disso tudo é sempre de desespero com um pedido de socorro por parte dessas pessoas na esfera religiosa, tendo a Igreja como última esperança para busca de consolo, busca de solução e a volta triunfal para a normalidade familiar.

Percebemos também em outros discursos que a vontade de vencer na vida, de se ter uma mobilidade social ascendente também é vigente. Existem pessoas que não aceitam o nível de vida que levam, elas esperam que um dia aquela situação mude, existe esperança, mas esta só pode ser alimentada se o indivíduo enxergar uma suposta luz espiritual no final do túnel. Esses crentes esperam então que as mudanças que desejam caiam do céu ao invés de trabalharem, estudarem e se tornarem competentes para terem um espaço e renda confortáveis no mundo produtivo. **Ou seja, houve a troca do trabalho e esforço pela crença na magia passiva de aguardar que os céus resolvam o que eles têm de fazer.** Nestes exemplos vemos que todos esses fatores afetam diretamente o indivíduo e logo estes se deprimem, adoecem e a crise que era de esfera econômica se exterioriza à vida biológica, mental e física dessas pessoas.

Existem também os testemunhos de pessoas que por um fator genético ou consequente de crises tanto físicas ou mentais, adoecem a ponto de terem enfermidades consideradas como de risco

de vida. São pessoas que supostamente não têm mais esperanças na medicina ou que são desenganadas pelos médicos. Do mesmo modo também existem aqueles que supostamente se desviaram dos princípios básicos da educação da moral vigente e se enveredaram pelos caminhos das fugas e vícios, delitos e outros atos fora da lei. Tudo isso foi dramaticamente seguido a uma crise existencial no lar, vivido por toda família ou de âmbito individual, onde existem sempre subterfúgios para tentar fugir dessas crises, como as drogas. Mas existem também os discursos dos que são levados a crer sempre que essa divindade sutilmente acessada em troca de sacrifícios financeiros pode fazer o impossível. Então as pessoas são estimuladas pelos pastores da FSI a ficarem esperançosas e fervorosas buscando sempre a cura, libertação, a prosperidade, em suma, o sucesso da solução final.

Vemos aqui que em todos os discursos/testemunhos sempre houve um sacrifício para que se obtenha o sucesso. A outra regularidade discursiva é que nestes relatos vemos que existe sempre uma resposta positiva para tais sacrifícios. Também não há muita ênfase em divulgar detalhes precisos sobre o que e quanto foi “sacrificado”, o que pode ser interpretado como um mistério estratégico para que os ouvintes-leitores destes relatos possam ser estimulados a doar o máximo que puderem. Sabemos que uma das propostas discursivas da Fogueira Santa é de que o fiel dê o “seu tudo” (sem especificações dessas dimensões), com destaque no incentivo de se dar o melhor do indivíduo, como se essa expressão – “dar o seu tudo” – seja uma condição subliminar para que haja a resposta em troca do sacrifício para o atendimento aos pedidos. Tudo isso configura a mercantilização espiritual pregada na IURD.

Toda esperança de transformar o fracasso e males sofridos em sucesso são depositados na IURD e essa “fórmula mágica” faz com que o fiel não consiga ver outra solução num plano emocional imediatista. A esperança e o sucesso aqui são vistos principalmente como propriedade e prioridade de natureza material, embora que tenham sempre misturado com os relatos testemunhos de libertação e curas de natureza ampliada.

As referidas fórmulas são repetidas de tal forma que se pode supor que tenham efeito hipnótico, como lembrou Estima (2004). Esta pesquisadora, ao assistir a um culto para seu trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, quase doou o único dinheiro que tinha para pagar o ônibus para voltar para casa, tal foi a intensidade das pressões feitas sobre ela e os demais frequentadores daquele templo. Felizmente ela conseguiu evitar a entrega do seu dinheiro a tempo, mas, reconheceu o sugestionamento hipnótico que vivenciou. Nessas circunstâncias esta pesquisadora ouviu depoimentos de pessoas que deixaram de pagar dívidas para fazerem doações para a igreja.

Entre esses relatos ouviu uma senhora idosa e portadora de glaucoma, uma grave doença ocular, a qual afirmou que deixou de comprar seu remédio de tratamento para doar este dinheiro como dízimo porque o pastor lhe assegurou que Deus lhe concederia o milagre da cura de sua afecção nos olhos. E assim por diante, com milhares de relatos como esses.

No discurso da IURD, vemos que a esperança e o sucesso estão baseados em trechos bíblicos isolados que supostamente refletem o melhor de Deus para os fiéis aqui na Terra. Foram criados pela IURD até novos dez mandamentos para que o cristão obtenha sucesso e “seja salvo por meio deles”, como afirmou Bledsoe (2012, p.123). Foi acrescentado à doutrina da igreja e Macedo garante que através deles, os seguidores fiéis de Cristo serão beneficiados por toda sua peregrinação. Vejamos essa lista publicada por esta mesma fonte e página.

1. Aceitar, de fato, o Senhor Jesus como único Salvador
2. **Participar das reuniões de libertação**
3. Ser batizado
4. **Buscar o batismo com o Espírito Santo**
5. Andar em santidade
6. Ler a Bíblia diariamente
7. Evitar más companhias
8. **Frequentar reuniões de membros**
9. **Ser fiel nos dízimos e nas ofertas**
10. Orar sem cessar e vigiar

Pela lista acima pode se notar que os mandamentos em negrito são os mais destacados em termos de sequência discursiva, já que o segundo acima citado – “participar das reuniões de libertação” – inclui o pagamento dos dízimos, o que está nas entrelinhas da participação das referidas reuniões. Os restantes são derivados desta prática e/ou a reforçam como é o caso dos dois mandamentos relacionados com o batismo – leia-se, como um reforço ao compromisso da frequência aos templos – ou então aparecem como meramente figurativos. São programados para atrair pessoas das mais variadas classes e lugares, prometendo enfaticamente uma mudança de vida para aqueles que estão dispostos a obedecer não somente a Deus, mas também à instituição através dos mandamentos e doação de sacrifícios financeiros citados acima.

Os líderes iurdianos tais como bispos e pastores declaram que esta Igreja propaga a obra do Senhor e sua salvação, mas vemos que não é bem assim, por trás disso existe um discurso individualista baseado nas necessidades das pessoas carentes, contrapondo algumas advertências bíblicas contra o egoísmo, a confiança e a acumulação financeira, reconhecimento e formação de status sociais como estão inseridos nos textos bíblicos. Temos como exemplos os seguintes trechos: *Então Jesus disse aos discípulos: "Digo-lhes a verdade: Dificilmente um rico entrará no Reino dos céus (Mateus 19: 23). Então lhes disse: "Cuidado! Fiquem de sobreaviso contra todo tipo de ganância; a vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens" (Lucas, 12: 15).*

Em suma os relatos decorrentes da participação dos fiéis na Fogueira Santa de Israel chama a atenção por sempre deixarem bem claro em suas exposições que os que se sacrificaram doando dinheiro na campanha foram beneficiados regamente. Tendo separado os discursos por áreas específicas das vidas dos indivíduos vemos que a materialidade, ou o desejo material, está presente sempre nos pedidos e carências por áreas tais como; no âmbito dos sentimentos, nos lares referentes à família, na esfera da prosperidade, na esperança de uma cura e na batalha contra “cadeias malignas” que precisam ser libertas e esses discursos evidenciaram a manipulação das fragilidades e baixo nível educacional dos fiéis. Vejamos o que Lipovetsky (2010) afirma a respeito dos prazeres materiais e da insatisfação existencial que é notada sempre nos discursos acima.

Os ‘Republicanos’, a começar por Rousseau, criticaram o luxo e as comodidades da vida, culpados de corrupção dos costumes e das virtudes cívicas. Os Racionalistas fustigaram a futilidade da moda, o supérfluo e o esbanjamento das sociedades da abundância. Os pensadores aristocráticos ou elitistas exprimiram o desprezo que lhes inspirava uma cultura ‘vulgar’ que fazia triunfar as paixões medíocres. Quanto aos teóricos marxistas, lançaram suas flechas contra o capitalismo da opulência, encarado como novo ópio das massas, uma máquina econômica produtora de falsas necessidades, de passividade alienante e de uma solidão imponente (LIPOVETSKY, 2010, p. 135).

Críticas geram críticas, e dentro do próprio cristianismo surgem as que denunciam uma falsa postura da felicidade do indivíduo perante este tipo de consumo religioso, produzindo o que este mesmo autor chamou de felicidade paradoxal, ou seja, as chamadas farmácias de bem-estar que podem gerar ou não a dita felicidade. Todos almejam uma felicidade ao final da Fogueira Santa, sem se importar com o processo pelo qual será alcançada, e todos os dias surgem novas esperanças e novos tipos de felicidade que os homens buscam a todo momento, fazendo uma peregrinação dos desejos intermináveis do mundo do consumo junto aos eventos propostos pelas dimensões do religioso.

A felicidade não é, evidentemente, uma ‘ideia nova’. O que é, efetivamente, uma ideia nova é a associação da conquista da felicidade às ‘facilidades da vida’, o

Progresso, o melhoramento contínuo da existência material. [...] Recusando o dogma da criação caída e a sujeição do mundo visível aos decretos do invisível, os modernos criaram a religião do progresso, a ideia de um caminho indefinido para a felicidade através do domínio técnico do mundo. O paraíso já não se encontra no outro mundo, mas é prometido aqui mesmo, graças à inteligência e ação inventiva dos próprios homens (LIPOVETSKY, 2010, p.186)

Em suma, a felicidade proposta pela IURD e seus eventos sempre vai se identificar com a mudança material de vida dos fiéis. A proposta da Fogueira Santa em si é de que os indivíduos participantes possam vencer as epidemias e prolongar a esperança, eliminando a miséria e a pobreza, assegurando assim uma suposta felicidade material. Tais ideias não seriam erradas em si, o que se questiona é a ilusão das mesmas, que são divulgadas como se fossem “mágicas” e automáticas, ou seja, falaciosas. Mas, por outro lado também existem aqueles que não obtiveram o sucesso na Fogueira Santa ou nas práticas generalizadas da IURD e são esses que iremos analisar a seguir através dos seus discursos de decepção e frustração.

4.1 DISCURSOS DE FRUSTRAÇÃO E DECEPÇÃO

Os discursos de frustração e decepção mostraram-se estruturalmente diferentes dos discursos dos testemunhos da esperança. O que salta aos olhos do leitor é que os testemunhos do sucesso são monofocados, uniformes, bem redigidos e se apresentam sempre com narrativas fixas em que se alternam dramas pungentes e soluções fantásticas, com tudo isso ocorrendo após o sacrifício da Fogueira Santa de Israel.

No entanto, os testemunhos da frustração e decepção evidenciam relatos informais escritos em redes da Internet, os quais nem sempre são bem redigidos e estruturados em suas redações. São sempre multifocados e percebe-se que foram escritos em forma de desabafos emocionais impulsivos, em contrapartida aos da esperança que foram redigidos com regras linguísticas formais que foram devidamente revisados com o propósito de publicação em livros de circulação mundial, com o explícito propósito de serem utilizados como material de propaganda e marketing.

Além disso, as estruturas narrativas das frustrações e decepções se apresentaram com uma estrutura polissêmica cujos relatos enfocaram diversos ângulos e setores da vida dos depoentes. Também se mostraram como falas críticas por vezes desfocadas da questão da Fogueira Santa de Israel, até porque tais relatos nem sempre se referiram ao fato de as pessoas não terem sido atendidas nessas campanhas.

Inicialmente pensamos que poderíamos encontrar uma relação biunívoca inversa entre esperança e frustração seguida de decepção, mas, depois, ao lermos esses testemunhos consideramos que seria também válido analisar as críticas genéricas dos testemunhos dos frustrados e decepcionados. Os nomes e locais dos testemunhos estão modificados para respeitar a privacidade dos seus autores. É importante notificar aqui que os depoentes receberam um roteiro genérico do pesquisador via Internet e responderam algumas perguntas que serão evidenciadas nos relatos. Como se poderá observar nas entrevistas, com alguns tivemos que retomar o contato pela Internet para complementar os dados.

Conseguimos agrupar os relatos em duas categorias: os testemunhos de frustração e decepção com as Campanhas da Fogueira Santa de Israel; e, os relatos de ex-obreiros da IURD que se decepcionaram tanto com essas campanhas quanto com a estrutura de captação de dinheiro da IURD. O critério de escolha desses relatos foi o de clareza no conteúdo, embora que as redações nem sempre fossem escritas com esmero gramatical.

4.1.1 RELATOS DOS FRUSTRADOS E DECEPCIONADOS COM AS CAMPANHAS DA FSI

DISCURSO 1

Como conheceu a IURD?

Pela minha mãe que começou a frequentar primeiro.

Como tomou conhecimento da Fogueira Santa de Israel?

Frequentando a IURD. A campanha geralmente é de seis em seis meses.

O que te fez participar do evento?

O desejo de querer sair do aluguel.

Qual foi sua oferta de sacrifício?

Participei de três: uma foi \$300,00, outra 800,00 e outra \$500,00.

Qual sua necessidade de atendimento?

Buscava Restauração Familiar e conversão dos parentes e amigos. Mas, isso não era tão essencial, pois conseguíamos pagar o aluguel sempre em dia.

Você foi agraciado com o que esperava?

Não. **Mas depois descobri que me ensinaram errado.** Muitos pastores diziam que mesmo sem termos condições, humanamente falando, **Deus faria o que pedimos.** Agora estou mais consciente que no meu caso, **o que quero não cai do céu.**

O que aconteceu após o resultado da FSI? Você continuou na IURD?

Continuei por mais um ano e meio, mas não participei mais das três últimas antes de eu sair. Não via nada na minha vida e nem das pessoas que estavam mais ao meu redor. Não saí antes, porque **ensinavam que a IURD era a última porta**, que se não sacrificássemos para Deus, daríamos para o diabo (com doenças, miséria etc.). **Isso, meio que criou um medo em mim.**

DISCURSO 2

Como conheceu a IURD?

Conheci a IURD através da minha avó que é até hoje fiel da denominação. Na época eu tinha 11 anos de idade.

Como tomou conhecimento da Fogueira Santa de Israel?

Desde que tive contato soube da campanha de Israel, mas eu pouco compreendia e por ser muito novo **sem ter o que dar, não participava**. Entendi o sentido da FSI anos mais tarde.

Qual foi sua oferta de sacrifício?

Depois que participei fiz muitos "sacrifícios" **eu dava todo meu salário e às vezes o décimo terceiro**.

O que você queria receber?

Você foi agraciado com o que esperava?

Nunca recebi nada, não fui agraciado e isso depois de anos sacrificando.

O que aconteceu após o resultado da FSI? Você continuou na IURD?

Sempre continuava após a FSI porque pensava que ia acontecer o que eu pedia.

Como você se sente com relação à IURD e a FSI?

Sim, me frustrei com tanta enganação e deturpação bíblica. Frustrei-me com a FSI. A IURD prega que se Deus é rico então você como filho tem que ser rico. Uma completa distorção da essência do Evangelho com esse discurso que as pessoas ouvem por anos, as pessoas ficam frustradas e descrentes de tudo, pois passam 10, 20, 30 anos e nada acontece, elas não ficam ricas e geram crentes frustrados com Deus porque acreditaram na IURD.

DISCURSO 3

Participei de várias Fogueiras Santas e o que consegui foi ter meu nome no Serasa por ser avalista em um empréstimo financeiro de uma obreira que tinha que pagar seu voto, senão [fizesse isso] Deus a amaldiçoaria, deixando a coitada quase em estado de surto esquizofrênico. Quase fui "abençoado" com uma gastrite por jejuar em demasia. Conquistei uma antipatia terrível de minha família por causa de tudo isso. Alcancei uma expulsão de casa que mais tarde, arrependido, pedi para voltar aos meus pais. Enfim, como podem ver só "bênçãos" em minha vida advindas da Fogueira Santa.

Meu Deus, **como fui e como vão sendo enganadas milhares e milhares de pessoas. Esse é o "espírito" da Fogueira Santa: "Os profetas enganam o povo. Para os que lhes pagam eles prometem paz, mas ameaçam com guerra os que não lhes dão nada."**(Mq 3:5 NTLH). Sim, para os que forem fiéis em seus votos, paz, bênçãos e desejos atendidos por Deus, mas tem maldição, perseguição diabólica e guerra suscitada pelo próprio Deus que vão alcançar os infiéis que não aceitarem [essas frustrações]. Isso para os membros. **Para os obreiros é muito pior! Durante a campanha, todos os dias se prega fidelidade, ameaçando-os de terem suas vidas "amarradas" se forem "infiéis a Deus", parecendo que os "pastores" oram, quem sabe, até para o diabo afim que suas "pragas" os alcancem.** Mas, passado o período da campanha, os pastores falam que é assim mesmo, que tudo bem, Deus entende e que na próxima vez devem ser mais fiéis ainda. **É uma encenação sem tamanho só para não perder os "otários".** Escandalizou-

se? Eu ouvi da boca de um pastor sair essas palavras. Só quem viveu isso sabe do que estou falando. **E a maior mentira é dita quando as “bênçãos” não são alcançadas. Os pastores e bispos têm a resposta previamente decorada para tal situação: “Seu sacrifício não foi perfeito”.** E isso vem se perpetuando ao longo da Igreja Universal, onde vale tudo para se conseguir tais “bençãos”. **Na IURD, obreiro que não “entra na fé” está em “pecado” ou “esfriou na fé”. Pior são os que não concordam. Esses são rapidamente “limados”, para que, como os pastores dizem, não “contaminem” os outros.** Para obreiros, antes de “subir no altar” para pegar o envelope, todos devem, em uma reunião no escritório pastoral, falar **de quanto será o voto**. Alguns pastores **escrevem os nomes dos obreiros nos envelopes para saber se o tal obreiro foi ou não fiel em seu voto**. Se foi fiel, recebe louvor entre todos; se não, é cobrado pelos pastores até o último centavo. Dão dias a mais para que cumpram, **mentindo à eles que seus pedidos vão a Israel, mas que na verdade são queimados em lixões ou atrás mesmo da igreja**. Cansei de fazer e ver isso. E não me venham falar que tudo que escrevo é amargura de um ex-obreiro que não é verdade. Isso é fato e muitos obreiros, ex-obreiros, pastores, ex-pastores, bispos e ex-bispos da IURD sabem que é verdade e não minto.

Fogueira Santa é um terrorismo psicológico infernal. Hoje, do lado de fora, analisando, os pastores da IURD se valem de “frases motivacionais” do tipo: Você vai vencer! Você é um valente do Senhor! O diabo não pode com você! Tudo posso naquele que me fortalece! O que está em mim é maior do que está no mundo! Falam isso tirando alguns versículos de seus devidos contextos para usarem como “chavões evangélicos”. Cantam verdadeiros “hinos de guerra” para “alavancar” a fé dos desavisados do tipo: “Eu sei que a vitória, a vitória, eu sei que ela é minha. Eu já tomei posse. Determinei, ela é minha”.

Através de um discurso que oferece uma imensa variedade de bens e serviços religiosos, a IURD busca atrair e “segurar” os indivíduos fazendo com que eles se transformem em fiéis, mas, não apenas em um fiel admirador e assíduo aos cultos e sim em um fiel consumidor de suas propostas sacro-mercadológicas. Abaixo analisaremos os três primeiros discursos referentes aos fiéis que não tiveram sucesso em suas investidas na FSI com a ajuda de Weber (*apud* BENDIX, 1986).

Weber analisou a influência de ideias religiosas no comportamento econômico, bem como a influência que o interesse em ganhos materiais e no prestígio social pode ter no desenvolvimento das ideias religiosas... [Fez] análise das relações de autoridade entre os líderes religiosos, seus discípulos e os leigos. Consideradas abstratamente, essas linhas de pesquisa sugerem que os homens em sociedade agem com outros e contra outros, com base em seus interesses materiais e ideais, e, que mantêm uma relação de obediência e autoridade com base em acordos mútuos (WEBER *apud* BENDIX, 1986, p. 229).

Carentes em alguma área de suas vidas, seja no âmbito profissional, sentimental e/ou pessoal, as pessoas buscam um escape que tem uma conotação igual a da “luz do final do túnel”. É essa luz que os tirará da situação problemática que se reflete no tabuleiro de exposição da IURD em

uma super vitrine carismática que atrai a todos que por ali passam. Desejosas e sem muitas disposições para lutarem por conta própria, recorrem à “voz” iurdiana, que soa como música para aqueles desanimados, porque as pregações “apontam” uma possível solução, e é esse discurso que ofusca um aprisionamento religioso da obrigação das contribuições financeiras daqueles que escutam e são atraídos para as catedrais ou congregações. As pessoas, ao chegarem cheias de feridas e agonias, esperam ser atendidas como num “passe de mágica”, com a expectativa de sentimento de atendimento ser imediatista e para isso trocam, vendem e doam o que for preciso para serem atendidos. Como bem observou Neves (2011), esse acolhimento espiritual dos sofredores candidatos a fazerem contribuições atrai pelo fato de não haver tais confortos no mundo real, que explora e exclui.

As necessidades vão de simples pedidos de se libertarem de pagar o aluguel, realização profissional até curas milagrosas de enfermidades descobertas como súbitas e graves, e todo pedido feito na FSI é trocado por uma quantia financeira que irá ser depositada ali neste evento. Quanto maior for o sacrifício do “tudo de cada um”, supostamente maior será a chance de ser agraciado pelos céus. Por criarem uma expectativa imensa e uma esperança instantânea muitos dos fiéis se frustram com a FSI e se decepcionam com a IURD. A empolgação é tanta na hora dos eventos que os desavisados e frágeis fiéis se deixam envolver por uma metodologia alienadora e uma teologia que prega a suposta prosperidade como um ápice da vida do cristão. Como afirma Ferrari (2007, p. 231), “sua mensagem incute na clientela iurdiana que qualquer indivíduo poderá obter sucessos e ser um “homem de Deus e de negócios”, bem sucedido nos empreendimentos terrenos”.

A IURD desenvolveu sobre estes temas estratégias comunicativas que encontram grande receptividade entre a população ávida para obter estes “produtos” escassos no mercado atual. Como já vimos no tópico sobre a propaganda, a naturalização do milagre é a principal estratégia de propaganda, assim, são transformados em objetos reificados pelo discurso religioso e investidos de valor (sobre milagres de prosperidade ver discurso econômico). Uma vez que existem os produtos desejados há que busca-los na IURD, onde são anunciados. Ela tem o poder para conseguir estes bens e este poder é a fé, usada como um instrumento através do qual se obtém o desejado (ALFARO, 2005, p. 79).

Os depoimentos que apresentamos aqui nesta dissertação são de pessoas que buscavam algo para suprir necessidades. Os que têm necessidades financeiras querem ter uma renda maior para obviamente ter um nível de sustentabilidade e fartura material aumentado e assim se manter em um conforto social melhor que já vivera. Esse é o conteúdo repetitivo das preleções e pregações. Há também pessoas que almejam milagres, libertação e cura para que pudessem viver com saúde e serem agraciados, uma vez que a doença e qualquer enfermidade estão ligadas discursivamente “à

influência direta do diabo” na vida daqueles que “não buscam como devem ao Senhor” como mostram as falas das pregações. O interessante é ver que enquanto os fiéis estão ali debaixo das promessas da IURD e conseqüentemente da FSI, o que se prega é que só ali envolto pela graça de Deus que se faz presente nos princípios iurdianos é que as pessoas poderão alcançar o sucesso.

Em outras palavras, as pregações enfatizam que fora desse amplo território religioso não será possível tal êxito. “Pare de sofrer”, esse é o *slogan* difundido pela IURD, mas o que vemos é que, de acordo com esses testemunhos acima, não funcionou muito, pois, além de ainda sofrerem com as necessidades que foram lançadas na FSI, os fiéis ainda foram surpreendidos com as perdas dos sacrifícios feitos em vão. Tudo isso gerou um acúmulo maior das necessidades e carências, causando o afastamento da igreja depois que vivenciaram o processo de gradação da frustração e decepção de sucessivas campanhas sem respostas. Muitos dos líderes da IURD pregam que Deus só ajuda os que estão ligados diretamente a ele por obediência, fé e sacrifício, e essas atribuições estão e fazem parte do âmbito do discurso iurdiano, pois dizem que fora dela o que haverá será o fracasso. É impossível medir a fé das pessoas, o que ficou visível é que além da frustração das campanhas os fiéis sacrificadores ainda foram considerados como responsáveis pelas faltas de respostas “dos céus”, segundo os pastores.

Como se viu nas falas acima, além das frustrações e decepções, ainda existe uma intimidação que reprime e atemoriza os fiéis que querem se afastar desse contexto de expropriação e chantagem espiritual e isso faz com que as pessoas não pensem em desistir de sua caminhada sacrificada, mas esperançosa, dentro das células aprisionantes da Igreja Universal. De acordo com Mariano (2008, p. 72-73), “a Igreja Universal, sem dúvida, é o caso pentecostal mais emblemático da opção denominacional pelas estratégias de mercado e o mais bem sucedido” por causa do peso desses processos.

A IURD se utiliza de vários discursos para gerar essa passividade e esses são planejados para atingir o alvo sem nenhuma expectativa de erro. Podemos chamar essas falas de discursos econômicos, uma vez que o objetivo é utilizar os conteúdos religiosos para enfatizar aspectos financeiros e o que oferece aos fiéis podem ser promessas – vazias - de vida livre dos problemas – seja lá quais forem. E até usam de chavões como persuadir os fiéis, tais como: “Deus é rico e seus filhos também o são, ou serão” e isso causa uma grande esperança comocional de um sucesso ainda nesse mundo. Mas quando isso não acontece gera a frustração e decepção que acabamos de comprovar acima nos discursos. É como afirma Lipovetsky (1994, p.19): “a decepção é diretamente

proporcional ao desejo. Como diz a sabedoria popular, quanto maior a altura, maior o tombo, quem tudo pode desejar tudo pode perder”.

4.1.2 RELATOS DOS EX-OBREIROS E AUXILIARES DE PASTORES

DISCURSO 1

Como conheceu a IURD?

Eu cresci dentro da IURD, minha mãe começou a frequentar quando eu tinha 6 anos. Fiquei lá até meus 20.

Como tomou conhecimento da Fogueira Santa de Israel?

Desde a Escola Bíblica Infantil onde ficavam as crianças. **Lá era ensinado sobre o sacrifício. E pediam para as crianças sacrificarem a mesada, ou, trabalharem com os pais para gerar alguma renda.**

O que te fez participar do evento?

Desde criança fui ensinado que Deus só abençoaria mediante determinado sacrifício, seja ele financeiro ou espiritual.

Você foi agraciado com o que esperava? O que esperava com a participação na FSI?

Em 15 anos de IURD eu participei de todas as fogueiras santas. Não posso dizer que "dei meu tudo" como dizem. **Mas posso me recordar de ao menos duas que fiquei sem nada. Uma eu ficava o dia inteiro no sol vendendo biscoitos para gerar o sacrifício, além de ter dado tudo que me restava no banco na época.**

O que aconteceu após o resultado da FSI?

Após anos e anos vendo que nada ia acontecer e após começar a analisar as escrituras, comecei a me desligar da IURD, saí de obreiro e do Força Jovem. E abandonei 15 anos da minha vida para trás. **Fiquei totalmente frustrado e decepcionado. É muito complicado perceber que muitas das coisas que é pregado lá não contêm nas escrituras.** Sacrifícios, objetos ungidos, dízimos, sacerdócio... **Após começar a me afastar, fui chamado de endemoniado pelo meu pastor,** que disse para eu me afastar de todos os jovens, para não contaminá-los. Estou há 8 meses fora da Universal. Nunca me senti tão bem em toda minha vida. Tão firme em Jesus e sua palavra como agora. Hoje eu sei o que é um encontro com Deus.

DISCURSO 2

A maior vergonha de minha vida, **não é ter sido deliberadamente enganado,** ter permitido que **me usassem em prol de interesses mesquinhos** na IURD, disso eu não me arrependo, já que eu o permiti, e além do mais, nada posso fazer para mudar o que foi vivido. **O que me envergonha, o motivo de todo o arrependimento, raiva, remorso, são as pessoas que eu enganei, são as vidas que eu vi serem destruídas, e nada fiz para mudar. Pessoas que muitas vezes dependiam de uma palavra minha para ajudá-las, e eu omitia esta palavra.** Vou contar alguns casos de Fogueira Santa, que me fazem chorar, não vou citar nomes, em parte por que não me lembro de todos, e também para não expor ninguém. Em meu primeiro contato com a Fogueira Santa foi ainda como obreiro, eu morava na IURD Fergel, uma igreja há muito desativada em

Porto Velho. Um senhor acabara de tornar-se membro de nossa igreja.

Era microempresário, sempre aparecendo nas minhas reuniões das três da tarde. Apesar de ser um membro ativo, sempre ofertando, ele era um ex-viciado em drogas. O pastor Henrique forçou-o a participar das reuniões principais. Veio então a Fogueira Santa. Então, Henrique tomou como base tudo que eu havia lhe contado sobre a vida desse homem como palavra para a reunião. Mas não parou por aí. Fez também inúmeros apelos para que o microempresário pegasse o envelope, e nada. **Este, não aguentando a pressão do pastor, saiu da igreja e voltou para o mundo das drogas.** Desde então, nunca mais tive notícias dele.

Na IURD Liberdade, também na capital, o atual vereador eleito pela igreja, Flávio Lemos, tinha com muita chantagem, passado a frequentar a igreja do Pr. Gomes, onde eu auxiliava. O Gomes babou tanto o cara, o citando verbalmente nas reuniões, que metade dos membros da igreja se afastou, o Flávio não cumpriu o voto na Liberdade [cumprir voto significa fazer oferta em dinheiro]. **O esquema da campanha de Israel é forte, nas grandes regiões, carros são alugados, seguranças contratados, um forte esquema de segurança é armado para proteger o dinheiro. No interior de Rondônia, por exemplo, os pastores trocam de carro com os obreiros, se hospedam em hotéis por até uma semana. O medo de ser roubado é grande, soube de casos de assaltos seguidos de morte em igrejas, de sequestro de pastores, tudo para levar o dinheiro da Fogueira Santa.** Meu pai sempre diz: "Todo ladrão é desconfiado", e eu completo com os que usurparam as igrejas: "Ladrão que rouba ladrão, tem 100 anos de perdão".

DISCURSO 3

Fui da Igreja durante dez anos e nesse período percebi muita coisa estranha na igreja que fui descobrindo aos poucos, **cheguei a virar obreiro da igreja por cinco anos. A IURD não ajuda ninguém**, se chegar alguém pedindo uma cesta básica o pastor não dá e ainda manda a pessoa usar a fé dela. **Os pastores tem uma Porcentagem nas Campanhas tipo: Fogueira Santa. Os Testemunhos da TV e Rádio de prosperidade.** Muitos veem na Igreja os que são obreiros de lá mesmo, pois **muitos são manipulados a darem testemunho pelos pastores e em muitos casos tudo que dizem ter é mentira.** Conheço obreiro que disse ter isso e aquilo e não tem nem um carro para andar, tem obreiros que dão tudo na Igreja de oferta na Fogueira Santa, mas vivem na miséria, morando de aluguel, pegando ônibus, enquanto os Pastores Regionais **desfrutam em viagens e prêmios por atingirem suas Metas, é isso mesmo que leram. Os pastores tem meta mensal de ofertas, se não baterem essas metas eles são colocados no banco ou até mesmo afastados de suas atividades.** Lá é um centro de magia disfarçado, se faz magia prá tudo: Pro Amor, Pró Prosperidade, Pró Cura etc..., a Fogueira Santa é um trabalho de magia, **se a pessoa ficar sem fazer uma vez, ela perde tudo que achava ter conquistado nessa campanha e vai de ralo a baixo, começa dar tudo errado na vida dela, se ela for reclamar com o pastor, o pastor irá dizer que ela não fez o sacrifício perfeito.** Nem o Bispo Macedo faz participação na Fogueira Santa, pois, ele não vende a TV Record e coloca no Altar, pois a mesma está no nome dele, só os bobos fazem. **Se a pessoa desejar sair da Igreja os pastores amaldiçoam as pessoas** dizendo que elas irão

morrer, que o diabo irá matá-las, se a pessoa deixar essa palavra entrar no seu subconsciente e em seu coração, acontece de verdade, pois foi uma praga rogada e Jesus disse que a Palavra tem Poder, é que nem na Macumba, só muda o nome do Deus. Tem pastor que bateu a meta na Fogueira Santa e que ganhou uma viagem com sua mulher pro Caribe e disse pro Povo que iria prá Israel levar os Pedidos do Povo e estava tomando bebida na Praia. Espero que você que está lendo isso não me julgue, **pois não foi fácil me libertar da Universal**. Hoje eu sou feliz, e não preciso usar sal grosso, banho do descarrego, pegar envelope para receber uma dádiva de Deus ou até mesmo fazer Fogueira Santa, minha fé não se baseia nestas coisas, apenas use sua fé em Deus sem se apegar às coisas materiais. E lembre-se de uma coisa: Deus não paga aluguel, Ele já é o dono do ouro e da prata, não precisa do seu dinheiro, ajude aos necessitados, aos que precisam verdadeiramente! E eu espero que um dia seus olhos se abram assim como os meus se abriram. Fique com Deus!

DISCURSO 4

Antes de conhecer a IURD, frequentei esporadicamente a Igreja Católica, onde fiz a primeira comunhão, afirma Felipe. **O encontro com a Universal aconteceu depois de uma briga muito séria com seu pai**, quando ainda era adolescente e morava no interior de São Paulo. Os desentendimentos eram constantes no lar. Embora o meu pai sempre estivesse em casa, era ausente. Não havia demonstração de afeto. Eu sofria muito com isso. Depois de uma briga séria em que meu pai me agrediu fisicamente, fui morar com uma tia. Ela começou a falar da Bíblia, do Evangelho, da IURD e dos pontos em que ela discordava da Igreja Católica. Senti que aquilo “vinha ao encontro do que estava passando”. Eu sofria e precisava buscar apoio. **O convite para ir a Igreja Universal chegou em boa hora. Logo na primeira reunião, o pastor falou sobre relacionamento entre pais e filhos**. Isto me despertou interesse por conhecer mais a igreja. Permaneci na Universal por onze anos. Durante esse tempo vi, na prática da pregação, uma oportunidade de atividade profissional. **Comecei a observar que os pastores andavam bem vestidos, falavam bem e que o trabalho deles era comunicar-se com o povo**. Esse desejo transformou-se em mais que um objetivo – tornou-se uma obsessão em minha vida. Queria ocupar o púlpito e pregar. O meu desejo não tardou em realizar-se. Como eu não estudava nem trabalhava, podia frequentar a igreja diariamente, participar do grupo de jovens e do evangelismo. Meu interesse e meu dinamismo não passaram despercebidos pela liderança. Depois de três meses frequentando a IURD, **num mesmo dia fui batizado e nomeado auxiliar de pastor**.

Hoje, lamento que as coisas tenham progredido daquela maneira: **Eu fui jogado na obra. Não tive nenhuma instrução teológica, nenhum preparo. Não fui separado por um período para estudar, para conhecer a hierarquia da igreja, como ela se divide e qual sua base teológica e doutrinária. Nada disso eu aprendi. Eu me lembro de que, em meu primeiro culto, subi ao púlpito, abri a Bíblia, tremendo de vergonha, e falei para meia dúzia de pessoas. O culto, que deveria durar uma hora, foi realizado em vinte minutos. Quando eu estava encerrando a reunião, um obreiro tomou a palavra e reiniciou a programação. Isso me causou muito constrangimento**.

Devido à falta de treinamento ministerial, recebia muitas repressões dos pastores, o

que me despertava a lembrança das palavras hostis que ouvia do meu pai. Assim, comecei a nutrir pelos pastores que me tratavam com desprezo e dureza, todo o rancor que sentia pelo meu pai. **Comecei a ser transferido constantemente de igreja. O meu relacionamento com a IURD foi além do superficial. Depois de três meses de adesão, fui morar nas dependências dos templos onde servia.**

A rotina de trabalho era estafante. Todos os dias, às 7h, devia abrir a igreja, limpá-la, arrumar os bancos e deixar tudo organizado para as reuniões, que muitas vezes precisei dirigir. Cheguei a afastar-me da IURD duas vezes. Quando voltei, em 1994, pela segunda vez, resolvi cursar o Instituto Bíblico Universal, um tipo de preparação ministerial para os líderes em potencial, que acontece numa igreja de maior porte de uma determinada região. [Descobri que] **A ênfase não está no conhecimento teológico, mas no desempenho dos futuros pastores no momento de pedir as ofertas. Apesar de atender às exigências da Igreja para o pastorado, fui reprovado numa entrevista com um dos bispos.**

Resolvi então abrir uma empresa, sem buscar direcionamento de Deus. Comecei a participar das correntes de oferta, dos dízimos e dos desafios, sempre no intuito de que minha vida melhorasse. Cheguei a entregar à igreja os cheques de meus clientes, somando uma quantia elevada. A gota d'água aconteceu na "Campanha da Fogueira Santa de Israel". O bispo preparou os fiéis para uma doação além do que podiam: **"Você vai dar aquilo que não pode dar. Você vai dar. E a sua vida vai mudar. Mas, se a sua vida não mudar, eu devolvo seu dinheiro"**. Entusiasmado com a promessa, doe uma quantia em cheque e para cobri-lo precisei fazer um empréstimo. Como as coisas não progredissem, lembrei-me da promessa do bispo de devolver o dinheiro. Entretanto, ao contatá-lo, o bispo não só desmentiu a promessa como ouviu dele que sua vida não melhorara por falta de fé. Embora tivesse tentado por todos os meios, nunca recuperei o dinheiro. E finalmente abandonei a IURD.

Temos, nos depoimentos acima duas falas de obreiros e duas de auxiliares de pastores da IURD. Em princípio, todos conheceram a estrutura interna de funcionamento da URD, passaram anos nessa convivência laboral dos bastidores e foram paulatinamente se frustrando com as lacunas entre o que pregam e o que fazem nesses templos. Também expressaram as fragilidades deles e das multidões as quais se viram atraídas pelas práticas de promessas de realização dos sonhos pregados nas campanhas. Ou seja, testemunharam a ineficácia da magia pregada das promessas não cumpridas e dos sonhos não realizados, sendo que ainda foram considerados responsáveis pelas graças não recebidas por suposta falta de fé. Todos os quatro depoentes, ainda embalados com a força dos discursos dessa prática supostamente espiritual, buscaram também nas escrituras bíblicas os fundamentos teológicos das práticas, estudaram os conteúdos contextuais das citações utilizadas e perceberam as contradições entre o que os pregadores falaram e o que fizeram.

Testemunharam também as farsas entre ritos e a sanha dos pregadores pelas altas rendas adquiridas nas campanhas da FSI, sendo que alguns relataram inclusive as metas comerciais de

arrecadação dos pastores, o que é evidência da prática comercial destes templos. Os momentos de maior revelação, que causaram o processo de frustração foram flagrados pelos testemunhos falsos que eles mesmos foram pressionados a fazer ou pela declaração testemunhal fantasiosa de outros obreiros. Além disso, muitas vezes tiveram que fazer doações forçadas, que foram fiscalizadas pelos pastores de patente maior. Todos os quatro manifestaram desconforto e arrependimento por terem compactuado com tais falácias e teatralizações e foram acumulando frustrações de tal forma que terminaram por se decepcionarem e se desvincularem dos templos da IURD.

Os trechos mais contundentes dessas falas se referiram às pressões, chantagens, ameaças e riscos que corriam ao expressarem suas frustrações, até que foram ameaçados e excluídos do trabalho nos templos pelo “perigo” que representavam por saberem dessa realidade, no mínimo antiética, de exploração dos crentes ingênuos e desavisados. Todos os quatro, sem exceção, conseguiram mudar para outros templos e se apegaram a outras expressões fé para se defenderem das pragas rogadas contra eles pelos ministros da IURD.

O autor do quarto testemunho citou inclusive a manipulação trabalhista de explorar o trabalho dele como auxiliar de pastor na limpeza dos templos e ser também pressionado a fazer preleções sem preparo teológico para isso. Tais extorsões foram feitas com base no encantamento inicial desse candidato em participar da estrutura da IURD, já que ele acreditou que teria status, próspera carreira e respeito do público nessa atividade. Nota-se que ele ainda continuou a insistir em participar da FSI, mesmo depois de ter vivenciado as frustrações de não ser atendido nessas campanhas, o que evidencia a sua baixa autoestima e dificuldade em se desvencilhar das magias apregoadas nesses templos, seja por esperança de merecer recompensas, seja por temor às represálias da IURD.

Na estrutura dos quatro testemunhos acima coletados vimos que acontece uma pressão teológico-hipnótica em todos os ambientes da IURD, sendo que não tem muita variação para o discurso iurdiano, é um só, o que vai variar é a abordagem e a linguagem específica para determinados tipos de grupos que frequentam a instituição. E soa tão forte que acabou atraindo alguns dos autores das falas para trabalhar nessa instituição aparentemente envolvida em magia e riqueza supostamente regada com as bênçãos divinas. Os que se ofereceram como obreiros foram pressionados de alguma forma para gerar alguma renda e essa, ser “investida”, ou seja, doada para a Igreja e suas campanhas. Os que aspiraram o cargo de pastor tinham que fazer todo o tipo de trabalho seguindo a regra discursiva de “quanto mais trabalho melhor, Deus quer o seu melhor”,

mesmo que nestes casos não houvesse compensação de natureza trabalhista pelos serviços prestados.

Todos foram embalados pelas ideias e falácias de que a renda tem que vir pelo sacrifício, e este será recompensado por Deus em algum momento de suas vidas, e foi este discurso que incitou que muitos se humilhassem para conseguir algo. Mas, de acordo com o discurso da IURD, tendo como cenário alguns versículos bíblicos isolados, os pastores sempre tiveram respostas para os questionamentos, e nesses casos de humilhação e busca através do sacrifício é de que “os humilhados serão exaltados”, como diz o texto sagrado. Para aqueles que não precisam se humilhar o discurso é de que se tudo está indo “de vento em popa” é porque as doações estão sendo feitas constantemente, e a continuidade das bênçãos vai depender dessa rotina de doações. Se obreiros e fiéis pararem com as contribuições, as bênçãos e as petições cessarão também.

Este é um discurso no qual os fiéis estabelecem uma reorganização semântica sobre o dinheiro, pois quando estes se conscientizam sobre seus direitos como filhos de Deus e os exigem, recebem as bênçãos, descobrem ao mesmo tempo os deveres necessários para obtê-los, o pagamento correspondente. Este processo de ressemantização discursiva produz novos sentidos e significados religiosos, pois quem quer receber tem que dar, e exatamente este ‘dar’ ganha outros significados dentro dessa lógica (ALFARO, 2005, p. 84).

Ferrari (2007, p.141) nos lembra de que “diante das massas carentes, a Igreja Universal trabalha o desejo material e psicológico, justificando-o teologicamente e adequando sua linguagem religiosa à mentalidade pós-moderna”. Todo estímulo psíquico é encapado por um discurso religioso-emocional e tudo é levado para o âmbito da religião como se fosse a última esperança, reforçando assim as bases discursivas da fé de cada um.

A IURD mobiliza os revoltados e os desestruturados que ainda mantêm a chama da esperança, mas vivem sem canais de expressão e sem atendimento das suas carências de toda ordem. A Igreja Universal apresenta-se a estes grupos como um espaço privilegiado, no qual se oferta a possibilidade de saída do “fundo do poço” e de alcance da ascensão social. A proposta iurdiana de uma “escatologia terrena” galvaniza as classes marginalizadas com a alternativa do milagre (FERRARI, 2007, p. 145).

Vale reiterar que, enquanto os carentes e desestruturados mantêm suas esperanças, mas a IURD fatura com seus sacrifícios. Ferrari (2007, p. 144) lembra: “O discurso da IURD mobiliza os indivíduos, mas não responsabiliza a Igreja, porque se não for conseguido um resultado satisfatório, a culpa recai sobre o indivíduo por ter deixado o diabo dominá-lo e gerar dúvidas quanto ao seu merecimento”.

Só depois de um desprendimento mental, com um suposto renascimento teológico e uma verificação maior dos estudos bíblicos, é que esses sujeitos que outrora estavam a participar como fiéis ou como obreiros enxergam a realidade deste contexto falacioso e conseguem se libertar dessa cadeia alienatória impulsionada pelos discursos iurdianos. Esse desprendimento vem carregado de decepções, perdas, lutos e lágrimas dentro dos eventos da IURD, e estes fiéis já marcados pelas perdas e frustrações fazem parte de uma minoria que permanece em silêncio, pois, na grande “feira” neopentecostal sua principal propaganda está relacionada a quem tem vez e voz, que são aqueles que conseguiram aprender as falácias de sucesso nos eventos religiosos dessa ou de outras instituições religiosas. Os depoentes acima conseguiram se libertar de uma empresa religiosa cujo treinamento é realmente de vender seus produtos e só depois das cicatrizes conseguiram enxergar a chantagem que vivenciaram. Pelo visto esses processos são bastante frequentes e regulares.

Divisões e cismas na liderança estão incluídos na maior parte dos históricos pentecostais, e com a IURD não é diferente. Ao longo dos anos, vários bispos, pastores, obreiros e políticos deixaram a IURD revelando, mais tarde, suas experiências e mágoas, bem como Romildo Ribeiro Soares, Valdemiro Santiago e Renato Suhett desenvolveram versões modificadas da IURD e, mesmo assim, criticam sua denominação anterior por algumas de suas práticas e motivações (BLEDSOE, 2012, p. 72).

No tocante a todos os discursos de frustração e decepção apresentados aqui, vemos algo em comum: em todos os discursos não encontramos um afastamento do cristianismo, um mal-estar para com Deus e nem um ceticismo relacionado às escrituras bíblicas sagradas. A frustração e a decepção são com eles mesmos e vivenciadas por eles por causa das expectativas que são depositadas no público pelos ministros da Igreja e em seus eventos. Com base nesses conceitos e reflexões recorreremos à confirmação e esclarecimento de Feuerbach (*apud* DEBORD, 1997):

É sem dúvida o nosso tempo... Preferem a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser...Ele considera que a ilusão é sagrada, e a verdade é profana. E mais: a seus olhos o sagrado aumenta à medida que a verdade decresce e a ilusão cresce, a tal ponto, para ele, o cúmulo da ilusão fica sendo o cúmulo do sagrado (FEUERBACH *apud* DEBORD, 1997, p. 13).

Rosenzweig (1938), afirma que um dos principais desafios dele é a compreensão do construto da **frustração**. Ele a considerou como um fenômeno criado por situações que privam os homens, situações de privação, impedimento de se satisfazerem de algo. Para ele, frustração é: “Algo que ocorre sempre que o organismo encontra um obstáculo, ou uma obstrução, mais ou menos insuperável, no caminho que conduziria à satisfação de uma necessidade vital qualquer” (ROSENZWEIG, 1976, p. 885).

Vemos aqui que há diferentes variantes da frustração, que diferenciam os graus de privação. Vemos também que todas essas considerações possuem algo em comum que é a **necessidade de algo**. Essa necessidade sempre é criada por um desejo de mudança, e a mudança mais comum entre os indivíduos hoje é a de patamar de vida, que leva o indivíduo a mudar sua escala de valores. Então sua comunidade local não consegue entender ou acompanhar esta mudança e aí tal pessoa busca uma prática religiosa que preencha suas necessidades. A mobilidade e ascensão social se dão principalmente através de conquistas na área educacional, financeira, espiritual e social. Além disso, houve as descobertas de contradições e teatralizações dos pastores desta denominação.

Sobre a **decepção** buscamos apoio em Lipovetsky (1994):

Conhecemos as culturas do “aliviamento” e da “Culpabilidade”. No entanto, o hedonismo contemporâneo se conjuga com um clima de ansiedade e violência no relacionamento social, dando origem a um verdadeiro punhal de decepção. Os indivíduos se deparam com imposições contraditórias, que somam à histeria e à excitação provocadas pelo hipercosumismo. [...] a decepção atinge mais intensamente os desejos materiais (LIPOVETSKY, 1994, p.7).

A decepção sempre acompanhou o homem em sua longa estrada pela vida, em toda história ela se fez presente, principalmente no contexto de estímulos consumistas, como afirmou este autor. Ela nasce a partir de uma necessidade correspondente a falta do sentido de ser, a uma insatisfação existente cuja vertente percorre o vasto território da atividade humana. Mas o que vemos hoje é um tipo de decepção inédita que cresce a cada dia mais, e vem crescendo devido a inúmeros fatores, dentre eles: uma suposta liberdade que se estende aos mais variados setores da vida, também por causa da falta de convicção e frequentes alardes de estímulos consumistas.

Mas, não podemos só culpar o estímulo consumista como único meio de decepção relacionado às necessidades humanas, embora seja ele que nos coloque no limiar entre o materialismo perverso e uma possível salvação dos bens da alma e do espírito. Todo desapontamento também é originado das comparações propagandeadas que sempre fazemos entre o que possuímos e o que os outros possuem. Recorde-se que é essa interface que é enfatizada nas pregações dos pastores neopentecostais.

A decepção é mais um sentimento como qualquer outro, geralmente queremos ser quem não somos, queremos ter o que não temos, e isso gera um sentimento de esperança e expectativa, o que não impede uma possível decepção. Os desejos, as necessidades e ainda os anseios sempre andam juntos com a decepção. A expectativa de se sentir realizado, sentir prazer, estar satisfeito com algo geralmente é muito difícil de ser concretizada na sua totalidade, há sempre algo a almejar, a desejar a conquistar, como prega a sociedade consumista.

Um dos fenômenos que alicerça a ideia de uma sociedade decepcionada é o enfraquecimento, a falta de regularidade nas instituições religiosas – campo esse que seria a última porta de busca por um preenchimento de bens e consumo, tanto físico como espiritual. A religião sempre serviu como refúgio, uma garantia, uma referência que apoia e consola o insubstituível. Hoje vemos que a religião deixou de desempenhar o papel de confortadora e difusora de valores éticos que já teve em outras épocas, já que nas preleções iurdianas há mais estímulos para os desejos materialistas. E o que vemos hoje nesses templos são verdadeiras ações de marketing oferecendo sempre sucesso, felicidade e esperança. Será que isso teria algo de errado? Vejamos o que Lipovetsky (1994) afirma:

Quando a felicidade é prometida e todos os prazeres são enaltecidos em cada esquina, a vida cotidiana está passando por uma dura prova. Além disso, a “qualidade de vida” em todos os campos da atividade humana (...) Passou a ser o novo horizonte das expectativas individuais. Quando se põe em destaque um fantasioso de “carência zero” generalizante, como é possível escapar da decepção? Quanto mais imperativos do bem-estar e do bem-viver são fixados como meta imprescindível, mais intransmissíveis se tornam as alamedas do desapontamento (LIPOVETSKY, 1994, p. 6).

O que comprovamos no geral, tocante aos discursos da frustração e decepção, é que as pessoas citadas que vivenciaram tais situações, não desistiram de Deus, nem de seus desejos, nem de suas necessidades, apenas mudaram de templo. Elas foram silenciadas. Essas pessoas não tiveram a mesma oportunidade de expor suas experiências do mesmo modo que os que alcançaram sucesso tiveram, foram excluídos, tirados de cena.

O Deus dos excluídos não é mistério: é evidencia. Não é enigma: é luz. Os excluídos vivem de religião. Literalmente. Religião é, para eles, espaço de respiro. De humanização. De consolo. De sentido supremo. No meio do maior abandono. A fé lhes dá uma identidade secreta. Uma dignidade derradeira: “A final, a gente também é filho de Deus”. Religião é expressão de grandeza. De apelo último. A fé é âncora. Tábua de salvação. UTI moral [...] (Adaptações de “Como trabalhar com os excluídos”).

Como se viu, existe uma rotatividade intercongregacional e muitas vezes essas mudanças são geradas a partir de uma busca dos fiéis por mobilidade social, pela não realização das promessas, buscar uma maior revelação do poder de Deus, além de vários escândalos envolvendo as Igrejas. De acordo com Bauman (1998, 32), “muitos aspectos da vida contemporânea contribuem para se superar a sensação de incerteza: para uma visão do futuro do ‘mundo como tal’ e do ‘mundo ao nosso alcance’”. Vejamos então as reflexões sobre essas questões nas considerações finais a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos aspectos mais importantes desta pesquisa foi dos relatos contundentes **sobre a frustração e decepção dos fiéis** que não foram atendidos nos seus pedidos de resolução de problemas, carências, necessidades e sonhos, os quais foram insistentemente apregoados nos templos da IURD, especialmente durante as campanhas da Fogueira Santa de Israel. Com base nesses fenômenos relatados pela Internet, concluímos que tais processos são primeiramente relacionados com as religiosidades massificadas, especialmente as do Brasil e que ocorrem principalmente nas igrejas neopentecostais.

Como se referem a sentimentos e expressões negativas são sempre ocultados e escamoteados nos templos em que essas campanhas acontecem. Por essa razão primordial coube ao pesquisador elaborar algumas reflexões sobre os dados desta pesquisa aqui apresentados. Em primeiro plano vimos que a IURD não seria a única denominação que utiliza as estratégias de marketing das igrejas neopentecostais, apenas que nosso foco teve que ser circunscrito a ela por uma questão de recorte do nosso objeto.

Vimos, então, que nessas campanhas da FSI há sempre uma grande propaganda que divulga os efeitos positivos das soluções e respostas pedidas e alcançadas pelos fiéis, mas, esta estratégia pode escamotear “uma faca de dois gumes” por causa dos riscos de frustração dos pedidos não atendidos aos quais os poderes discursivos não dão conta de explicar. Esta é a ambiguidade da difusão mercantil entre a doação dos dízimos e uma suposta certeza da resposta positiva dos pedidos feitos às divindades, porque os fiéis se acham no direito de terem o que pediram (e pagaram, vale lembrar) e que nem sempre ocorre. De acordo com as leis do universo mercantil, se houve pagamento por um produto, este produto deve ir para as mãos de quem pagou por ele.

Vimos também que a responsabilidade da negação dos pedidos a Deus recai na suposta falta de fé do pedinte, o que é outra estratégia discursiva dos pregadores. Além disso, a racionalidade do contexto das igrejas raramente se apresenta e, sendo a fé um sentimento, mais do que uma razão coerente, esta fica fragilizada quando os frequentadores são frustrados em seus pedidos e necessidades, o que reforça o poder de manipulação dos pastores e líderes religiosos que os convence a se sacrificarem dando dinheiro para terem seus pedidos atendidos.

Recorremos a Prandi (1996, p. 262), que constatou empiricamente que “as novas religiões crescem na pobreza: 30% dos convertidos ao pentecostalismo são de renda e escolaridade baixa” (PRANDI, 1996, p. 265). Ou seja, o sistema mercantil de troca de ofertas por bênçãos e soluções

são originados por segmentos sociais que, por uma série de razões da estrutura capitalista desigual e excludente, não querem ou não podem buscar soluções de suas vidas precárias no seu próprio trabalho, esforço e dedicação, formação educacional e competência profissional, além da falta de valores éticos sólidos que propiciem suas buscas de ascensão social.

Os teóricos citados no capítulo 2 desta dissertação nos mostraram o quanto o mundo capitalista instiga comocionalmente o consumismo, o que inclui práticas supostamente religiosas que difundem “a busca da felicidade”, bem como evidenciaram o quanto tais aspirações podem ser paradoxais. O que ocorre é que tais segmentos populacionais se tornam cativados pelos discursos atraentes de consolo, inclusão e conforto (verbal) dos pregadores da IURD. As mensagens manipuladoras de esperança analisadas aqui se tornam então uma promessa de alívio para a corrupção, crueldade e violência da expropriação capitalista. Captamos então o funcionamento de uma fábrica religiosa de produção de esperanças que transformam carências em ilusões – sagradas, como lembrou Feuerbach (*apud* DEBORD, 1997) - de felicidade. Recorremos então a Lipovetsky (2006), para esclarecer o que seria essa felicidade, que é almejada através da esperança:

Toda vida das sociedades sobredesenvolvidas se afigura uma imensa acumulação de signos do prazer e da felicidade. Mostras rutilantes de produtos cuja publicidade está repleta de sorrisos radiosos, sol em praias povoadas de corpos de sonho, férias com divertimentos midiáticos: as sociedades opulentas revestem-se de um hedonismo fulgurante. Por toda parte se erguem as catedrais dedicadas aos objetos e ao lazer, ressoam os hinos de bem-estar, tudo se vende sob forma de promessas de volúpia, tudo se oferece numa multiplicidade de opções, com música ambiente que difunde um imaginário de terra da abundância. Neste jardim das delícias, o bem-estar tornou-se deus, o consumo é o templo e o corpo, o seu livro sagrado (LIPOVETSKY, 2006, p. 131).

Vejamos também o que o mesmo autor afirma sobre a decepção e frustração geradas pelo não atendimento das necessidades dos indivíduos.

Decepção, frustração: nos processos intentados contra o universo consumista, a publicidade ocupa, como todos sabemos, um lugar de destaque. “Esfolando” os consumidores, criando necessidades supérfluas, desencadeando continuamente novos desejos de aquisição, identificando a felicidade com os bens de consumo, a publicidade é acusada, não apenas de manipular-estandardizar-cretinizar o indivíduo, como também de ser uma armadilha diabólica que agudiza continuamente a insatisfação das pessoas. Espetáculo eufórico, a publicidade contribui para a propagação de uma miséria psicológica crônica dos seres... (LIPOVETSKY, 2006, p. 147-148).

Nos dias atuais, homens que se dizem representantes de Deus, além de continuarem a prometer o “céu no céu”, prometem metaforicamente também “o céu na Terra”. A expectativa no atendimento tende a ser imediatista, e quando a esperança cristã está lançada em discursos humanos, com traços hipnóticos e supostamente mágicos, a tendência de frustração é maior, talvez

até com risco de ser catastrófica por causa do efeito da violência simbólica da diferença entre promessa e realidade, embora não tenhamos encontrado tal efeito nos discursos do material empírico. No entanto, da perspectiva religiosa massificada, a felicidade se apresenta como produto do marketing alienador religioso através da interface do desejo (egocêntrico) e esperança de um lado, e a possibilidade concreta da frustração e decepção no outro lado.

Kehl (1995, p. 372) lembra que o “desejo é indissociável de sua significatividade, de tal modo que significá-lo é também, de certa forma, realizá-lo. Mas só de certa forma - tanto que ele se repete”. Esta autora, com base na psicanálise freudiana, lembra da ligação do desejo com os conceitos de *eu ideal* e *ideal do eu*. O *eu ideal* é referente ao egocentrismo infantil relacionado com a busca da plenitude representada pela segurança uterina materna. Como a volta ao útero é impossível, as crianças sublimam essa busca e passam a ter muitos desejos egocêntricos, por isso não aceitam ser contrariadas. Se não conseguirem superar esta busca edipiana sublimada tornam-se adultos egocêntricos que são insaciáveis e têm traços de personalidade sombrios, destrutivos e até violentos quando não conseguem satisfazer seus desejos.

Por outro lado, quando os sujeitos superam essa fase de infantilidade, passam então a construir o *ideal do eu* que também é chamado de desejo de realidade ou *fome do mundo*. Essa fome do mundo passará por altos e baixos, a depender dos conflitos que desviarão ou bloquearão o curso da sua libido e criatividade. Kehl (1995, p. 366-367) esclareceu que o ideal do eu se refere aos projetos que incluem os desejos dos outros, de propostas de ações comunitárias, sociais e coletivos. Ou seja, trata-se de um sujeito que se cria na intersubjetividade, cujo desejo é - também - o desejo do outro, além de incluir a libido saudável dos seres humanos. **Em outras palavras, as pregações materialistas e consumistas da IURD estimulam mais o egocentrismo material do *eu ideal* do que a maturidade do *ideal do eu*.**

É evidente que não se pretende explicar as explorações, desigualdades, violências e crueldades do mundo capitalista através das teorias freudianas, mas, por outro lado, damos evidências reflexivas de que há sempre riscos de se manipular com os desejos subjetivos das pessoas, principalmente quando são processados ritual e extemporaneamente através de textos sagrados que são comocionais e perigosamente ilusórios.

Para concluirmos todo esse trajeto do consumismo religioso fomos auxiliados por alguns estudiosos da sociedade de consumo e do consumo dentro da esfera da religião, onde procuramos seguir uma cronologia desde as origens até os dias atuais. De início, Retondar (2007, p. 23) explica que a consolidação da modernidade nos séculos XVIII e XIX foi marcada por um conjunto de

transformações nas práticas sociais, políticas e culturais fazendo com que haja um amplo desenvolvimento da cultura de consumo individualista. Silva (2012, p.6) ainda vai além e afirma que a globalização dissemina a própria cultura, fazendo com que o consumo seja a prioridade dos atores sociais.

Para Bauman (2007. p. 63), a sociedade de consumo tem como base de suas alegações a promessa de satisfazer os desejos humanos em um grau que nenhuma sociedade do passado pôde alcançar, ou mesmo sonhar, mas a promessa de satisfação só permanece sedutora enquanto o desejo continua insatisfeito. Featherstone (1995, p. 121) diz que usar a expressão cultura de consumo significa enfatizar que o mundo das mercadorias e seus princípios de estruturação são centrais para a compreensão da sociedade contemporânea.

Lipovetsky (2007, p. 15) afirma que o hiperconsumidor não está mais apenas ávido de bem-estar material, ele aparece como um solicitante exponencial de conforto psíquico, de harmonia interior e desabrochamento subjetivo, demonstrados pelo florescimento das técnicas derivadas do desenvolvimento pessoal, bem como pelo sucesso. As pregações da IURD no decorrer das campanhas da FSI terminam por envolver perigosamente essas necessidades subjetivas dos indivíduos, e é nesse contexto que as frustrações e decepções se tornam sentimentos de altos riscos já que, a partir da pós-modernidade os prazeres individualistas passaram a ser cultuados massivamente, como enfatizou Featherstone (1995).

Ao penetrar no imaginário das massas, a IURD explora o comocional em nome da fé, recriando fatos religiosos como num passe de mágica, **reduzindo Jesus apenas a um líder messiânico supostamente miraculoso quase igualado aos pastores dessa denominação.** Vejamos o que Edir Macedo nos diz sobre isso:

A IURD tem consciência da supremacia da fé em relação à razão (...). Talvez esse seja um dos aspectos mais importantes que a fazem diferente de outras organizações religiosas. (...) Cristo passou muito mais tempo expulsando demônios e curando miraculosamente as pessoas do que pregando sermões ou distribuindo comida para os pobres (MACEDO *apud* FERRARI, 2007, p.117-118).

Não houve uma destruição, um esquecimento da religião para aqueles que expressaram suas frustrações e decepções com a IURD, o que nos leva a observar que existe um novo tipo de olhar e compreensão deste universo porque o individualismo chegou com ênfase maior do que o coletivo. Todos procuram ser atendidos individualmente, e o que se espera é um atendimento instantâneo para os desejos, o que pode aumentar o vazio de sentido que permeia a vida dos indivíduos. Tudo isso faz parte de um esquema, uma estratégia questionável onde existe um comocionalismo massificante ilusório orquestrado que atinge muitos cristãos não só no Brasil.

Depois que o mercado evidenciou que os discursos do sagrado fascinam, houve um aumento na prática das estratégias de marketing religioso. As transações mercadológicas neste contexto são cada vez mais praticadas e aparecem reformulando valores, modernizando e materializando tudo que vem pela frente. Ou seja, a esfera do consumo religioso está crescendo e nos envolvendo egocentricamente, pois a cada novo desejo criado que se satisfaz, nascem mais e mais outros infinitos para serem atendidos. Neste sentido pode-se afirmar que a IURD representa bem a sociedade capitalista consumista onde foi criada, ainda que não saiba, enquanto instituição religiosa, como administrar a onda crescente de frustrados e decepcionados que vem criando estas violências simbólicas entre suas paredes.

Nunca é demais lembrar que a fé e a espiritualidade aparentemente não fazem mal a ninguém, a não ser que sejam apoiadas no fanatismo agregado à violência, obscurantismo e ignorância. Ousamos acrescentar que a espiritualidade pode até ser associada à arrecadação de dízimos, desde que para isso a religiosidade não seja utilizada para trocas monetárias ilusórias, interesses antiéticos, criação de sonhos alienantes e outras prestigitações “mágicas” feitas através de manipulações das carências e fragilidades humanas.

REFERÊNCIAS

- ALFARD, A. A. P. **Estratégias discursivas de persuasão em um discurso religioso neopentecostal**. Recife. Tese de Doutorado no curso de Pós-Graduação em Letras pela UFPE. 2005.
- ALVES, P. F. M. OLIVEIRA, E. F. de. **O Novo rosto do Protestantismo Brasileiro: Da Tradição ao Neopentecostalismo**. João Pessoa: Manufatura, 2005.
- BARBIERI JUNIOR, W. **A troca racional com Deus: A teologia da prosperidade praticada pela Igreja Universal do Reino de Deus analisada pela perspectiva da Teoria da Escolha Racional**. Dissertação de Mestrado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Paulo, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1997.
- BASTOS, E. C. **Fé & CIA. LTDA**. Consumo religioso na sociedade contemporânea. Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Natal, 2007.
- BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. 4ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- _____. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BENDIX, R. **Max Weber: Um perfil intelectual**. Brasília: UnB, 1996.
- BIBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Editor responsável: Russel Shedd. Tradutor: João Ferreira de Almeida. São Paulo. Ed. Vida Nova, 1997.
- BRUCKNER, P. **A euforia perpetua: ensaio o dever da felicidade**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- CABRAL, E. Movimento pentecostal. **Revista Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- CALVINO, J. Comentário sobre Hebreus 11,1. In: MOLTSMANN, J. **Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã**. São Paulo: Loyola, 2005. p. 33.
- CAMPOS, L. S. **Cultura, liderança e recrutamento em organizações religiosas – o caso da igreja universal do reino de Deus**. Organizações em contexto. Ano 2. Nº 3, Junho, 2006.
- _____. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis e São Paulo: Vozes/Simpósio/UMESP, 1997.

CÉZAR, E. M. L. **História da evangelização do Brasil:** dos jesuítas aos neopentecostais. Viçosa: Ultimato, 2000.

CHAVES, G. da N.; STORNI, M. O. T. **O Aventurar-se na Própria Caminhada:** desvelando histórias de leitura. 2002. Disponível em <http://anpuhpb.kit.net/index.htm>

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo:** Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O Anti-Édipo:** capitalismo e esquizofrenia. Trad. Joana M. Varela e Manuel M. Carrilho. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 1972.

ELIADE, M. **O Sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESTIMA, L. de F. L. **Religião como produto de consumo:** a mercantilização através da fé. Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, 2004.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo.** São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERRARI, O. A. **BISPO S/A.** São Paulo: Ed. Ave Maria, 2007.

FILORAMO, G. e PRANDI, C. **As ciências das religiões.** São Paulo: Paulus, 1999.

FROMM, E. **A Revolução da Esperança:** Por uma Tecnologia Humanizada. Trad. Edmond Jorge. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

GALIMBERTI, U. **Rastros do Sagrado:** o Cristianismo e a Dessacralização do Sagrado. 1ª Ed. São Paulo: Paulus, 2003.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1989.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade Pessoal.** Oeiras: Celta, 1994.

GILBERTO, A. As doutrinas bíblicas pentecostais. **Revista Lições Bíblicas.** Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

GONÇALVES, J. A verdadeira prosperidade. **Revista Lições Bíblicas.** Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

GUERRA, L. D. **Mercado Religioso no Brasil:** competição, demanda e a dinâmica da esfera da religião. João Pessoa: Ideia, 2003.

HAGIN, K. E. **A autoridade do crente.** Rio de Janeiro, sem data de publicação.

HAUG, W. F. **Crítica da estética da mercadoria.** São Paulo: UNESP, 1997.

HOUTART, F. **Mercado e Religião.** São Paulo: Cortez, 2002.

KEHL, M. R. O desejo da realidade. In: NOVAES, Adauto (org.). **O desejo**. 4ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOTLER, P.; FOX, K. F. A. **Marketing Estratégico para Instituições Educacionais**. 1ª Ed. Atlas, 1998.

LIMA, W. Q. de. **Gênero e poder**: o pastorado feminino na Igreja Batista. João Pessoa, Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – PPGCR – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões / CE – Centro de Educação / UFPB – Universidade Federal da Paraíba, 2011.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

_____. **A sociedade da decepção**. Entrevista coordenada por Bertrand Richard. Tradução Armando Braio Ara. Barueri, SP: Manole, 2007b.

MACEDO, E. **Mensagens do meu blog**. Rio de Janeiro: UNIPRO, 2010.

_____. Folha de São Paulo, 01.10.95. In: CAMPOS, L. S. **Teatro, Templo e Mercado**, p. 330. In: FERRARI, O. A. Bispo S/A, 2007, p. 117-118.

MACHADO PAIS, J. **Ganchos, tachos e biscoites**: jovens, trabalho e futuro. 2ª Ed. Porto: AMBAR, 2003.

MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MAUSS, Marcel e HUBERT, Henri. **Sobre o Sacrifício**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MOURA, C. F. **Reação à frustração**: Construção e validação da medida e proposta de um perfil de reação. Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações. Tese de Doutorado. Brasília DF, 2008.

_____. e PASQUALI, L. **Frustração e a Agressão**: Considerações Teóricas sobre os construtos. Manuscrito não publicado. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

NEVES, A. de P. G. de S. **Religião e busca da cura pela fé**. João Pessoa, Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, 2011.

OLIVEIRA, C. **Fogueira Santa**: os mistérios do sobrenatural. Rio de Janeiro: Ed. UNIPRO, 2010.

OLIVEIRA, J. R. de. **A ética protestante e os discursos do misticismo utilitário pós-moderno**. João Pessoa: Dissertação (Mestrado) em Ciências das Religiões – PPGCR – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões/CE – Centro de Educação/UFPB/ Universidade Federal da Paraíba, 2011.

OLIVEIRA, R. C. de. **Tempo e tradição**: interpretando a Antropologia. Brasília, SÉRIE ANTROPOLÓGICA No. 41, 1984a.

_____. **Leitura e cultura de uma perspectiva antropológica**. Brasília, SÉRIE ANTROPOLÓGICA No. 43, 1984b, p. 1-4.

OLIVEIRA, T. S. **O Jogo das dádivas**: Considerações sobre a prática da aposta na Igreja Universal do Reino de Deus. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação em antropologia Social da Faculdade de Filosofia, letras e artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.

ORO, A. P.; CORTEN, A.; DOZON, J-P. **Igreja Universal do Reino de Deus**: Os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003.

ORTIZ, Renato (org.). 1983. *Bourdieu – Sociologia*. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. p.82-121.

PIERUCCI, A. F. **Religião como solvente** - uma aula. São Paulo: Novos Estudos – CEBRAP nº. 75, Julho, 2006.

_____.; PRANDI, R. **A realidade social das religiões no Brasil**: Religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec, 1996.

REIS, J. C. **História & Teoria**: Historicismo, Modernidade, Temporalidade, Verdade. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RETONDAR, A. M. **Sociedade de consumo, modernidade e globalização**. 1ª Ed. São Paulo/Campina Grande: Annablume/EDUEFCG, 2007. v. 1.

REZENDE, C. B.; COELHO, C.. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ROMEIRO, P. **Decepcionados com a Graça**: Esperanças e Frustrações no Brasil Neopentecostal. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

_____. **Evangélicos em Crise**. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

_____. **Super Crentes**. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

ROSENZWEIG, S. Aggressive behavior and the Rosenzweig Picture-Frustration (P-F) Study. **Journal of Clinical Psychology**, 32(4), 885-891. 1976.

_____. The significance of frustration as a problem of research. Discussion Group under the title "Frustration as an experimental problem". **American Psychological Association**, September 8th. 1938.

SCHWERINER, M. E. R. **O consumo e a dimensão das marcas**: Uma análise crítica. Tese de Doutorado pela Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 2008.

SCOTTINI, A. **Dicionário Escolar** - Com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa. São Paulo: Todolibro, 2009.

SILVA, D. F. da. **A influência de Calvino na educação**: um estudo no Colégio XV de Novembro – Garanhuns/PE. João Pessoa, Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – PPGCR – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões / CE – Centro de Educação / UFPB – Universidade Federal da Paraíba, 2010.

SILVA, I. de O. **Relação de consumo religiosa**: a vulnerabilidade do fiel-consumidor e sua tutela por meio do código de defesa do consumidor. São Paulo: Atlas, 2012.

SILVA, W. R. da. **Religião e mídia**: o evangelho segundo a TV. João Pessoa: Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, 2012.

SUNG, J. M. **Desejo, mercado e religião**. 4ª Ed. São Paulo: Fonte editorial, 2010.

STORNI, M. O.; ESTIMA, L. de F. L. A Religião Como Produto de Consumo: Reflexões. **CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Número 15 – Março de 2010. P. 15-28.

_____. e PEREIRA, Miguel. **A Religião, a Mídia e o Segredo do Sagrado**. João Pessoa, I Simpósio Internacional em Ciências das Religiões, Publicação Virtual da Pindorama Records, ISBN 978857745108, 2007.

TAVOLARO, D. **O bispo**: a história revelada de Edir Macedo. São Paulo: Larousse, 2007.

TOURAINÉ, A. **Crítica da Modernidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 41-48.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**: 1780-1950. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

Fontes da Internet

ARAÚJO, K. M. S. de. **Consumo religioso e do sagrado**: “usos e táticas” de fiéis em relação aos produtos simbólicos da IURD. http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=180270 Acessado em: 30/07/2013.

BOGDAN, R. L; BIKLEN, S. K. Investigação Qualitativa em Educação. Porto, 1994. In. CONTEÚDO ESCOLA. 2004. **Gestão escolar**: introdução. Disponível em <http://www.conteudoescola.com.br/site/content/view/42/45/>. Acesso em 03/02/2013.

Blogger Voltando ao Gênesis - **A mentira chamada Fogueira Santa de Israel**. localizado em: <http://edmaisbom.blogspot.com.br/2009/10/mentira-chamada-fogueira-santa-de.html>. Acessado em: 05\02\2014.

CARDOSO, R. Bafafá da fé. São Paulo, **Revista Veja** de 16/12/98. http://www2.uol.com.br/veja/161298/p_149.html. Acessado em: 30\04\2013.

CARVALHO, F. de. **Fé Religiosa X Fé humana**. Disponível em site Porta Luz (porta-luz) www.portaluz.com.br. Acessado em 06\10\2013.

ESPERANDIO, M. R. G. Da ética protestante à ética “iurdiana”: O “espírito” do capitalismo. **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia** Volume 06, jan.-abr. de 2005 – ISSN 1678 6408. Acessado em: http://www3.est.edu.br/nepp./revista/006/ano04n1_04.pdf. Acessado em: 16\07\2013.

FERREIRA, R. C. **A vulgarização do sagrado e a comercialização da fé**. <http://www.cpgls.ucg.br/ArquivosUpload/1/File/CPGLS/IV%20MOSTRA/HUMANAS/2%20-%20A%20Vulgarizao%20do%20Sagrado%20e%20a%20Comercializao%20da%20F.pdf> Acessado em: 13\08\2013.

Fogueira Santa de Israel: **O que é? E como participar?** Universal Recreio: <http://iurdrecreio.com.br/o-que-e/> e <http://iurdrecreio.com.br/como-participar/>. Acessado em: 08\03\2014.

FREUD, J. **Max Weber e a ética protestante e o espírito do CAPITALISMO**. <http://www.consciencia.org/max-weber-e-a-etica-protestante-e-o-espírito-do-capitalismo>. Acessado em: 21\03\2014.

GONÇALVES, S. Campo. **Cultura e sociedade de consumo: um olhar em retrospecto**. São Paulo: Revista: In Revista, ano 3, nº 5, 1Ed. 2008. Revista eletrônica disponível em: http://stanford.academia.edu/S%C3%A9rgioCamposGon%C3%A7alves/Papers/449511/Cultura_e_Sociedade_de_Consumo_um_olhar_em_retrospecto. Acessado em: 17\08\2013.

Grande: Arca Universal, 2009. **Arca Universal**. Menu de informações. Site disponível em: <http://www.arcauniversal.com/>. Acessado em: 08\10\2013.

Grupo fechado: **Igreja Universal e suas doutrinas**. <https://www.facebook.com/groups/igrejauniversalesuasdoutrinas/>. Acessado em: 09\09\2013.

GUERRA, L. <http://www.religares.ufpb.gov.br>, 1999. Acessado em 30\09\2013.

JARDILINO, J. R. **Sedução e Conversão Religiosa num Contexto de Globalização**. Disponível em: < [http://www.pucsp.br/nures/revista 1/jardilino.pdf](http://www.pucsp.br/nures/revista%201/jardilino.pdf)>. Acesso em: 15\03\2013.

LIMA, M. É. de O.; TRASFERETTI, J. O cenário religioso de bens simbólicos: da produção ao consumo. UFRN, 2007. Rastros – **Revista do Núcleo de Estudos de Comunicação**, ano VIII – Nº 8, os 38 a 51. Disponível em: http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/681. Acessado em: 14\07\2013.

LIMA, R. **Teologia da prosperidade**. 2010. Disponível em: <http://www.cadecristo.com.br/2010/06/11/download-gratis-do-livro-a-teologia-da-prosperidade-por-romildo-lima/>. Acessado em: 13\05\2013.

Max Weber e a ética protestante e o espírito do capitalismo. Publicado no Caderno de Programas e Leituras Jornal da Tarde – O ESTADO DE S. PAULO 05/11/1983. <http://www.consciencia.org/max-weber-e-a-etica-protestante-e-o-espirito-do-capitalismo>. Acessado em: 21\03\2014.

MENEZES, P. **Comportamento Agressivo**. Blog virtual disponível em: <http://www.advir.com.br/psicologia/comportamento/agressividade.asp>. Acessado em: 27\04\2014.

O Blog da Turma A. **Sociologia - Afinidades electivas entre o protestantismo e o capitalismo** - Max Weber. <http://ninguemcomonos.blogs.sapo.pt/6758.html> Acessado em: 17\07\2013.

OINEGUE, E. “Só levei 100.000”. São Paulo, **Revista Veja** de 20/08/97. http://www2.uol.com.br/veja/200897//p_009.html. Acessado em: 14\08\2013.

PAIXÃO, R. “As igrejas na mira do fisco”. São Paulo, **Revista Veja** de 03/11/99, edição No. 1622. <http://www2.uol.com.br/veja/031199/pastores.html>. Acessado em: 05\06\2013.

PAIXÃO, R. “Ex-pastores querem indenização trabalhista”. São Paulo, **Revista Veja** de 03/11/99, edição No. 1622. <http://www2.uol.com.br/veja/031199/pastores.html>. Acessado em: 12\06\2013.

PAIXÃO, R. “Maracanã da fé”. São Paulo, **Revista Veja** de 02/06/99. http://www2.uol.com.br/veja/020699/p_132.html. Acessado em: 23\06\2013.

PATRIOTA, K. R. M. P. **Fé na prateleira de vendas: a sedução do marketing religioso**. Recife, 2004, disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/F%C3%A9_na_prateleira_de_vendas:_A_sedu%C3%A7%C3%A3o_do_marketing_religioso. Acessado em: 09\09\2013.

PATSAYEV, G. **Diferenças entre católicos e protestantes**. <http://www.gilbert.wdcom.net/interno.php?id=1209> Acessado em: 30\08\2013.

Perfil Facebook – **Eu odeio a Igreja Universal**. localizado em: <https://www.facebook.com/Euodeioaiurd/posts/524446387649250> Acessado em: 05\06\2013.

PIERUCCI, A. F. **As Influências da Lógica Mercadológica sobre as Recentes Transformações na Igreja Católica**. São Paulo: Rever - n. 2, ano 3 - 2003, http://www.pucsp.br/rever/rv2_2003/t_guerra.htm. Religião como solvente— aula. São Paulo: Novos estudos – CEBRAP nº. 75, Julho, 2006. Acessado em: 10\05\2013.

RIBEIRO, M. C. M. de A. **Cultura de consumo e produção de sentidos no texto publicitário**. Minas Gerais (Data não informada). Disponível em:

http://jararaca.ufsm.br/websites/l&c/download/Artigos/07_L&C_1S/L&C1s07_MariaCl.pdf.
Acessado em: 15\07\2013.

SECCO, E. “O milagre do caixa da Universal”. São Paulo, **Revista Veja** de 03/11/99, edição No. 1622. http://www2.uol.com.br/veja/031199/p_038.html. Acessado em: 05\06\2013.